



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

RITA DE CÁSSIA SILVA

**AS INTERAÇÕES ORAIS EM AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA: DOS PCNs À PRÁTICA EM SALA DE
AULA**

LONDRINA

2004

RITA DE CÁSSIA SILVA

**AS INTERAÇÕES ORAIS EM AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA: DOS PCNs À PRÁTICA EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Regina Maria Gregório

LONDRINA

2004

RITA DE CÁSSIA SILVA

**AS INTERAÇÕES ORAIS EM AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA: DOS PCNs À PRÁTICA
EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Regina Maria Gregório

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Regina Maria Gregório

Prof^a Dr^a Maria do Carmo de O. Turchiari Santos

Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck

Londrina, 17 de fevereiro de 2004.

DEDICATÓRIA

*A meus filhos Guilherme, Carol e Pablo, por
terem bravamente suportado minhas
constantes ausências.*

*A meu companheiro Laércio, pelo amor e pelo
apoio incondicional.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai presente em todos os momentos de minha vida.

À Professora Dr^a Regina Maria Gregório, minha orientadora, pelo incentivo e pela extrema competência com que me orientou durante o desenvolvimento deste trabalho.

Aos Professores Dr. Paulo Galembeck e Dr^a Vera Lúcia Cristóvão, pelas valiosas contribuições dadas durante o Exame de Qualificação.

Às professoras e aos alunos sujeitos desta pesquisa, por sua generosa ajuda ao desenvolvimento de meu trabalho.

À minha mãe, Maria, por tantas vezes ter assumido o papel de mãe de meus filhos, durante o transcorrer do Mestrado.

Às minhas queridas amigas Fátima Otaviano, Ruth Raquel Pesavento e Sueli Rodrigues, por acreditarem em mim.

Aos colegas de turma, pelo apoio e amizade.

Na conversação, o tempo todo um ser humano busca interagir com o outro, chamando-o para a arena verbal, informando-o sobre conteúdos, expondo seus sentimentos e emoções, buscando compartilhar sua experiência de vida, para compará-la com a do outro, avançando nesse interesse, tornando atrás, abandonando estratégias, desenvolvendo na plenitude sua humanidade, graças ao dom da língua.

Ataliba T. de Castilho

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Truncamento	/
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do autor	(())

Observações:

1. Iniciais maiúsculas: não se usam em início de períodos, turnos e frases.
2. Números por extenso.
3. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).

As normas foram parcialmente extraídas de Castilho e Preti (1986). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Vol. II - Diálogos entre dois informantes. São Paulo. T. A. Queiroz/EDUSP, p. 9-10. In: FÁVERO Leonor L. et all. **Perspectivas para o ensino de língua materna**. S.P.: Cortez, 1999.

As referências aos alunos, professoras e nomes das escolas foram organizadas da seguinte forma:

D.V. - Colégio público estadual;

L.S. - Colégio particular;

Professora E - professora da escola estadual;

Professora P - professora da escola particular;

AA. - alunos

A. _ aluno (referência a um aluno cujo nome não foi dito pela professora ou que nas transcrições não conseguimos identificar como sendo um aluno que já participara anteriormente de uma interação oral na aula do dia.);

A1, A2... - cada aluno que participa mais de uma vez nas interações orais na aula do dia;

(**Nome próprio do aluno**) - mantivemos os nomes de alunos citados pelas professoras durante as aulas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
2.1 CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM	23
2.2 ORALIDADE	29
2.3 O CURRÍCULO BÁSICO, OS PCNs E O QUE DIZEM SOBRE ORALIDADE	37
2.4 INTERAÇÃO E APRENDIZAGEM	44
3 CAPÍTULO II - METODOLOGIA DE PESQUISA	47
3.1 AS DUAS TURMAS E AS PROFESSORAS	48
3.2 PROCEDIMENTOS	49
4 CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS DADOS	51
4.1 ORALIDADE COM FOCO NA INTERAÇÃO X ORALIDADE COM FOCO NA TRANSMISSÃO CONTEÚDOS	51
4.1.1 Características tradicionais na professora interacionista	64
4.2 O ORAL X O ORALIZADO	72
4.3 AULAS COM ÊNFASE NA GRAMÁTICA NORMATIVA X AULA CENTRADA NAS INTERAÇÕES ORAIS	79
4.4 A ORALIDADE COMO OBJETO DE ESTUDO	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	95
ANEXOS	100
ANEXO A - Transcrições das aulas gravadas.....	101
ANEXO B - Planejamentos anuais.....	173
ANEXO C - Modelo de questionário aplicado aos alunos.....	180
ANEXO D - Modelo de questionário aplicado às professoras.....	182

1 INTRODUÇÃO

PANORAMA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

São freqüentes, em encontros pedagógicos, comentários feitos por professores das mais diversas disciplinas sobre a facilidade de se ensinar Língua Portuguesa a nossos alunos; afinal, dizem eles, os alunos já sabem falar a língua, embora falem "mal". Complicado, continuam, é ensinar Matemática, Física, Química, pois os alunos nunca tiveram contato com os conteúdos de tais disciplinas.

Paradoxalmente, no entanto, o aspecto que deveria ser facilitador da aprendizagem, torna-se o problema. Para os envolvidos diretamente na questão, professores de língua materna e estudantes, o processo de ensino-aprendizagem é problemático justamente por ser a língua ao mesmo tempo instrumento e objeto de ensino. É comum nossos alunos questionarem por que precisam "aprender português" se eles já sabem falar, como também é habitual que professores respondam que "é para que os alunos comuniquem-se melhor".

Acreditamos ser importante continuar examinando, a despeito dos inúmeros estudos já realizados, o que ocorre em salas de aula de Língua Portuguesa no Brasil, para que professores, em sua maioria, continuem a reclamar que seus alunos não gostam de ler e não sabem falar, e os alunos continuem considerando as aulas ansativas e desinteressantes.

Como sabemos, dominou, incontestável, durante a maior parte do século XX, a crença de que ensinar Língua Portuguesa limitava-se a ensinar regras gramaticais e levar os alunos a memorizá-las. Tal crença levou professores a acreditarem que ao aprender mecanicamente regras e mais regras, o aluno as incorporaria à sua fala. MATÊNCIO (2001),

ao comentar as concepções predominantes de ensino de Língua Portuguesa até o final dos anos 80, reitera que;

De um lado, há os partidários do ensino gramatical tradicional e os defensores do 'bem falar', que argumentam pela necessidade de que os alunos aprendam a sua 'língua-pátria', sem levar em conta a existência de outras variantes (e portanto o relativo desconhecimento da variante padrão por parte dos alunos). Acresce-se a essa posição o desprezo pelo conhecimento das estratégias de leitura e produção de textos, partindo-se do pressuposto de que a linguagem é expressão do pensamento e de que a escrita é transcrição da fala. (p. 67)

Ainda nas décadas de 70 e 80, novas teorias alavancaram a importância da leitura e de produção de textos, negando o ensino de gramática, ou melhor, pregava-se que o ensino gramatical deveria partir do texto. Essa corrente chegou às salas de aula mal interpretada, levando muitos professores a tomarem o texto apenas como pretexto para abordar aspectos gramaticais. Atividades como "Retire do texto os substantivos abstratos ou os verbos que estão conjugados no presente do indicativo" imperavam nos trabalhos com textos e ainda se fazem presentes em muitos manuais didáticos. O trabalho com produção de textos, então denominado redação, consistia tão somente em escrita mecânica, descontextualizada e sem interlocutor. ROTTAWA (1998:417) expõe objetivamente o papel do aluno e do professor nesse contexto:

O papel do aluno era determinado pelo material, cuja atividade a desempenhar se restringia às operações lingüísticas prescritas pelo professor. A atividade de intervenção do professor era a de checar a forma correta dessas prescrições, marcar os erros e orientar os aprendizes para 'bons' exercícios e livros de gramática, um papel somente de examinador, nunca de interlocutor da tarefa escrita do escritor/aprendiz.

A partir do final da década de 80, a concepção de linguagem como interação passou a também ecoar nas salas de aula. O interacionismo parte do pensamento vigotskyano, a zona de desenvolvimento proximal, segundo a qual a aquisição da linguagem é o resultado da interação de um programa mental inato do aprendiz com a linguagem que esse aprendiz

produz quando colocado em contato com um interlocutor com domínio da língua. (cf. RICHTER, 2000: 26).

MATÊNCIO (2001: 68) explica que nessa perspectiva *o contato com novos modelos lingüísticos é privilegiado, seja para o ensino/aprendizagem de leitura e produção escrita, seja para a reflexão sobre a língua*. Ela diz ainda que *essa concepção admite a dimensão socio-histórica do sistema*.

Da mesma forma, as concepções de leitura evoluíram da extração para a construção de sentidos.

Em relação à leitura, ROTTAWA posiciona-se:

A partir dos anos 80, a leitura tem sido pesquisada numa perspectiva interativa, ou seja, a construção dos sentidos em leitura pelos leitores é resultante da interação do leitor com os elementos lingüísticos, textuais e discursivos do texto mais as inferências e o conhecimento anterior - das experiências vividas e das leituras de outros textos. Nessa concepção, o processo interativo tem como pressuposto que a construção de sentidos é um processo dinâmico.

DELL'ISOLA corrobora esse pensamento:

Ler é desencadear um processo criativo em que autor, texto, leitor e contextos interagem permanentemente tendo em vista que um texto nunca está acabado e sempre deixa espaços a serem preenchidos. Nessa perspectiva, configura-se padrão 'ideal' de avaliação a leitura aberta à pluralidade.

Assim, produção de textos (orais e escritos) passa a ser *ponto de partida (e ponto de chegada) de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua*. (GERALDI, 1995: 135)

A produção de textos, enquanto atividade discursiva, pressupõe que o sujeito tenha o que dizer, que tenha uma razão para dizer o que diz, para quem dizer, e ainda que escolha as estratégias adequadas à sua intenção. (cf. GERALDI, 1991: 137)

Finalmente, o ensino de gramática ou reflexão sobre a língua assume uma dimensão diferente da tradicional, ou seja, ao invés de memorização de regras, busca-se, nos recursos gramaticais, a melhor possibilidade de produção de sentidos, sem desvincular esses recursos da leitura e produção de textos, onde efetivamente ocorre a interação.

MOURA NEVES (1990:73), ao encerrar uma série de reflexões sobre o tratamento da gramática nas aulas de Português conclui que

o lugar de observação desses usos são os produtos que temos disponíveis- falados ou escritos- mas é também, a própria atividade lingüística de que participamos, isto é, a produção e a recepção, afinal, a interação.

A perspectiva interacionista parece ser, portanto, a melhor das opções para um efetivo trabalho com Língua Portuguesa. Os próprios cursos de Letras, nos quais formam-se professores de línguas, a partir da década de 60 do século XX, quando incluíram a Lingüística em seu currículo, e a partir da década de 80, quando passaram a abordar as novas teorias lingüísticas, demonstraram a necessidade de mudanças no ensino de línguas. Porém, diversas pesquisas sobre o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa em escolas de Ensino Fundamental e Médio brasileiras constatam que, em sala de aula, a verdade é outra.

Uma dessas pesquisas, de MOURA NEVES (ibid), realizada com 170 professores de 1º e 2º graus (a partir da 5ª série) da rede oficial de quatro cidades de São Paulo, comprova que nas últimas décadas o enfoque das aulas continua sendo tradicional e que predomina o ensino de gramática normativa, principalmente tópicos apresentados pelo livro didático. Atividades como reconhecimento de classes de palavras e reconhecimento de classificação de funções sintáticas figuram entre os mais freqüentemente solicitados pelos professores.

A mesma pesquisa observou, ainda, que a grande preocupação dos professores é enfatizar a opção pelo texto como ponto de partida para o ensino de gramática. Porém, nas entrevistas realizadas com professores, a pesquisadora verificou que "partir do texto" nada mais representa que *retirar unidades (frases ou palavras) para análise e catalogação*. (p. 18)

Quanto à dificuldade dos estudantes para aprender gramática, mais de 60% dos professores alegam que somam-se nos alunos *falta de esforço, falta de interesse, falta de vontade de pensar, falta de maturidade, falta de capacidade de abstração, falta de percepção da utilidade da gramática* (p. 21).

Um dos aspectos mais importantes a considerar ao analisar-se a manutenção do ensino tradicional é a utilização do livro didático. Este é o mais constante e autoritário suporte utilizado pelos professores brasileiros em suas aulas. BRITTO (2000: 252-276) aponta razões para a permanência da ligação entre educação regular e livro didático. Entre elas apontamos as seguintes:

a) A massificação do ensino, motivo pelo qual a escola passou a receber alunos de todos os segmentos sociais, inclusive os mais excluídos. Tal fato exigiu mudanças na prática pedagógica do professor a fim de que se chegasse a um padrão que atendesse a todos os segmentos. Dessa forma, o livro didático apresentou-se como a melhor solução, pois, além de apresentar os conteúdos divididos em capítulos graduais, traz, no livro do professor, as respostas às questões solicitadas, e mais: orientações de como o professor deve conduzir as aulas. Para professores mal preparados e em condições adversas de trabalho, as facilidades oferecidas foram muito bem recebidas.

b) Existe uma crença ingênua, tanto entre professores quanto entre os demais membros da sociedade, de que o livro didático apresenta o resultado de uma espécie de consenso social do conhecimento que todo cidadão deve ter. Portanto, uma vez que é papel

da escola prover os alunos das competências e habilidades necessárias à sua cidadania, novamente o livro didático surge como a melhor opção pedagógica.

c) Vinculada à função da escola como transmissora de conhecimentos sistematizados, vigora a idéia de que, sendo o aluno um sujeito em formação e que, por isso, não detém as informações necessárias para realizar tarefas intelectuais, o uso de materiais seriados, que introduzem os conteúdos gradativamente, prestaria serviço relevante às funções da escola.

Sobre esses aspectos, BRITTO (ibid, p. 254) assevera:

Seu uso supõe um tipo determinado de aula padronizada, em que as atividades propostas se enquadram em unidades temáticas tipificadas, com seções sistematicamente repetidas, pautando o dia-a-dia da sala de aula. Em outras palavras, ao apresentar-se como curso pronto, o livro didático assume responsabilidades antes atribuídas aos professores, tais como o estabelecimento do programa, a organização dos conteúdos e a elaboração dos exercícios. Uma vez que não existe um programa nacional, os livros didáticos acabam por ser os formuladores do currículo efetivo de primeiro e segundo graus.

Diante dessas constatações, pode-se supor que também fica comprometida a reflexão sobre a língua falada nos livros didáticos e, conseqüentemente, na prática pedagógica dos professores. MARCUSCHI (1997), em estudo sobre a concepção de língua falada nos manuais de Português, verifica que:

Mais penosa afigura-se, no entanto, a inserção de reflexão e dados sobre a língua falada. Claudicam a teoria, a terminologia e as observações empíricas. Os autores de manuais didáticos, em sua maioria, ainda não sabem onde e como situar o estudo da fala. A visão monolítica da língua leva a postular um dialeto de fala padrão calcado na escrita, sem maior atenção para as relações de influências mútuas entre fala e escrita. (p. 41)

Como se pode constatar, durante muito tempo na história do Ensino Fundamental no Brasil, privilegiou-se, nas aulas de Língua Portuguesa, o trabalho com a língua escrita, enquanto que a língua oral era relegada a segundo plano, raramente

constituindo objeto de estudo. A fala foi considerada o lugar do erro, e a escrita, principalmente a padrão, alçada à condição de única modalidade aceitável socialmente. Sobre essa questão, concordamos com MARCUSCHI (2001:21), quando diz:

Retornemos, por um momento, a algumas questões relativas à alfabetização, pois será importante constatar que a escrita, após se tornar um fenômeno de massa e desejável a todos os seres humanos, passou a receber o 'status' bastante singular no contexto das atividades cognitivas de um modo geral. Para muitos, o seu domínio se tornou passaporte para a civilização e para o conhecimento. Trata-se de uma tendência a reconhecer valores imanentes à própria tecnologia como tal. Este é um dos mitos a ser combatido aqui.

Nossa graduação em Letras, por exemplo, transcorreu entre os anos de 1983 e 1987, período em que na formação básica (1º e 2º graus), os métodos de ensino eram tradicionais. No caso de Língua Portuguesa, a ênfase era dada aos conteúdos gramaticais vinculados à norma culta da língua. Fazer produção de texto limitava-se a escrever narração, descrição e dissertação. As redações, via de regra, eram escritas sem uma contextualização, o professor estabelecia o tema e aos alunos restava escrever.

Conseqüentemente, também era tradicional a formação do professor de línguas. Em nosso curso, conhecemos Saussure, Chomsky, mas pouco ou nada conhecemos sobre teorias da linguagem que privilegiam a dialogia.

Ao iniciar a vida profissional, também foi a perspectiva tradicional que adotamos com os alunos, e os procedimentos metodológicos pareciam, naquela época, bastante apropriados. Porém, em 1989, ao ingressar na Especialização em Língua Portuguesa, deparamos com novas teorias, que nos suscitaram questionamentos como:

a) As aulas estavam sendo dadas corretamente?

b) Haveria outras possibilidades de trabalho que possibilitassem um envolvimento maior dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa, alguma "técnica" que tornasse as aulas mais atraentes?

c) Como poderíamos levar os alunos a falarem mais em aula, ou seja, como conseguiria motivá-los a se assumirem como sujeitos do processo ensino-aprendizagem?

A partir daí, iniciaram-se as leituras e participações em cursos que, aos poucos, apresentavam-nos outros paradigmas e conceitos, novas possibilidades de trabalho com leitura, interpretação e produção de textos. As novas descobertas eram sempre levadas para a sala de aula e os resultados apresentados pelos alunos agradavam-nos cada vez mais.

Sempre procuramos a interação em sala de aula, tentando levar os alunos a participarem mais ativamente do processo ensino-aprendizagem. Por isso, cada vez mais buscávamos leituras que mostrassem caminhos possíveis para alcançar esse objetivo. Foi assim que conhecemos estudos que enfocavam não só a língua escrita, mas também a falada. Consideramos muito importante a oralidade em sala de aula, não apenas no discurso ensino-aprendizagem, mas também na recriação de situações que seguramente as pessoas encontram em seu cotidiano. Dessa forma, ao mesmo tempo que prosseguíamos a vida profissional, prosseguiam as leituras, as pesquisas e cursos, porém, com um interesse especial na oralidade.

Em 1993, passamos a trabalhar quase que exclusivamente com alunos de 2º grau. Percebemos, infelizmente, que os alunos que ingressavam nesse nível eram cada vez mais desmotivados e pouco participavam das aulas. Oralmente, o envolvimento era quase nulo. O questionamento, então, passou a ser: O que aconteceria nesse período de quatro ou cinco anos entre a entrada do aluno na 5ª série e a sua chegada ao 2º grau? Por experiência própria, sabemos que alunos de 5ª série são extremamente participativos, gostam de interagir oralmente, não apenas entre si, como muitas vezes reclamamos, mas também com o professor. Muitas vezes torna-se mesmo difícil dar a palavra a todos, pois todos querem participar oralmente.

Esperamos que não fique aqui a impressão de que não tínhamos problemas em sala de aula. Ao contrário, como tantos outros professores, também tínhamos e

continuamos tendo dificuldades, dúvidas e inseguranças. Mas, hoje, o maior questionamento refere-se à melhor abordagem da língua falada, que consideramos essencial, por preparar os alunos para a participação em situações mais formais que aquelas com as quais estão mais familiarizados.

Com o surgimento do Currículo Básico para a Escola Pública do Paraná, em 1990, e dos PCNs, em 1998, a modalidade oral da língua ganhou importante espaço nas propostas oficiais de ensino no Brasil. Os professores têm procurado levar para as salas de aula as sugestões ali apontadas, haja vista os planejamentos anuais de Língua Portuguesa por nós observados apresentarem os mesmos pressupostos teóricos e metodológicos que embasam os PCNs, além de não raras vezes, apresentarem a mesma relação de objetivos e conteúdos sugeridos pelos PCNs. Ora, comprova-se que os professores têm conhecimento das propostas e dispõem-se a levá-las para sua prática pedagógica.

Acreditamos que tanto a escrita quanto a oralidade devem ter igual tratamento nas aulas de Língua Portuguesa: a escrita inquestionavelmente já ocupa lugar de destaque; quanto à oralidade, entendemos que a partir do surgimento dos PCNs de Língua Portuguesa, passou a ser focalizada de maneira mais sistemática nas aulas.

Faz-se necessário destacar que oralidade e escrita não constituem dois sistemas lingüísticos opostos ou dicotômicos. Apesar de serem diversas na sua forma de realização (sonoro versus gráfico; oral versus escrita), fala e escrita ocorrem dentro de um continuum tipológico, que provoca um conjunto de variações e não uma simples oposição. MARCUSCHI (2001, p.17), esclarece que,

Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante. As limitações e os alcances de cada uma estão dados pelo potencial do meio básico e de sua realização: som de um lado e grafia de outro, embora elas não se limitem a som e grafia.

Não se pretende, nesta dissertação, abordar as características da fala, ou seja, não se objetiva descrever a fala e os fenômenos inerentes a ela, tais como pausas, silêncios, hesitações. Pretende-se observar o tratamento dado, em sala de aula, à oralidade, como a concebe MARCUSCHI (Ibid, p.25):

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) p. 24, assumem, acerca da oralidade, a seguinte postura:

Acreditando que a aprendizagem da língua oral, por se dar no espaço doméstico, não é tarefa da escola, as situações de ensino vêm utilizando a modalidade oral da linguagem unicamente como instrumento para permitir o tratamento dos diversos conteúdos.

Enfim, qual a importância da oralidade em um mundo cercado pela escrita, e por que a escola deve dar-lhe relevância?

Em primeiro lugar, o ser humano é, antes de mais nada, um ser que fala. Todos os povos possuem uma tradição oral; ao contrário, há povos ágrafos, sem tradição escrita. Novamente, deve ficar claro que não se pretende defender uma superioridade da fala, pois incorreríamos no mesmo erro dos que defendem a supremacia da escrita. MARCUSCHI (1997: 123) enfatiza que *na sociedade atual tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis. Trata-se, pois, de não confundir seus papéis e seus contextos de uso, e de não discriminar os seus usuários.*

Segundo é unânime a posição dos estudiosos em relação à fala na aquisição da escrita nos primeiros anos de alfabetização da criança, pois todos os conhecimentos lingüísticos que ela traz quando chega à escola são relevantes para o ensino formal da língua na escola.(MARCUSCHI, 1993: 10).

KOCH (1997: p. 34-38) esclarece que o modelo de texto falado dominado pela criança interfere em sua escrita. Ao se tratar da referência, por exemplo, percebe-se que, na oralidade, os referentes são recuperáveis pela própria situação discursiva, ou seja, uma série de elementos presentes no contexto permite que os interlocutores compartilhem conhecimentos relativos à situação comunicativa. Assim, é comum em textos escritos por crianças, a ausência de referentes textuais, conforme mostra o exemplo:

Pasou muitos anos O príncipe Completo 20 Anos ele partio pronto o príncipe Chegou. Ai passou 1 ano que ele estava lá. O príncipe teve que Combater um dragão que era Muito Mau... (Adriano, 2ª série, in KOCH, Ibid,p. 35)

Percebe-se, pelo exemplo, que a criança espera que, assim como ela própria, seu interlocutor saiba onde é o **lá** presente em seu texto.

Também é freqüente, nos primeiros anos escolares, o uso de organizadores textuais continuadores típicos da fala: e, aí, daí, então, daí então etc, como se pode observar a seguir:

Era uma vez un castelo abandonado e um dia 2 mininos pobres que tinham passado por lá. Comesaram a reformar o castelo e o tempo foi pasando e a notícia se espanhol e os mininos cresceram e finalmente o castelo ficol pronto os mininos foram entrando e lá dentro tinha 8 cuartos. (Júlia, 1ª série, in KOCH Ibid, p. 36)

É preciso ressaltar, neste ponto, que os conhecimentos lingüísticos trazidos pelos alunos muitas vezes são diferentes da modalidade culta da língua. Assim, é preponderante a aceitação das variedades lingüísticas por parte do professor, para que possa mostrar aos alunos que além da variedade que usam em suas comunidades, conhecerão outras, inclusive a culta, que lhes serão úteis em determinadas situações de comunicação.

Finalmente, não se pode sugerir que apenas o ambiente familiar seja suficiente para que a criança aprenda a fala e que a escola é o lugar em que se deve ensinar a

escrita. Inegavelmente, quando a criança chega à escola ela já sabe falar (salvo em exceções ligadas a distúrbios físicos) e comunica-se bem em situações que lhe são familiares. Entretanto, há uma série de situações comunicativas desconhecidas desse falante que podem e devem ser tratadas nas aulas de Língua Portuguesa. Entendemos que ao sair da escola os jovens se deparam com situações que exigirão deles uma competência discursiva oral não necessária no ambiente familiar e estas devem, portanto, gradativamente ao longo das séries do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, ser recriadas para que os alunos ampliem suas estratégias discursivas.

Entretanto, concordamos com a constatação de MARCUSCHI (1993: 18) quando diz que não é fácil ensinar língua falada. O autor, ao questionar-se sobre a possibilidade de ensinar a fala, expõe quatro possibilidades distintas de abordagem:

a) ensino de formas e estratégias de processamento lingüístico típicos da fala, diversas da escrita, tais como as hesitações, os marcadores, as correções, a entoação, e assim por diante;

b) ensino de boas maneiras de expressão, da oratória e da melhor maneira de se expressar em público;

c) ensino de estilos de adequação oral a contextos específicos, considerando a natureza da situação de fala;

d) ensino da fala culta ou padrão.

Embora o autor considere as quatro perspectivas inapropriadas isoladamente, entendemos que em conjunto todas perpassam o ensino da oralidade. Uma vez que nossa proposta parte das considerações dos PCNs e do que acreditamos ser necessário no tratamento da oralidade, tomaremos como fio condutor da análise a necessidade do ensino de gêneros orais adequados a contextos específicos, considerando a natureza da situação de interação.

DEL RIO (1996: 20) reconhece que

Raras vezes a aula de língua se dedica a ensinar aos alunos quando e em que situações sociais devem empregar uma ou outra estrutura conforme o tipo de interlocutor ou de contexto presente, nem a adequar as formas lingüísticas de acordo com a intenção comunicativa ou os efeitos que se quer produzir nesse contexto.

Dessa forma, não basta ensinar conceitos gramaticais esperando, com isso, desenvolver a habilidade discursiva dos alunos. Os professores precisam estar dispostos a ensinar estratégias discursivas aos seus alunos, caso contrário não avançaremos nesse aspecto do ensino da língua.

Pode-se imaginar que as interações orais proporcionadas por essa abordagem serão falsos modelos de oralidade, por ser a escola um espaço física e socialmente limitado. Com certeza, a falsa oralidade existe, MARCUSCHI (1997: 41) faz o alerta:

*Já observei, certa vez, que a escola realizou uma façanha notável: criou um gênero textual que lhe é específico: **a redação escolar**. Este gênero não tem utilidade alguma fora da escola. É importante alertar desde logo para que a escola não enfatize demasiado um gênero próprio (por ela já criado), ou seja: **a conversação escolar**. Este gênero nunca foi estudado e mereceria uma análise especial.*

Consideramos que em uma atividade em que o aluno é chamado a ler um texto seu ou de outro autor, não há oralidade; existe apenas oralização da escrita. Este é apenas um exemplo de situações chamadas de "atividades orais" em sala de aula, que, embora sejam importantes, na verdade não ajudam a desenvolver as estratégias discursivas necessárias à interação oral.

Atividades como debates e troca de opiniões em sala são situações orais autênticas e extremamente estimulantes, desde que o professor esteja preparado para conduzi-las. No entanto, também deverão ser criadas situações que abarquem os gêneros textuais

propostos no programa de cada série. Mais uma vez, cabe ao professor aproveitar o potencial educativo de cada atividade por ele proposta em sala de aula.

Partindo dessas observações, das orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais acerca do ensino de Língua Portuguesa, e mais especificamente, das diretrizes para o encaminhamento das atividades orais, e também dos planejamentos anuais de Língua Portuguesa das duas turmas foco de nossas observações, propomos, nesta dissertação, a investigação do trabalho com oralidade, em duas turmas de 5ª série. São, portanto, objetivos específicos deste trabalho:

- . investigar a abordagem adotada pelos professores no trabalho com oralidade: se **instrumental**, isto é, a oralidade utilizada pelo professor apenas para transmitir conteúdos, ou **interacionista**, considerando o aluno sujeito no processo ensino-aprendizagem;

- . comparar as atividades desenvolvidas nas escolas pública e particular, a fim de detectar em qual delas o trabalho com oralidade teve avanço mais significativo a partir das orientações dos PCNs;

- . observar a participação dos alunos em aulas nas quais a oralidade é explorada e traçar um paralelo entre estas e as aulas com ênfase na escrita.

Esperamos realizar, posteriormente, discussões com professores de Língua Portuguesa das escolas em que se realizou a coleta de dados, apresentando o resultado da pesquisa e contribuindo, se possível, com subsídios de caráter teórico e metodológico, para o fortalecimento do papel do professor no desenvolvimento da competência discursiva oral dos alunos.

Esta dissertação foi organizada da seguinte forma:

No capítulo I, apresentamos, na fundamentação teórica, as principais concepções de linguagem que subjazem à prática pedagógica dos professores de Língua

Portuguesa como língua materna, para que se compreendam as concepções de língua que delas advêm. Em seguida, fazemos a revisão da literatura relativa ao tema central de nosso trabalho: a oralidade. É ainda neste capítulo que apontamos as principais orientações dos PCNs para o trabalho com oralidade. Tratamos, também, de aspectos referentes ao processo de interação em sala de aula.

O capítulo II destina-se à exposição da metodologia de pesquisa, estabelecendo as razões de sua escolha. Posteriormente, tratamos da seleção dos informantes e de suas características e dos procedimentos para a coleta de dados.

O capítulo III atém-se à análise dos dados. Nele, categorizamos os tipos básicos de interação oral entre professoras e alunos e relacionamos essas formas de interação ao desenvolvimento da competência discursiva oral dos aprendizes.

Finalmente, ocupamo-nos das conclusões sobre o trabalho desenvolvido pelas professoras em sala de aula, além de apresentarmos, amparados em sugestões de estudiosos da oralidade e também em experiências vividas por nós durante quinze anos de magistério, algumas possibilidades de trabalho efetivo com a escuta e a produção de textos orais em sala de aula.

2 CAPÍTULO I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM

Ao utilizar a linguagem, a criança faz uso de recursos que contribuem não só para a interação momentânea, mas para a formação de sua consciência. Toda experiência histórica do homem reflete-se nas formas verbais de comunicação sobre esses conteúdos. O ser humano só se completa a partir de sua interação social. No plano cultural, os membros de um grupo precisam de uma constante recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significados.

Assim, é possível afirmar que ninguém se mantém passivo no que diz respeito ao uso da linguagem; todo sujeito participa interativamente na construção do significado do ato comunicativo.

Concordamos com Bortolotto (1998: 5) quando, ao referir-se às contribuições de Vigotsky para a compreensão do desenvolvimento da linguagem diz que

a partir dessa perspectiva, a linguagem e a consciência deixam de ser tomadas como faculdades naturais humanas, frutos de dons inatos, para constituírem-se em produtos da ação coletiva dos homens, desenvolvidos ao longo de sua história.

Analisando-se a trajetória do ensino de Língua Portuguesa nas escolas brasileiras, especialmente no Ensino Fundamental, constata-se que não há consenso entre educadores a respeito de que teoria lingüística poderia oferecer-lhes melhor suporte e que não há conhecimento profundo sobre as contribuições que poderiam trazer essas teorias; por isso, ecos de diversas correntes lingüísticas acham-se presentes nas atividades de sala de aula, fato que, longe de representar um avanço, confunde e desorienta os professores e em nada contribui para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos.

Por isso, julgamos pertinente apresentar um breve comentário sobre as principais teorias da linguagem que perpassam a prática pedagógica dos professores, além das concepções de língua advindas dessas teorias, para, finalmente, posicionarmo-nos acerca da abordagem mais adequada para o trabalho com a linguagem, especialmente a oral, no Ensino Fundamental.

Como diz ORLANDI (1986: 7), conhecer o funcionamento da linguagem sempre seduziu o ser humano porque *ao procurar explicar a linguagem, o homem está procurando explicar algo que lhe é próprio e que é parte necessária de seu mundo e da sua convivência com os outros seres humanos.*

Desde a antiguidade os homens já discutiam, portanto, as formas de organização da linguagem. Mais recentemente, no início do século XX, foi Ferdinand de Saussure, com o **Curso de Lingüística Geral**, quem apresentou a dicotomia **langue/parole**, dois aspectos constitutivos da linguagem: a língua, sistema de signos, isto é, *um conjunto de unidades que estão organizadas formando um todo* (ORLANDI, ibid, 22-23), e a fala, uso individual e particular da linguagem. Saussure reconheceu somente a língua como objeto dos estudos lingüísticos, por ser ela homogênea; a fala foi considerada, por ele, assistemática e dependente; por isso, foi excluída dos seus estudos. Por essa perspectiva, a língua é considerada um princípio normativo, *um fato social, geral, virtual* (ORLANDI, ibid, 24).

Nos anos 50, Noam Chomsky propôs que fosse dada relevância à teoria nas reflexões sobre a linguagem. Surgiu, então, sua **Gramática Gerativa**, segundo a qual um número limitado de regras geraria um número ilimitado de frases. Chomsky apresentou a oposição **competência/desempenho**, ou seja, para o gerativismo não importa o desempenho do falante em situação real de uso da língua, e sim a competência, que é a capacidade que todo falante tem de utilizar a língua.

Tanto Saussure quanto Chomsky desconsideram a língua em seu uso real, com falantes reais e sócio-historicamente localizados. Ensinar língua, por essas perspectivas, resume-se a apresentar regras gramaticais de um sistema lingüístico fechado, homogêneo e que não prevê variações no sistema.

Nos anos 60, os estudiosos passaram a observar a limitação de teorias que centravam seus estudos na língua enquanto código fechado, a "língua por ela mesma". O foco dos estudos passou a ser, então, o **uso** da língua e o contexto de produção da linguagem.

Para Bakhtin, assim como para Saussure, a língua é um fato social decorrente da extrema necessidade de comunicação do ser humano. No entanto, enquanto para este interessa apenas o objeto abstrato, o sistema homogêneo, o primeiro prioriza a fala, e enfatiza que o processo de enunciação é de caráter social e não individual. BAKHTIN (2002:41) salienta:

Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais(...)

A partir desses estudos, mais do que apenas expressão do pensamento ou simples instrumento de comunicação, a linguagem passa a ser vista como forma de interação entre os homens; ela passa a ser entendida como prática social e nesse sentido a língua só tem existência no jogo que se joga na sociedade, na interlocução, e é no interior de seu funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras de tal jogo. (GERALDI, 1984: 43).

Tomando como referência os aspectos históricos apresentados acima, pode-se, resumidamente (cf. TRAVAGLIA, 2002: 21-23), apresentar o seguinte painel das principais concepções de linguagem:

a) Linguagem é expressão do pensamento, ou seja, é na mente de cada um, através de um ato individual, que se constroem as idéias. Não há, assim, vinculação entre a construção do enunciado e o contexto sócio-histórico em que o indivíduo está inserido. Se a pessoa pensa "bem" se expressará "bem".

b) Linguagem é instrumento de comunicação: através de um código elaborado a partir de regras que devem ser dominadas pelos falantes, um emissor codifica uma mensagem e a envia a um receptor, que a decodifica. Tal concepção encara a linguagem por uma perspectiva ideal, desconsiderando, também, todo o processo e o contexto sócio-histórico de produção do enunciado.

c) Linguagem é processo de interação: por essa perspectiva entende-se que a linguagem não é usada somente para exteriorizar um pensamento ou para transmitir mensagens. Usar a linguagem é, para o indivíduo, forma de interlocução com seus semelhantes. Tal interlocução acontece num contexto sócio-histórico real, perpassada por ideologias que se entrecruzam, opõem-se, completam-se, enfim, dialogam. Logo, a linguagem é um processo dialógico entre sujeitos reais. Nessa corrente de pensamento estão incluídas, mantidas as particularidades de cada uma, teorias como a Lingüística Textual, a Teoria do Discurso, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação, a Semântica Argumentativa e a Pragmática.

Ensinar língua, de acordo com as duas primeiras concepções de linguagem, consiste em ensinar regras gramaticais de um sistema lingüístico fechado, homogêneo e que não prevê variações no sistema. Sendo assim, o enfoque no ensino de língua recai completamente sobre a língua escrita culta; espera-se do aluno que, à medida que passe a dominar regras da gramática normativa, vá "corrigindo seus erros" de linguagem.

Essa postura vincula-se a teorias lingüísticas tradicionais, como as que partem da **perspectiva da dicotomia**, a qual, segundo MARCUSCHI (2001:27-30), divide

língua falada e língua escrita em dois blocos absolutamente distintos; portanto, com características opostas. Essa perspectiva volta-se exclusivamente para o código, prescrevendo uma única norma lingüística, a culta, como padrão. Em suma, considera a fala imprecisa e fragmentária, o lugar do erro.

Pela perspectiva interacionista, o objetivo do ensino de língua passa a ser o desenvolvimento da competência comunicativa. Nessa abordagem, todas as habilidades anteriormente adquiridas pelo aprendiz em sua comunidade são aceitas e respeitadas, estejam essas habilidades ligadas ou não à norma culta da língua. Ao invés de alterar os padrões lingüísticos do aluno, busca-se acrescentar, somar outras variedades, a fim de que ele possa dispor de recursos diversos para as situações de interlocução das quais participará. Obviamente, entre essas variedades estará a escrita culta. TRUDGILL (apud MARCUSCHI, 1993: 8) argumenta que *o dialeto padrão é o mais adequado para a escrita por ser mais vantajoso do ponto de vista social e econômico no momento de o aluno deixar a escola e não por ser a língua 'correta' ou 'apropriada'*.

Assim, além de ensinar-se a produção escrita, a leitura e a compreensão, privilegia-se também a produção oral, agora legitimada pelas novas teorias. MARCUSCHI (2001: 24) conclui que:

Parece que hoje redescobrimos que somos seres eminentemente orais, mesmo em culturas tidas como amplamente alfabetizadas. É, no entanto, bastante interessante refletir melhor sobre o lugar da oralidade hoje, seja nos contextos de uso da vida diária ou nos contextos de formação escolar formal.

Quando se constata que a abordagem interacionista é a mais completa e a que melhores possibilidades de desenvolvimento das habilidades comunicativas oferece, e é este o nosso caso dada a experiência como professora, conclui-se que estudar a palavra ou a frase, apenas, não é eficaz; torna-se essencial o estudo do texto.

Encontramos estudiosos da linguagem que, com seus estudos, ajudam a compor o conceito de texto como também o entendemos.

CASTILHO (1998: 55) assim se posiciona:

Vou entender o texto como o produto de uma interação, que pode ser do tipo 'face-a - face', como na língua falada, ou do tipo 'interação com um interlocutor invisível', como na língua escrita. De qualquer forma, em nosso uso diário da língua estaremos sempre produzindo textos, mesmo sem o saber.

ORLANDI (2001: 73), seguindo pressupostos semelhantes, estabelece o texto como unidade de sentido em relação à situação discursiva.

Por sua vez, MARCUSCHI (1993: 9), ao analisar questões relativas ao texto parte da premissa de que o uso da língua *se dá em textos, sejam eles falados, escritos ou lidos, e não em unidades isoladas.*

Entendidos a linguagem e o texto na perspectiva dialógica, o autor (falante ou escritor) não pode mais ser considerado como a única fonte de sentidos de seu texto, nem tampouco é o leitor ou o ouvinte a única fonte de sentidos de sua leitura. O processo de produção de sentidos passa a ser dialógico, envolvendo os dois em sua construção.

GERALDI (1991: 171) conclui que

É neste sentido que a leitura incide sobre 'o que se tem a dizer' porque lendo a palavra do outro, posso descobrir nelas outras formas de pensar que, contrapostas às minhas, poderão me levar à construção de novas formas, e assim sucessivamente.

Também os PCNs (p. 35) assumem a perspectiva dialógica de trabalho com a linguagem, ao relacionar os conteúdos das práticas de uso da linguagem aos aspectos que caracterizam o processo de interlocução. As orientações, nesse documento, são para que se observem a historicidade da linguagem e da língua, além da constituição do contexto de

produção (sujeito enunciador, interlocutor, finalidade da interação, lugar e momento da produção).

Assumiremos, da mesma forma, posição favorável a adoção da perspectiva dialógica em aulas de língua, entendendo que apenas dessa maneira o aluno pode assumir a palavra e tornar-se sujeito ativo no processo ensino-aprendizagem e desenvolver sua competência discursiva para *falar, escutar, ler e escrever nas diversas situações de interação*. (PCNs, p. 34) E será através desse ponto de vista que serão analisadas as aulas gravadas nas turmas de 5ª série.

2.1 ORALIDADE

Ao longo da história contemporânea, a escrita ganhou espaço tão relevante que, independentemente da teoria a que se recorra para explicar ou justificar seu uso, é consenso que esse modo de produção textual arraigou-se tão fortemente na sociedade a ponto de se considerar socialmente inferior a pessoa que não a conhece ou domina uma variedade diferente da culta.

Segundo MARCUSCHI (1997):

Numa sociedade como a nossa, a escrita é mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Nesse sentido, pode ser vista como essencial à própria sobrevivência. Não por virtudes que lhe são imanentes, mas pela forma como se impôs e a violência com que penetrou. Por isso, friso que ela se tornou indispensável.

A escrita ganhou importância tão grande que as próprias gramáticas e livros didáticos de Língua Portuguesa, de maneira geral, centram sua atenção apenas no estudo dessa modalidade de uso da língua.

Assim, em decorrência de todo o prestígio social alcançado pela escrita, a língua falada foi relegada, por muito tempo, a segundo plano pelos estudiosos da linguagem. Atualmente, entretanto, novas pesquisas comprovam a importância da oralidade como prática social inerente ao ser humano, e que, por mais que evoluam as tecnologias, continuará sendo essencial à comunicação humana.

A esse respeito, assim se expressa MARCUSCHI (2001: 36):

A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa. A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Ela será sempre a porta de nossa iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos.

É, portanto, através da oralidade que os indivíduos se identificam com seus grupos. Não se trata de subestimar a língua escrita, mas de dar à oralidade, no ensino de língua, o seu devido valor.

Apesar de sua evidente importância no processo de interação entre as pessoas, a fala, enquanto produção textual-discursiva oral, até a década de 60 era considerada o lugar do erro e do caos. Características da língua falada, como incompletude, hesitações, pausas e repetições, eram vistos como defeitos, conforme esclarece MAGALHÃES (1992). Enquanto a escrita era considerada a verdadeira forma de linguagem, a fala, por sua estrutura simples e pela dependência ao contexto de produção, não era considerada objeto de estudo.

Atualmente, entretanto, oralidade e escrita são consideradas atividades que se complementam. Assim, a visão dicotômica que colocava fala e escrita em pólos opostos não mais se sustenta. A perspectiva atual, conforme atestam BIBER (apud FÁVERO et al. (2000), e MARCUSCHI (2001), mostra que fala e escrita ocorrem num continuum tipológico que vai do nível mais informal ao mais formal, e que produz um conjunto de variações e não de oposições lineares, como se acreditava. Oralidade e escrita pertencem ao mesmo sistema

lingüístico; diferentes são as condições de produção, assim explicitadas em FÁVERO et al. (2000: 74):

Fala	Escrita
Interação face a face.	Interação à distância (espaço temporal).
Planejamento simultâneo ou quase simultâneo à produção.	Planejamento anterior à produção.
Criação coletiva: administrada passo a passo.	Criação individual.
Impossibilidade de apagamento.	Possibilidade de revisão.
Sem condições de consulta a outros textos.	Livre consulta.
A reformulação pode ser promovida tanto pelo falante como pelo interlocutor.	A reformulação é promovida apenas pelo escritor.
Acesso imediato às reações do interlocutor.	Sem possibilidade de acesso imediato.
O falante pode processar o texto, redirecionando-o a partir das reações do interlocutor.	O escritor pode processar o texto a partir de possíveis reações do leitor.
O texto mostra todo o seu processo de criação.	O texto tende a esconder o seu processo de criação, mostrando apenas o resultado.

Embora não seja objetivo desta dissertação fazer análise da conversação, considera-se importante apresentar elementos básicos do texto conversacional, pois é essa

uma atividade de linguagem amplamente presente na sala de aula e é através dessa forma de interação oral que transcorre o processo ensino-aprendizagem. Portanto, concordando com CASTILHO (1998: 29), consideramos que *é pela conversação que deveriam se iniciar as reflexões sobre a gramática.*

A conversação é uma atividade em que dois ou mais interlocutores participam da interação verbal alternando-se para falar a respeito de assuntos cotidianos. Basicamente são quatro os elementos que organizam a atividade conversacional:

Turno: ... *entendendo-se por turno qualquer intervenção dos interlocutores (participantes do diálogo), de qualquer extensão.* GALEMBECK, 2001:60) A alternância e a sucessão de turnos produz a conversação, apesar de que não existe uma disposição fixa de alternância de turnos. Veja-se, abaixo, um exemplo de turno:

A5: pode circulá?

Prof.: pode circular...

A5: é pra fazê no caderno?

Prof.: ali no livro... então nós temos uma situação de jogo... e o que seria esse som?

(Fragmento extraído da aula do dia 04/06, 5ª série L.S.)

Quando os interlocutores possuem o mesmo direito de iniciar um diálogo, conduzi-lo ou mudar o tópico discursivo ocorre um encontro simétrico; porém, quando um dos interlocutores tem privilégios em relação à condução do diálogo, como escolha e condução do tópico discursivo, tem-se um encontro assimétrico.

Tópico discursivo: *é aquilo acerca do que se está falando* (BROWN e YULE, 1983 apud FÁVERO, 2001: 38). É o tópico que organiza a conversação, uma vez que os interlocutores interagem e, engajados na atividade, sabem quando o tópico está sendo mantido, quando deve ser mudado ou retomado. O exemplo abaixo, das linhas 20 a 36, foram

extraídos por FÁVERO (2001), do inquérito número 360, do tipo D2 (diálogo entre dois informantes), pertencente ao arquivo do Projeto NURC/SP, e publicado em **A linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo** (1987). O tópico discursivo é "Planejamento familiar de L1(locutor 1):

L2: a sua família é grande?

L1: nós somos:: seis filhos

L2: e a do marido?

[

L1: e a do marido... eram doze agora são onze...

L2: ahn ahn

[

L1: quer dizer somos de famílias GRANdes e::... então ach/ acho que::... dado esse fator nos acostumamos a:: muita gente

L2: ahn ahn

L1: e::

L2: e daí o entusiasmo para NOve filhos...

L1: exatamente nove ou dez...

L2: ()

L1: é e:: mas... depois diante das dificuldades de conseguir quem me ajudasse... nó::s paramos no sexto filho...

L2ahn ahn

L1: não é?... e... estamos muito contentes e...

Marcadores conversacionais: são elementos lingüísticos e não-lingüísticos que ajudam a promover a interação entre os interlocutores e que podem ser produzidos pelo

falante e também pelo ouvinte. Mesmo sem fazer parte do *conteúdo cognitivo do texto* (URBANO, 2001: 85), dão coesão e coerência ao texto falado.

Os marcadores lingüísticos podem ser:

. **verbais: lexicalizados:** como *sabe?, eu acho que, entende?*

Não-lexicalizados: como *ahn... ehn...*

. **prosódicos:** as pausas, as entonações, o ritmo, a velocidade, o tom de voz.

Marcadores não-lingüísticos são o olhar, os gestos, o riso, importantes na conversação face a face, pois regulam as relações entre os interlocutores, uma vez que um olhar, por exemplo, pode mudar o rumo de uma conversação.

Pares adjacentes: constituem-se de dois turnos emparelhados como pergunta/resposta, saudação/saudação, convite/aceitação ou recusa. Os pares adjacentes controlam as ações dos interlocutores e funcionam, inclusive, como introdutores do tópico discursivo. O exemplo a seguir ilustra o par pergunta/resposta, que destacamos por ser o par adjacente mais presente em sala de aula e através do qual acontecem os eventos interativos nesse ambiente:

L2: a sua família é grande?

L1: nós somos:: seis filhos

(NURC/SP D2 360:21, p. 136, in FÁVERO et al, 2000, p, 51)

Cabe ressaltar, ainda, que os textos falados dividem-se em dois grupos no que diz respeito à participação dos interlocutores na produção do discurso. MARCUSCHI (1993: 42) divide-os em **diálogos** e **monólogos**.

DEL RIO (1996: 20) usa outra terminologia: ao primeiro grupo chama **discurso oral poligestionado**, e ao segundo, **discurso oral monogestionado**.

STEGER (1983, apud MARCUSCHI, 1993: 46) propõe uma divisão em tipos básicos de interação comunicativa:

- a) **monólogos;**
- b) **diálogos simétricos;**
- c) **diálogos assimétricos;**
- d) **ações (desacompanhadas de linguagem).**

Independentemente das diferenças de terminologia empregada por cada teórico, há em comum entre eles o fato de considerarem, para fins de classificação e análise, o número de falantes, a natureza de sua participação na interação, além da relação de poder que se estabelece entre eles.

De maneira geral, tais formas de interação oral **(a)** ocorrem em sala de aula de língua materna ou **(b)** deveriam estar presentes no ensino de língua materna, como mostraremos, posteriormente, em capítulo destinado à análise dos dados coletados.

Monólogos são textos em que apenas um falante organiza todo o discurso, detém o turno conversacional praticamente o tempo todo, embora deva observar seu interlocutor e suas reações a fim de fazer mudanças necessárias à consecução de seus objetivos. Entre os exemplos de monólogos estão a conferência e o sermão.

Diálogos simétricos ocorrem quando existe uma alternância regular de turnos entre os interlocutores, que se alternam nos papéis de falante e ouvinte. O texto falado, neste caso, é produzido cooperativamente e os envolvidos são responsáveis pela construção do discurso. Debates e conversas informais são exemplos desse tipo de interação.

Diálogos assimétricos são aqueles em que não existe relação de igualdade de poder entre os interlocutores, ou seja, um dos interlocutores sempre terá o domínio da palavra, permitindo ou não ao outro a participação na construção do discurso. A aula é uma situação discursiva em que, muitas vezes, predomina o diálogo assimétrico.

Estabelecidas as condições de produção da fala e da escrita, trataremos, a partir de agora, especificamente da fala, como forma textual-discursiva oral, e da própria oralidade, como prática social interativa.

Como já foi explicitado anteriormente, ao se analisar a língua falada, é preciso conhecer suas condições de produção. URBANO (2000: 19), explica que,

Na comunicação falada, o falante utiliza a linguagem verbal, mergulhada e amparada no contexto todo que o cerca, desde o paralingüístico, representada pela entonação, ritmo etc., até o extralingüístico, representado pela paralinguagem dos próprios corpos do falante e ouvinte (traços fisionômicos, gestos, postura etc.) e/ou pelo próprio referente situacional ou ambiente físico e social comum, como verdadeiro complemento da linguagem verbal e elemento da produção comunicativa.

A língua falada é dialógica, assim como a escrita. No entanto, na modalidade oral os interlocutores estão em presença, face-a-face (a conversa telefônica é uma exceção), em contextos reais, de forma que locutor e interlocutor tornam-se co-autores do texto.

Outra característica da língua falada é que seu planejamento e execução são simultâneos e ocorrem em tempo real; os atos de fala não são apagados e toda a “arquitetura” de formulação do discurso mostra-se ao interlocutor. Dessa forma, fenômenos como a hesitação, as repetições e as digressões, considerados defeitos da fala pelos teóricos tradicionais da linguagem, tornam-se perfeitamente normais quando se considera a instantaneidade de produção do ato de fala.

A presença dos traços paralingüísticos, como entonação, ritmo e gestos complementam muitas informações ou mesmo possibilitam a omissão de palavras e até de frases inteiras.

URBANO (ibid, 102), a esse propósito, esclarece: *Com efeito, na língua falada efetua-se uma descodificação mínima, suficiente, mesmo elipticamente, pois 'o*

contexto e a situação permitem negligenciar uma parte do enunciado, sem comprometer sua compreensão'.

Outro aspecto a ser salientado é que o falante observa e monitora as reações de seu interlocutor, e pode, dessa forma, reformular sua fala e adotar atitudes lingüísticas mais adequadas ou dar explicações complementares a seu interlocutor.

Finalmente, a língua falada possui características fonéticas, sintáticas e lexicais diferentes das características da língua escrita, que não serão aqui tratadas visto não serem objeto de análise desta dissertação.

A partir das concepções de língua e de texto como práticas sociais, e observando-se os novos paradigmas da educação, torna-se fundamental desenvolver, em sala de aula de língua materna, o trabalho com oralidade. Tal necessidade decorre do fato de que os alunos devem aprender a adaptar seus recursos lingüísticos e paralingüísticos às mais variadas situações comunicativas, não apenas na esfera escolar, mas, em outras esferas de que farão parte (trabalho, universidade, entre outras) considerando-se os contextos e propósitos em que estarão envolvidos. Sobre esse necessidade, DEL RIO (1996:18), assim se manifesta:

O trabalho de língua oral na escola não pode ter como objetivo único ensinar aos alunos a teoria sobre o que seria saber se expressar com correção fonética e morfossintática, pois tal conhecimento normativo dos aspectos formais, embora importante, não é suficiente. O trabalho psicopedagógico da língua oral inclui, também, ensinar aos alunos o emprego social da língua oral, habilidades ou competência comunicativa, ou seja, ensinar a comunicar-se com eficácia.

2.3 O CURRÍCULO BÁSICO, OS PCNs E O QUE DIZEM SOBRE ORALIDADE

Quando se faz uma retrospectiva das propostas de ensino de Língua Portuguesa em nosso país e, mais especificamente no Paraná, constata-se que as orientações sobre o trabalho com oralidade em sala de aula não são recentes, ou seja, não é uma “novidade”

apresentada pelos PCNs, de 1998. Propostas acerca do trabalho concreto e efetivo com a linguagem oral já eram apresentadas no Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná, de 1990.

O Currículo Básico, em capítulo dedicado à Língua Portuguesa, propõe o ensino da disciplina a partir da perspectiva interacionista, e percebe a linguagem como sócio-historicamente construída. Nessa perspectiva, a linguagem é utilizada pelo sujeito na sua própria constituição e também para articular as relações que ele estabelece com o mundo. A perspectiva assumida nesse documento (p. 50), é a de que

Perceber a natureza social da linguagem, enquanto produto de uma necessidade histórica do homem, leva-nos à compreensão de seu caráter dialógico, interacional. Em outras palavras, tudo o que dizemos, dizemos a alguém e é esse interlocutor, presente ou não no ato da nossa fala, que acaba por determinar aquilo que vamos dizer. Nossas palavras dirigem-se a interlocutores concretos, isto é, pessoas que ocupam espaços bem definidos na estrutura social. Mais do que isso, as nossas idéias sobre o mundo se constroem nesse complexo processo de interação.

Amparado nessa perspectiva interacionista de linguagem, o Currículo Básico propõe a criação, em sala de aula, de situações que levem o aluno a construir seu próprio discurso, com um estilo particular objetivo e fluente na exposição de idéias e na defesa de pontos de vista.

A fim de atingir esse objetivo, propõe os seguintes conteúdos (p. 57):

Relatos (experiências pessoais, histórias familiares, brincadeiras, acontecimentos, eventos, textos lidos (literários ou informativos), programas de TV, filmes, entrevistas, etc.);

Debates (assuntos lidos, acontecimentos, situações polêmicas contemporâneas, filmes, programas, etc.);

Criação (histórias, quadrinhos, piadas, charadas, adivinhações, etc.).

Embora incipiente, o tratamento que se busca dar à língua falada, apresentado nesse documento, pode ser considerado inovador quando comparado aos modelos

tradicionais de ensino, uma vez que considera o aluno como sujeito do processo ensino-aprendizagem, isto é, o aluno deixa de ser aquele que recebe passivamente regras gramaticais de uma língua morta, para tornar-se produtor de seu próprio texto, com intenções e interlocutores reais. Além disso, a proposta não considera apenas e tão somente a língua escrita padrão como objeto de ensino, mas entende as aulas de Língua Portuguesa como *espaço de debate permanente, num local onde o aluno deverá **escutar a voz do outro** e, ao mesmo tempo, adequar o seu discurso ao outro.*(Currículo Básico, p. 54).

Uma primeira conclusão a que se poderia chegar a respeito do Currículo Básico é de que as propostas ali apresentadas efetivamente passaram a fazer parte da prática pedagógica nas escolas públicas do Paraná, já que a reestruturação curricular foi um trabalho que envolveu não apenas técnicos da Secretaria de Estado da Educação do Paraná. O trabalho envolveu também educadores do Paraná, os quais participaram das reflexões e discussões sobre os aspectos teórico-metodológicos que fundamentaram a reformulação e reorganização dos conteúdos de ensino de 1º grau.

Recentemente, mais especificamente em 1998, passaram a circular, nos meios educacionais, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o mais novo documento oficial referente às diretrizes a serem tomadas pela educação brasileira.

Percebe-se que ocorreu um significativo avanço, quando comparados o Currículo Básico e os PCNs, pois esse último documento não se direciona apenas às escolas públicas do Brasil, ou seja, também as escolas particulares encontram nele orientações que apóiam as discussões sobre a educação e a prática pedagógica.

Este trabalho passará, a partir deste ponto, a referir-se apenas aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o terceiro e quarto ciclos (5ª a 8ª séries) do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa, que propõem constituir-se referência para as discussões curriculares da área e indicam como um dos objetivos do Ensino Fundamental (p. 7):

Utilizar diferentes linguagens – verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio de produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação.

Os PCNs amparam-se na concepção discursiva da linguagem, ou seja, entendem a linguagem como uma ação entre sujeitos, determinada pelo contexto sócio-histórico em que estão inseridos. Isso implica dizer que todo discurso é organizado a partir das intenções do sujeito e do conhecimento que tem a respeito do seu interlocutor.

Entende-se, assim, que também a concepção de língua preconizada pelos PCNs avança da visão tradicional que apresenta a língua como um sistema fechado, acabado e monolítico, para *um sistema de signos específico, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade* (PCNs, p.20). POMPÍLIO et al. (2002:95), esclarecem que nessa teoria, *a língua é viva, produzida na história e, ao mesmo tempo, produtora da história dos homens. Ela é revelada/constituída nas diversas enunciações que têm lugar nas diferentes situações sociais, pelos gêneros do discurso.*

Partindo, então, dessa visão discursiva de linguagem, os PCNs propõem, como unidades básicas de ensino não o fonema, a palavra ou o sintagma isolados, mas o texto enquanto manifestação verbal do discurso (p. 24):

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaborados e abstratos, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada.

Em relação ao trabalho com oralidade, de acordo com os PCNs, a “interação dialogal” entre professor e alunos em sala de aula é importante para a construção do conhecimento, pois nessa interação ocorrem trocas de informações, confrontos de opiniões e

negociação de sentidos. Entretanto, apenas essa forma de oralidade, ainda conforme os PCNs, não é suficiente, pois não contempla todas as exigências dos gêneros orais.

Cabe, assim, à escola propiciar situações de interlocução nas quais o aluno possa utilizar a linguagem oral para planejar e executar atividades públicas como debates, seminários e apresentações teatrais, sempre considerando a adequação da linguagem às situações nas quais estará envolvido, desde as mais informais às mais formais. Sobre esse aspecto da oralidade os PCNs (p. 25) dizem:

nas inúmeras situações sociais do exercício da cidadania que se colocam fora dos muros da escola – a busca de serviços, as tarefas profissionais, os encontros institucionalizados, a defesa de seus direitos e opiniões – os alunos serão avaliados (em outros termos, aceitos ou discriminados) à medida que forem capazes de responder a diferentes exigências de fala e de adequação às características próprias de diferentes gêneros do oral.

Os conteúdos de Língua Portuguesa, nos PCNs, são organizados a partir de dois eixos principais:

- . uso de língua oral e escrita;
- . reflexão sobre língua e linguagem.

Em relação ao primeiro eixo, os PCNs orientam para um trabalho baseado na noção de gêneros textuais, de acordo com as concepções de linguagem e língua expostas anteriormente. Ou seja, ensinar língua significa ensinar diferentes gêneros do discurso, pois todo texto é organizado no interior dum determinado gênero de acordo com as intenções de comunicação, como parte das condições de produção dos discursos.

Dessa forma, as propostas dos PCNs evoluem de propostas com tipologia textual, que prevê a divisão de textos em narrativos, descritivos e dissertativos, para a abordagem dos gêneros do discurso.

De acordo com MARCUSCHI (2002: 22-23), **tipo textual** é a designação para uma construção teórica caracterizada pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). São tipos textuais a narração,

a argumentação, a exposição, a descrição e a injunção. Já os **gêneros textuais** são realizações lingüísticas marcadas por características sócio-comunicativas. Marcuschi ampara-se nas posições defendidas por BAKHTIN (1997) e BRONCKART (1999), que observam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em aspectos formais apenas.

Para BAKHTIN (1992: 279), os gêneros do discurso variam tanto quanto as esferas da atividade humana e a utilização da língua ocorre através de enunciados orais ou escritos, concretos e únicos. Uma vez que as esferas de atividade humana são incontáveis, também o são os gêneros do discurso. Quanto mais evolui cada uma das esferas, mais se amplia a variedade de gêneros. Esses gêneros vão desde uma curta réplica de diálogo cotidiano e o relato familiar até o mais volumoso romance. Bakhtin define, então, os gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados por cada esfera de utilização da língua.

BRAIT (2003:16), ao refletir sobre as possibilidades de ensino a partir dos gêneros do discurso, pondera que

Na medida em que o conceito de linguagem e de ensino privilegiados envolvem indivíduo, história, cultura e sociedade, em uma relação dinâmica entre produção, circulação e recepção de textos, os conceitos de gêneros discursivos e tipologias textuais, feitas as devidas diferenças e observado o diálogo constitutivo que os une, contribuem para um trabalho efetivo com a língua e a literatura, tanto no que diz respeito a suas estabilidades quanto instabilidades, provocadas pelas coerções do uso nas diversas atividades humanas em diferentes momentos históricos.

Os PCNs (p.57) sugerem os gêneros orais e escritos que devem ser privilegiados no trabalho de produção de textos. Apresentaremos, a seguir, os gêneros orais sugeridos para o 3º e 4º ciclos, por estar aí incluída a 5ª série (3º ciclo), objeto de nossa observação e análise.

Literários –

- canção
- textos dramáticos

De imprensa

- notícia
- entrevista
- debate
- depoimento

De divulgação

- exposição

científica

- seminário
- debate

Para se chegar à produção desses gêneros, são apresentadas as seguintes sugestões de estratégias (p. 58):

- . planejamento prévio da fala em função da intencionalidade do locutor, das características do receptor, das exigências da situação e dos objetivos estabelecidos;
- . seleção adequada do gênero, de recursos discursivos, semânticos e gramaticais, prosódicos e gestuais;
- . emprego de recursos escritos (gráficos, esquemas, tabelas) como apoio para a manutenção da continuidade da exposição;
- . ajuste da fala em função da reação dos interlocutores, como levar em conta o ponto de vista do outro para acatá-lo, refutá-lo ou negociá-lo.

O trabalho com oralidade deve, conforme os PCNs, partir da escuta crítica de textos orais reais (por exemplo, entrevistas e debates na televisão gravados em fita cassete ou videocassete), de acordo com os gêneros que estejam sendo estudados, observando-se suas características, características dos interlocutores e nível de linguagem adequado aos objetivos. Posteriormente, passa-se ao trabalho de produção de textos orais, como teatros, debates,

entrevistas, entre outros, pois uma vez que os alunos têm menos acesso a esses gêneros nos usos espontâneos da linguagem oral, é fundamental desenvolver, na escola, uma série de atividades de escuta orientada, que lhes permitam construir, *progressivamente, modelos apropriados ao uso do oral nas circunstâncias previstas* (p. 68).

O estudo dos gêneros textuais, entretanto, ainda é bastante recente, e mesmo entre os teóricos existe o consenso de que é campo pouco explorado e com muitas pesquisas a serem realizadas. Por isso, nesta dissertação, não daremos especial atenção à nomenclatura empregada pelos professores em sala de aula. Interessa-nos, sobretudo, verificar **se** e **como** vem ocorrendo o trabalho com oralidade após a vigência de documentos oficiais como os já citados Currículo Básico e PCNs. Não se pretende aqui levantar as falhas desses documentos. Possivelmente eles as possuam, mas, neste momento da educação brasileira, os PCNs, principalmente, apresentam propostas interessantes que podem apontar caminhos para que os professores avancem no trabalho com a linguagem, e é a este aspecto que gostaríamos de nos referir.

2.4 INTERAÇÃO E PARENDIZAGEM

Faz parte da tradição escolar acreditar que, em sala de aula, deve existir uma hierarquia rígida, assim delimitada: o professor é aquele que sabe e ensina e que, por conseguinte, detém a palavra; o aluno é o ser que não sabe, por isso deve manter-se passivo e ouvir tudo aquilo que o professor tem a lhe ensinar. Concordamos com o fato de que no processo ensino-aprendizagem o professor é o par mais competente. Entendemos, ainda, que nas relações sociais de sala de aula, o professor detém o poder; seu discurso é de poder, pois controla o objeto de estudo e a organização das aulas e dos conteúdos. Isso, entretanto, não significa que o aluno nada tenha a dizer; ao contrário, ele deve ser um interlocutor que participa da *co-construção de significados* (MOITA LOPES, 2000:47), pois, assim como os demais, o discurso em sala de aula é eminentemente social.

MOITA LOPES (ibid) cita LAVE E WENGER (1991) para explicar o que é aprendizagem: um processo de construção conjunta de conhecimento entre professores e alunos. (p. 250)

Recorremos também a VYGOTSKY (1989: 86), que entende a aprendizagem dentro da zona de desenvolvimento proximal, que habilita o aprendiz a solucionar problemas sozinho, e o nível de desenvolvimento potencial, isto é, a capacidade de solucionar problemas com a ajuda de um par mais competente.

Entende-se, portanto, que, para que aconteça a construção do conhecimento em sala de aula é essencial que ocorra um processo de interação entre professor e alunos. Segundo ALLWRIGHT (1984:159), a responsabilidade de iniciar e proporcionar a interação é do professor, embora todos os envolvidos no contexto sejam participantes da ação. Ele ainda esclarece que a interação não é procedimento que o professor utilize quando achar apropriado, mas um aspecto inerente à pedagogia de sala de aula.

GERALDI (1991:157) estabelece uma distinção entre os discursos que envolvem o diálogo escolar. Para ele, há o **discurso de sala de aula**, em que quem pergunta é sempre aquele que já sabe a resposta: o professor. O aluno deve responder e esperar a avaliação do professor. Ao contrário, no **discurso ensino-aprendizagem** a iniciativa de perguntar parte de quem quer aprender: nesse contexto, o aluno. Este espera de seu interlocutor respostas que possam ajudá-lo a ampliar seu conhecimento.

Finalmente, há que se considerar o fato de que, na construção de um evento interativo em sala de aula, os interlocutores, ao mesmo tempo que participam da construção de sentidos, constroem as relações sociais. MATÊNCIO (2001: 78) conclui:

É nesse sentido que se pode afirmar que uma interação verbal é, ao mesmo tempo, um evento de comunicação - de construção de sentidos - e de construção de relações sociais, o que explica por que um evento de interação é o ponto de articulação entre o sujeito e o social, em outras palavras, o lugar de (re)construção da realidade subjetiva e social.

KERBRAT-ORECCHIONI (1990, apud MATÊNCIO, Ibid, p.76) aponta como componentes básicos de qualquer interação os seguintes aspectos, os quais consideramos relevantes ao analisar as interações orais que se estabelecem em sala de aula: **quadro espaciotemporal**, que considera as características físicas e institucionais do local, a disposição dos interlocutores (se estão próximos, face a face ou distantes, por exemplo), e, ainda, ao momento em que se dá a interação; **objetivos** da interação; a **quantidade** de interlocutores, suas características e relações interpessoais.

Acreditamos que a maior ou menor explicitação desses componentes ou ainda sua ausência interferem também no desenvolvimento das atividades orais, aspecto este que analisaremos em capítulo posterior.

CAPÍTULO II

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Optamos, em nosso trabalho, pela pesquisa de natureza etnográfica por acreditarmos que, em se tratando de educação e de práticas pedagógicas, só faz sentido a pesquisa feita onde ela ocorre em âmbito oficial: a sala de aula, local onde as interações realmente acontecem e onde todo o processo ensino-aprendizagem se explicita aos olhos do observador.

Através desta pesquisa, buscamos observar e analisar, no quadro maior em que se insere o ensino de Língua Portuguesa, aspectos relativos às interações orais e ao processo ensino-aprendizagem da oralidade. Para isso, apoiamo-nos em ANDRÉ (1995:29), quando aponta uma das características da pesquisa etnográfica:

A quinta característica da pesquisa etnográfica é que ela envolve um trabalho de campo. O pesquisador aproxima-se das pessoas, situações, locais, eventos, mantendo com eles um contato direto e prolongado. Como se dá esse contato? Primeiro não há pretensão de mudar o ambiente, introduzindo modificações que serão experimentalmente controladas como na pesquisa experimental. Os eventos, as pessoas, as situações são observados em sua manifestação natural, o que faz com que tal pesquisa seja também conhecida como naturalística ou naturalista.

A seleção das duas turmas de 5ª série que foram objeto de nossa pesquisa ocorreu da seguinte forma: como residimos em Toledo há pouco tempo (desde janeiro de 2003) e temos pouco acesso à maioria das escolas do município, optamos por aquelas que nos eram mais familiares. A 5ª série de escola estadual selecionada foi uma turma da Escola Estadual D.V., na qual também lecionamos, embora em turmas de Ensino Médio; a 5ª série de colégio particular escolhida foi uma turma do Colégio L.S., que conhecemos por termos filhos matriculados naquela escola.

3.1 AS DUAS TURMAS E AS PROFESSORAS

O Colégio Estadual D. V. localiza-se na região central de Toledo e, segundo informações coletadas informalmente, é considerado um dos melhores colégios públicos do município. A 5ª série A dessa escola é formada por 40 alunos, considerados agitados e indisciplinados pela maioria dos professores da turma, inclusive pela professora de Língua Portuguesa (doravante Professora E).

Os alunos dessa turma pertencem às classes média e baixa; há, portanto, um certo equilíbrio no que diz respeito ao nível sócio-cultural dos aprendizes. Dos 36 alunos que responderam ao nosso questionário, 21 deles afirmam ter computador em casa; destes, 7 têm acesso à Internet, que utilizam para pesquisas e jogos. Os outros alunos, inclusive aqueles que não possuem computador, dizem acessar a Internet, eventualmente, em outros locais, tais como casas de amigos ou parentes, principalmente para jogar. As experiências de leitura são muito parecidas entre os alunos dessa turma: quase todos afirmam terem preferência pela leitura de gibis; apenas alguns lêem jornais e revistas informativas; quanto aos livros, a maioria lê apenas os solicitados pela professora de Português.

A professora E prontamente se dispôs a colaborar com nossa pesquisa, quando conversamos com ela. Bastante dinâmica, está sempre envolvida com as atividades culturais da escola. Formada em Letras há pouco mais de dez anos, concluiu também o curso de especialização em Língua Portuguesa e demonstra ter conhecimento sobre novas teorias de linguagem, conforme pudemos perceber nas várias conversas que tivemos, não apenas durante as gravações de suas aulas, como também em outros momentos, já que trabalhamos na mesma escola.

O Colégio L.S. também está localizado em região central do município de Toledo, e, por ser uma escola particular, sua clientela é formada principalmente por alunos de classe média e alta.

A 5ª série A do Colégio L.S. é composta por 26 alunos. A grande maioria possui computador e acesso à Internet, que também é utilizada para pesquisas e jogos. Observamos, além disso, que a experiência de leitura desses alunos é muito semelhante à dos alunos do colégio estadual, ou seja, quase todos demonstram preferência pela leitura de gibis, fato que pudemos constatar ao assistir a uma aula de biblioteca. Leituras de livros também ocorrem quase sempre mediante a solicitação da professora, que faz avaliações semanais (fichas de leitura).

A professora dessa turma (doravante professora P) concluiu sua graduação há mais de vinte anos, e sua especialização em Língua Portuguesa há pouco mais de dez anos. Ela demonstra conhecer, também, terminologias e pressupostos ligados a novas teorias da linguagem. Nosso contato com a professora P ocorreu por intermédio da coordenadora do colégio, que preferiu pedir, ela mesma, autorização à professora para que observássemos suas aulas.

3.2 PROCEDIMENTOS

Após a seleção dos informantes, passamos à gravação das aulas. Foram gravadas 20 aulas em cada turma, da seguinte maneira:

No colégio estadual, gravamos as aulas à medida que tínhamos disponibilidade de horário, pois temos algumas aulas no mesmo período, e, algumas vezes estas coincidiam com as da professora E. Não foram, portanto, 20 aulas consecutivas; no

entanto, consideramos positivo tal fato, visto que tivemos oportunidade de presenciar o desenvolvimento de vários conteúdos diferentes.

No colégio particular, as primeiras observações também não foram consecutivas, uma vez que também essa turma tem aulas no período matutino, e, como já foi dito, alguns dias temos aulas no mesmo período no colégio estadual. As últimas aulas foram gravadas consecutivamente, já que havíamos entrado em licença especial e tínhamos mais tempo disponíveis para as gravações. cremos, no entanto, que tal diferença de procedimento em nada interferiu em nossa análise, uma vez que interessavam-nos as interações orais e essas, com certeza, estão sempre presentes em aulas de língua materna.

A fim de coletar o corpus para análise, em ambas as turmas trabalhamos com um gravador, colocado sobre a mesa da professora, pois nosso objetivo maior era observar de que maneira a própria professora conduzia as interações orais em sala de aula. Além disso, objetivávamos alcançar as falas dos alunos no tocante aos tópicos discursivos relativos aos conteúdos propostos para a aula. Assim, desconsideramos, em nossas observações, conversas e "burburinhos" aluno/aluno que fugissem ao conteúdo proposto para as aulas.

Utilizamos, também, para fins de análise posterior, os protocolos de registro. Enquanto assistíamos às aulas, anotávamos observações que não pudessem ser captadas pelo gravador, tais como gestos, disposição dos alunos e professoras em sala de aula, ou trechos escritos no quadro, além de registrarmos o número de alunos diferentes que interagem com a professora durante o desenvolvimento dos conteúdos.

Após a coleta dos dados, passamos à transcrição das aulas. Em seguida, das 20 aulas de cada turma, optamos por trabalhar com as 10 primeiras aulas gravadas em cada uma delas, por entendermos que o corpus seria suficiente para construirmos um perfil tanto da professora quanto dos alunos em nossa análise, além de podermos efetivamente evidenciar as interações orais ocorridas.

CAPÍTULO III

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 ORALIDADE INTERACIONISTA X ORALIDADE INSTRUMENTAL

Apresentaremos, neste capítulo, a análise dos dados coletados. Inicialmente, analisamos a abordagem oral adotada pelas professoras E e P e estabelecemos duas categorias de interação oral: **interacionista e instrumental**.

Conforme já foi explicitado anteriormente, teorias voltadas para a investigação do processo de aprendizagem comprovam que esta *é resultado de processos interpessoais que geram processos intrapessoais, i. e., é de natureza social*. (MOITA LOPES, 1994:107) Dessa forma, a postura adotada pelo professor no processo interacional oral é decisiva, em sala de aula, para que o aluno desenvolva habilidades discursivas orais e, a partir daí, construa significados e conhecimentos. Nesse ato social, existem direitos e deveres a serem obedecidos, e a maior ou menor incidência destes estabelece relações simétricas ou assimétricas.

Observamos, assim que os padrões interacionais estabelecidos pelas professoras E e P com seus alunos são distintos. Ficou evidente, através de nossas observações, que em ambas as turmas apenas são permitidas interações entre professora/aluno e aluno/professora. No entanto, no caso da professora E, embora não autorize seus alunos a interagir entre si sobre tópicos que não tenham ligação com o conteúdo em estudo, ela não se impõe como a única iniciadora dos turnos e tópicos, isto é, em muitos momentos, os próprios alunos iniciam e controlam os turnos interacionais relativos a tópicos da aula, como se poderá perceber pelo trecho que transcrevermos abaixo. Nesse dia, a proposta da professora era

desenvolver com os alunos um dos aspectos formais da poesia, a rima. Seu objetivo era fornecer à turma informações suficientes para a produção, em aula posterior, de poemas. Tais textos produzidos pelos alunos passariam por uma seleção, na própria sala de aula, e os escolhidos, segundo ela, participariam, em data agendada pela coordenação pedagógica da escola, de um concurso denominado "Momento da poesia".

No trecho selecionado, a professora E responde a várias perguntas dos alunos A3 e A5, que dominam a seqüência de turnos, interessados em detalhes sobre rimas. A professora apresenta-se como a interlocutora que responde, não simplesmente a que faz as perguntas. Percebe-se sua disposição em ouvir as perguntas de seus alunos e respondê-las pacientemente.

A3: é... a primeira estrofe pode rimá com a segunda?

Prof.: não... estrofe não rima com estrofe... é verso com verso... (...)

A3: professora... tem como só um verso... o mesmo verso rimá?

Prof.: não tem como... verso isolado... verso livre... ele tá sozinho... ele não pode rimá com nada...

A3: assim... um verso isolado né? pega assim... escrever... lá na minha rua... eu vi a lua...

Prof.: mas aí você tá no mesmo verso... pra rimá a rima acontece de um verso pra outro... dentro do mesmo você pode rimá uma palavra com outra... mas não um verso com outro... aí não tá? não comecem a misturar as coisas... não busquem muita coisa não... que vai acabar

confundindo é pior... é muito simples... é fazer a rima de um verso pro outro ou não fazer a rima... só isso...

A3: por exemplo... se eu pegá uma estrofe com quatro versos e... três tão rimando no final e um não... também dá?

Prof.: dá... dá...

A3: eu tava fazendo o meu poema... daí eu fiz... daí... uma rimava com a outra... que nem... gente... dente... daí... é... rimava as duas últimas com as duas primeiras também...

Prof.: tá certo... não tem problema... fala...
(Indicando uma aluna que havia levantado a mão pedindo para falar.)

A5: professora... se um verso tá daquele jeito que você falô... os quatro rimam... o primeiro rima com todos... só aquele verso tem que tá ou todos têm que tá?

Prof.: só aquela estrofe você quer dizer né?

A5: é... só aquela estrofe ou todas?

Prof.: não... você é que vai definir... se você quiser todos os versos rimando um com o outro pode... se você quiser fazer só uma... só duas...

Temos, então, no trecho apresentado, a professora E, detentora do conhecimento, e disposta a dar voz aos alunos, que participam da construção do conhecimento.

Outro aspecto que nos chama a atenção é o tamanho dos turnos da professora e dos alunos; em diversas ocasiões, não apenas neste, mas também em outros momentos de suas aulas, os turnos dos alunos são iguais ou maiores que os da professora, o que demonstra uma relação de simetria na interação.

Além disso, observa-se o envolvimento de outros alunos da turma no tópico discursivo, pois, assim que A3 encerra suas perguntas, a professora indica a A5 que pode falar, o que nos leva a concluir que os alunos desta turma sentem-se à vontade para questionar a professora.

Podemos dizer, portanto, que o padrão interacional entre a professora E e seus alunos é do tipo simétrico. Tal postura tem na oralidade seu maior aporte, uma vez que apenas acontece quando a professora dá voz a seus alunos e permite-lhes a construção de seu próprio conhecimento, através da troca de informações e mesmo da negociação de sentidos, como se percebe na passagem em que A3, não satisfeito com a resposta da professora a seu questionamento sobre rima nos versos, insiste na indagação, criando uma situação para exemplificar sua idéia. Vejamos o trecho:

A3: por exemplo... se eu pegá uma estrofe com
quatro versos e... três estão rimando no final e um não...
também dá?

Após a resposta da professora "dá... dá... ", ele prossegue, de maneira ainda mais enfática:

A3: eu tava fazendo o meu poema... daí eu fiz...
daí... uma rimava com a outra... que nem... gente... dente...

daí... é... rimava as duas últimas com as duas primeiras também...

SILVA (2003:179) explica que uma das mais importantes manifestações discursivas produzidas no ambiente escolar é o discurso de sala de aula. Para esclarecer seu pensamento, cita EHLICH (1986: 149), para quem existem diferenças entre o **discurso de sala de aula** e o **discurso ensino/aprendizagem**. Para EHLICH, o discurso ensino/aprendizagem caracteriza-se por ser um ato voluntário em que existe reconhecimento entre as partes e envolvimento no discurso. Nessa situação, o aluno deseja aprender e sabe que o professor possui o conhecimento de que precisa.

Entendemos que existe, nas aulas da professora E, um ambiente propício ao estabelecimento do discurso ensino/aprendizagem, conforme esclarece o trecho de aula citado anteriormente.

A professora P, por sua vez, estabeleceu com seus alunos, durante todo o período de nossa observação, uma interação de caráter assimétrico, isto é, ela controla os turnos e tópicos discursivos, num canônico procedimento de iniciação-resposta-avaliação, ou seja, o professor pergunta, o aluno responde e o professor dá sua sanção positiva ou negativa. Seu discurso, dando continuidade ao pensamento de EHLICH, é o chamado discurso de sala de aula, caracterizado pelo *fim da voluntariedade, perda do reconhecimento e flutuação entre presença e ausência no discurso*. (apud SILVA, 2003:180)

Vejamos exemplos desses aspectos do discurso da professora P em sala de aula:

Prof.: [...] ou que azul que é esse? ((Mostrando aos alunos um desenho no livro didático.)).

A6: azul...

Prof.: não... tem que ser duas palavrinhas...

A6: azul-marinho...

A5: azul-claro...

Prof.: perfeito... letra b... letra b... [...]

(25/06)

Primeiro, a professora P sanciona negativamente a resposta de seu aluno A6, para, em seguida, aceitar a resposta de A5, sem fazer referência à segunda tentativa de resposta por parte de A6. A resposta de A6 não estava errada, porém o aluno não apresentou, de início, um adjetivo composto, como esperava a professora; por isso, ela recusa inteiramente sua resposta. Acreditamos que situações como essa, por mais simples que pareçam, interferem na seqüência do desenvolvimento das habilidades orais do aluno, já que, uma vez recusada sua participação, em atividades posteriores, esse aprendiz poderá sentir-se desmotivado a participar.

É comum, nas interações assimétricas, que o aluno tenha pouco ou nenhum direito de iniciar turnos e tópicos, sendo mesmo impedido de responder às questões propostas. Além do aspecto mencionado acima, observamos que, não raro, a professora P faz as perguntas e ela própria as responde, não dando oportunidade de que os alunos elaborem raciocínios e nem que participem efetivamente da construção do conhecimento.

Citamos, na seqüência, dois trechos que corroboram nosso pensamento. No primeiro fragmento, logo abaixo, a professora lança uma pergunta sobre língua informal, mas ela própria responde. Seria interessante, nesse caso, que ela aguardasse as respostas dos alunos, complementando-as, uma vez que tem conhecimento maior que o dos alunos. O tema da aula, inclusive, possibilita a interação oral, pois trata das diferenças entre fala culta e fala coloquial.

Prof.: Luís... Márcio... pessoal... vocês perceberam que na prova tinha lá sobre a língua formal e a língua informal... o que tem

que ter na língua informal? é só pensar... ela segue forma... regra... que é a língua que a gente procura aperfeiçoar... no dia-a-dia... nós falamos de uma maneira mais descontraída e chamamos de fala informal... [...]

(04/06)

Também no fragmento a seguir, percebe-se a postura da professora P, que prossegue respondendo às próprias indagações a respeito do que poderia acontecer atualmente depois do "viveram felizes para sempre", final típico dos contos de fada, assunto que ela está trabalhando nessa aula.

Prof.: qual é o questionamento que o autor leva... a nos conduzir para a leitura? ele vai dar uma seqüência... depois desse viveram felizes para sempre... alguns casos sim e outros não... [...]

(11/06)

Observando-se esse mesmo aspecto na professora E, notamos que, diferentemente da professora P, ela oferece oportunidades para que os aprendizes participem oralmente, permitindo-lhes a construção do conhecimento. No fragmento a seguir, a professora E faz uma interpretação do texto "O grande jogo", e quer que os alunos concluam o que há de diferente entre essa partida de voleibol e outras partidas do mesmo esporte, já que houve um empate, que não acontece em jogos reais. . Nota-se que ela aproveita informações dadas por cada aluno, até que cheguem à resposta esperada.

Prof.: bem alto tá?

Paulo: [...] porque ele não vai pra competi... pra i
na guerra...

Prof.: ó... se a gente analisar o texto todo né? não
deixa de tá certo... a tua questão tá? a tua resposta... só que
a gente pode complementá... você fez diferente...
((Indicando um aluno que levantou a mão.)) então lê
Lucas...

Lucas: que as duas têm habilidade...

Prof.: tá... mas... por elas terem habilidade... tem
um detalhezinho aí... qual que pode ser? você...
((Indicando outro aluno que levantou a mão.))

A4: porque empatou lá...

(23/06)

Dessa forma, percebe-se que há uma constante presença dos alunos nas situações de oralidade, e esse envolvimento propicia a construção de conhecimentos coletiva, já que há participação de grande parte dos alunos mediados pela professora. Os aprendizes reconhecem, assim, no discurso de sala de aula, atividades que lhes dizem respeito, e, por isso, demonstram interesse.

Nas aulas da professora P, por sua própria postura autoritária, não há completo envolvimento dos alunos com o tópico discursivo em andamento. Ela assume uma perspectiva tradicional de ensino, e seus alunos demonstram pouco interesse pelo processo ensino-aprendizagem. Nos momentos em que os alunos dispõem-se a participar, ocorrem fatos como o que transcrevemos a seguir, num momento da aula em que a professora está lendo para eles um texto que trata de variação lingüística.

Prof.: (...) *em Porto Alegre uma empresa tentou lançar um serviço de entrega em domicílio de comida chinesa... o telechina... mas era pra ser entrega de comida chinesa... ((Alunos riem.)) calma... eu já vou ouvir o que vocês têm a colocar...*

A5: professora... tinha china na Casa das sete mulheres... ((Referindo-se à série exibida pela Rede Globo A casa das sete mulheres.))

Prof.: *é? então ó... ela acompanhou A casa das sete mulheres... seguindo... quase não deu certo... imagine a confusão: um cara pede uma loira às duas horas da manhã e recebe a sugestão de frango xadrez com bolinho primavera... (...)*

(04/06)

A professora P deixou escapar, nessa ocasião, uma excelente oportunidade de ouvir o que os alunos tinham a dizer. Ela dissera que ouviria o que eles queriam colocar. Entretanto, quando A5 fala, demonstrando estar relacionando o conteúdo que está sendo transmitido ao seu conhecimento de mundo, estabelecendo relações e construindo sentidos, é desconsiderado pela professora, que apenas comenta com a turma não o fato de ele conhecer o significado da palavra "china", mas o fato de ele ter assistido ao programa. Não nos pareceu ser esse o objetivo do aluno; entendemos que ele gostaria, naquele instante, de demonstrar que sabia o que era uma "china".

Caberia à professora explorar o potencial de desenvolvimento da oralidade que o momento propiciava, ouvindo seu aluno e chamando os demais a participarem da troca

de opiniões. O momento seria adequado à exploração da oralidade também em decorrência do tópico discursivo "variação lingüística". Por que não solicitar que os alunos contribuíssem com seus conhecimentos lingüísticos? Afinal, a comunidade toledana é composta, em grande parte, por famílias oriundas do Sul (Rio Grande do Sul e Santa Catarina), e os alunos que pertencem a essas comunidades poderiam contribuir com seus conhecimentos, inclusive comparando expressões que conhecem com outras, de domínio de crianças oriundas de outras regiões. Seria a oralidade usada para explorar conhecimentos de vida, situações reais das quais os alunos fazem parte.

Porém, o que ocorre é que a professora tem pressa em prosseguir sua aula. Ela o demonstra quando diz "seguinte" e dá por encerrada a participação de A5. É mais uma das situações que podem levar os alunos, em atividades futuras, a calarem-se, pois entendem que terão suas falas pouco ou nada consideradas por sua professora. Cremos que situações como essas, quando recorrentes, vão, aos poucos, "matando" sua disposição em participar oralmente; por isso, quando recebemos esses mesmos estudantes no Ensino Médio, temos sérias dificuldades em levá-los a participar interativamente das aulas.

A observação e a análise dessas duas categorias, que denominamos **oralidade instrumental** e **oralidade interacionista**, permitem-nos, portanto, concluir que a professora E procura utilizar a oralidade de forma a interagir com os aprendizes, permitindo-lhes construir hipóteses e testá-las, pois têm na professora uma interlocutora atenta e interessada no que ouve. Entendemos que ela procura praticar o que dizem tanto os PCNs em relação à necessidade da interação oral, quanto seu próprio planejamento anual para a 5ª série, que diz o seguinte: *É, portanto, a partir da linguagem utilizada pelo aluno que se deve orientar todo o estudo da língua.* Além disso, busca atingir dois objetivos, também apresentados no mesmo planejamento: *a) Formação de cidadãos que exponham suas idéias*

com clareza, apresentando opiniões e argumentos pertinentes e b) *Interação como elemento transformador do indivíduo e do grupo.*

A professora P, embora em seu planejamento dê ênfase à interação e à dialogia como elementos inerentes ao processo ensino/aprendizagem, apresenta uma prática pedagógica que não condiz com a teoria. Uma característica perceptível durante todo o período em que acompanhamos suas aulas foi a tendência da professora a utilizar o "nós" como primeira pessoa do discurso. Pareceu-nos que desta forma ela sentia-se mais próxima dos alunos.

Prof.: então... página oitenta e cinco... **nós** estávamos vendo onomatopéia? Agora eu falei... Laura... onomatopéia... acho que amanhã... quando nós formos à biblioteca... além de pegar os livros... **vamos** olhar uns... gibis... umas histórias em quadrinhos... (...)

A1: buuumm...

A2: ploft...

Prof.: muito bem... já **lembramos**... lembramos e... Marcos... segunda-feira... isso que **nós** estamos vendo já está incluído... então... vamos ficar atentos... (...)

(11/06)

O emprego do pronome "nós" como primeira pessoa do discurso, entretanto, não disfarça o ritual tradicional que utiliza em todas as suas aulas: das cinco aulas semanais, três são utilizadas para leitura, interpretação de texto e gramática (através de tópicos sugeridos pelos livro didático) e redação; uma aula destina-se à caligrafia (para os alunos melhorarem a

letra); uma para leitura e empréstimo de livros na biblioteca, organização de fichas de leitura e troca de livros.

Não há, na distribuição de aulas feita pela professora, espaço para a produção e análise de textos orais a partir dos gêneros discursivos conforme sugerem os PCNs e o planejamento da 5ª série, o que nos permite classificar sua oralidade como instrumental. A fala é utilizada para transmitir conteúdos, conduzir a aula e monitorar as atitudes dos alunos.

A maior parte das vezes em que a professora se dirige a um aluno individualmente, ela o faz com o intuito de checar se ele fez ou não a tarefa, se compareceu ou não na aula em algum dia específico, se entregou ou não o caderno de caligrafia ou a pasta de redação, ou ainda para pedir-lhe que leia um texto ou uma resposta a uma questão apresentada.

Tal procedimento da professora leva os alunos a intimidarem-se, quando seu papel deveria ser

Mostrar ao aluno a importância que, no processo de interlocução, a consideração real da palavra do outro assume, concorde-se com ela ou não. Por um lado, porque as opiniões do outro apresentam possibilidades de análise e reflexão sobre as suas próprias, por outro lado, porque, ao ter consideração pelo dizer do outro, o que o aluno demonstra é consideração pelo outro. (PCNs, p. 47)

Diante dessas constatações, elaboramos o quadro seguinte, que sintetiza as características da professora E, que adota a perspectiva interacionista de linguagem na abordagem oral em sala de aula, e da professora P., cuja oralidade restringe-se ao aspecto instrumental.

Professora E	Professora P
Discurso voltado para conteúdos de ensino e também para outros assuntos de interesse dos alunos.	Discurso voltado apenas para os conteúdos de ensino.
Aceita as intervenções dos alunos na seqüência dos tópicos discursivos.	Costuma dar pouca importância à intervenções dos alunos na seqüência dos tópicos discursivos.
Divide com os alunos o controle dos turnos conversacionais relativos aos conteúdos.	Detém o controle dos tópicos discursivos e dos turnos conversacionais.
Estimula o diálogo simétrico	Determina o diálogo assimétrico.
Apresenta-se, muitas vezes, como a interlocutora que responde.	É, quase sempre, a interlocutora que pergunta.
Turnos conversacionais curtos.	Turnos conversacionais longos.
Promove o envolvimento individual dos alunos nos tópicos discursivos, chamando-os a opinarem. (co-construção do conhecimento.)	Não promove o envolvimento individual dos alunos nos tópicos discursivos. (é detentora do saber e da palavra.)
Negocia sentidos com seus alunos.	Impõe respostas às questões apresentadas a seus alunos.
Faz uso do discurso ensino-aprendizagem.	Faz uso do discurso de sala de aula.

4.1.1 Características tradicionais na professora interacionista

Embora a professora E tenha características interacionistas, como se constata pela análise e pelo quadro expostos anteriormente, em alguns momentos observamos que a professora tradicional "impõe-se" sobre a interacionista. Isso se deve, como foi possível observar, principalmente a problemas disciplinares da turma. Como também trabalhamos na escola D.V., muitas vezes testemunhamos, na sala de professores, professores da 5ª A trocando informações sobre o comportamento dos alunos ou mesmo traçando estratégias que ajudem a melhorar o comportamento da turma. Visitas da orientadora educacional a essa turma são também freqüentes, na tentativa de disciplinar os alunos.

Surpreenderam-nos, portanto, apesar de conhecermos a realidade da 5ª série, algumas atitudes da professora E. Os trechos que serão apresentados a seguir demonstram que, apesar de ter idéias bastante inovadoras sobre o papel da oralidade em sala de aula, em determinadas situações de indisciplina, sua fala torna-se autoritária, e, nesses momentos, os alunos passam a ser apenas os interlocutores que ouvem, perdendo o direito a manifestar-se.

No trecho seguinte, explicita-se a preocupação da professora com a questão da nota, questão "mal resolvida" em muitas instituições escolares, sejam públicas ou particulares.

Prof.: (...) você vai responder a número sete pra nós... ((Aponta um aluno.)) eu espero que você tenha feito...

A8: eu não fiz...

Prof.: ahn? não? pois é... e agora?

A8: (...).

Prof.: pois é... mas é que a gente tá dentro da sala né? o interesse agora é outro... tá? não fez a número sete?

A7: eu fiz...

Prof.: você consegue me responder? por que não fez a tarefa?

A8: eu esqueci...

Prof.: pois é... e se eu esquecer de dá a nota pra você? como é que fica?

(23/06)

Nesse trecho, a fala da professora reflete preocupações do ensino tradicional, ou seja, a questão da avaliação assume importância maior do que a aprendizagem, já que ela procura intimidar seu aluno referindo-se à nota. No momento, sua única intenção é repreender A8, tanto que, quando A7 diz que fez a tarefa e, portanto, poderia responder à questão, a professora desconsidera sua fala e continua interrogando A8.

Em um outro momento, citado a seguir, a professora tenta corrigir algumas questões de interpretação sugeridas pelo livro didático acerca do texto "O grande jogo". Um aspecto que nos chamou atenção é que quando a professora conversava com os alunos sobre voleibol, a aula transcorria naturalmente; os alunos, inclusive, queriam falar, dar opiniões a respeito do esporte, enfim, participavam oralmente da aula. A partir do momento em que a professora passou à correção formal das questões do livro didático, os alunos perderam o interesse pela atividade. Iniciou-se, a partir de então, a interação aluno/aluno, centrada em tópicos não relacionados ao que propusera a professora. Na gravação, as falas dos alunos estão inaudíveis, uma vez que vários pares falavam ao mesmo tempo. Vejamos o trecho:

Prof.: qual foi a decisão dele Alan?

Alan: normal...

A5: tinha empatado... é normal... ((Muitos alunos conversam entre si, dificultando a correção dos exercícios.))

Prof.: tá certo... agora... vocês vão... vocês vão sossegá... não é? eu quero todo mundo quieto... sem conversa... sem outra atividade... agora a gente vai ter que conversá um pouquinho... gente... vocês ainda não tão entendendo o porquê que eu insisto com vocês... pra vocês prestarem atenção... vocês manterem um pouquinho mais de ordem na sala... certo Gabriel? eu vou começá hoje... levando o nome de três alunos... lá na coordenação... e pedindo... pra chamá o pai e a mãe... na próxima aula... eu vou pedir pra chamar mais alguns... e assim eu vou fazendo... porque eu acho que a gente vai ter que resolver assim ... tá? é... tem gente... que enquanto eu falo... tá brincando demais... não tá levando a sério uma orientação que eu tô dando... né? vocês... além de se prejudicarem... estão prejudicando os colegas da turma... tão perdendo muito tempo... já falei tudo isso... mas parece que não adianta... então agora eu vou resolver do meu jeito... tá? vou mandá chamá... pai... mãe... e a gente vai... pegar pesado... [...]

(23/06)

Os turnos da professora, normalmente mais curtos, tornam-se, nessas ocasiões, muito longos, como se comprova acima. Esse tipo de fala constitui o que os alunos chamam entre si de "sermão da professora". E constatamos realmente nos momentos em que precisa repreender a turma, seus turnos são muito longos. Ou seja, nesses momentos o papel da professora controladora sobrepõe-se ao da professora que tem como objetivo de ensino a construção compartilhada do saber.

SILVA (2003) esclarece situações como essa:

Dessa forma, não há envolvimento total do aluno no processo, isto é, há uma flutuação entre presença e ausência dos envolvidos. Os relacionamentos podem ser marcados, de um lado, por momentos de realizações, satisfação pessoal, e, de outro, por oposições, conflitos e mal entendidos. (p. 181)

Observamos que no aspecto exemplificado acima, a professora E aproxima-se da professora P, isto é, a professora interacionista deixa entrever características da professora tradicional. Isso se deve à formação tradicional que também receberam os professores. Embora a professora E tenha cursado sua especialização recentemente, e nela tenha tido contato com teorias lingüísticas que privilegiam a dialogia, o peso da formação secundária e da graduação é muito grande e deixa marcas. Além do mais, assim como em toda escola, seja pública ou particular, as cobranças oficiais (direção, supervisão escolar) são constantes no sentido de que o professor mantenha a disciplina em sala de aula; oralidade pressupõe barulho de vozes, o que nem sempre é interpretado positivamente pela direção das escolas; ao contrário, se os alunos "falam demais", o professor é visto como aquele que não consegue disciplinar e manter em silêncio sua turma.

Também devido ao excessivo número de alunos em sala (Nessa quinta série, por volta de 40 alunos freqüentando regularmente.) muitas vezes os professores sentem-se

desmotivados a trabalhar a oralidade, pois reconhecem que dificilmente alcançarão todos os alunos.

Apesar de todas essas adversidades, a professora E continua tentando trabalhar a língua falada. Com certeza, ela está no caminho certo, pois, comparando-se o número de alunos que participam voluntariamente das interlocuções orais nas duas turmas observadas, percebe-se que consegue a participação de mais alunos diferentes do que a professora P, ou seja, enquanto nas aulas da professora P são sempre os mesmos dois ou três alunos que participam voluntariamente das interações orais com a professora durante as aulas, na turma da professora E acontece uma espécie de revezamento: além daqueles que estão sempre prontos a uma interação oral, normalmente há alunos diferentes dispostos à participação. Tal participação deve-se ao fato de a professora E aceitar a participação dos alunos e mesmo incentivar essa participação, ao passo que a professora P mantém uma postura formal, distante dos alunos.

Traçamos, a seguir, um paralelo entre a postura das professoras E e P, comparando trechos que ratificam o que dissemos anteriormente.

Professora E	Professora P
<p>Prof.: presta atenção aqui ó... o Felipe fez uma pergunta que a gente ainda não tinha comentado... ele pediu se todos os versos de uma estrofe... podem rimar um com o outro... ou seja... vamos supor que a nossa estrofe né? uma delas dentro do nosso poema tenha lá... [...]</p> <p style="text-align: right;">(29/05)</p>	<p>Prof.: pessoal... vamos parar com a brincadeira... bom dia...</p> <p>AA.: bom dia...</p> <p>Prof.: pelos gritos parece que estamos entrando numa aldeia né? ((Alunos falam alto e não é possível ouvir mais o que a professora diz nesse turno.))</p> <p style="text-align: right;">(02/07)</p>

A professora E, ao observar que seus alunos estão dispersos, usa sua fala para envolvê-los no tópico discursivo, reconhecendo e valorizando a participação do aluno Felipe, ou seja, o conhecimento do aluno é aproveitado e compartilhado. Dessa forma, a professora demonstra não assumir a posição de única possuidora do saber; o aprendiz também participa da construção de sentidos na sala de aula.

A professora P, por sua vez, demonstra, não só pelo exemplo acima, como também pela sua postura durante todo o período de observação de suas aulas, uma formalidade que a distancia dos alunos. Ela não converte a fala dos alunos em segmentos que podem ser associados aos conteúdos planejados para a aula. É em relação a esse aspecto da oralidade que dissemos, na justificativa desta dissertação, que o professor deve utilizar todo o seu conhecimento e criatividade também para aproveitar situações não-planejadas, portanto autênticas, e que apresentam um evidente potencial para o desenvolvimento de habilidades discursivas de seus alunos. Nesse exemplo, em particular, ao invés de dizer "vamos parar com essa brincadeira", no momento em que entra na sala, ela poderia ter questionado os alunos a respeito do motivo da conversa e dos risos e, provavelmente, ouviria deles histórias interessantes.

O que dizemos não é utópico: já o constatamos em nossas próprias aulas. Quando damos voz aos alunos, e eles percebem em nós interlocutores atentos, sua oralidade flui naturalmente, criando condições para que atividades orais planejadas sejam desenvolvidas com sucesso em ocasiões posteriores. No entanto, fica evidente que o conteúdo precisa ser "vencido", e, portanto, a professora não pode destinar alguns minutos da aula a ouvir o que os alunos têm a dizer.

E, com certeza, os alunos têm muito a dizer. Principalmente quando o tópico discursivo tem ligação com sua vida, sua realidade, seu conhecimento de mundo. Em uma

aula em que a própria professora P fazia a correção de questões do livro didático relacionadas ao estudo de duas versões da fábula "A raposa e as uvas", ocorreu a seguinte situação:

Prof.: (...) quem tem dicionário pode olhar a diferença entre gula... e fome... mas... na prática... no dia-a-dia... com certeza vocês já ouviram a mãe ou alguém falar né? "não seja guloso"... "você recém acabou de comer tal coisa"... então qual é a diferença entre fome e gula? ((Fez a chamada enquanto os alunos respondiam à questão.)) conseguiram responder e... dar a diferença entre fome...

A2: posso falá?

Prof.: pode falar... que que é?

A2: fome é quando (...) e daí gula é quando a pessoa acabou de comê e vai lá comê de novo...

Prof.: muito bem... então fome é aquela necessidade do organismo... e gula.. ((Todos os alunos falam ao mesmo tempo o que pensam sobre fome e gula.)) a gula é quando não está com fome... ((Os alunos continuam falando todos ao mesmo tempo.)) gula então é... a questão de não estar com fome mas fica comendo... (...) ((Alunos continuam falando.)) as pessoas engordam por causa da fome ou da gula?

AA.: da gula...

Prof.: o tempo hoje à tarde... o tempo convida para quê? para a.. gula não é? muito bom... meninas... ((Dirigindo-se a um grupo de meninas que continuam conversando.)) a fome é a necessidade do organismo né? e a gula é comer por puro prazer... então muitas vezes você vê (...)

O exemplo permite constatar que os alunos demonstram interesse em participar oralmente das aulas, desde que o conteúdo esteja ligado a seus interesses. No caso em análise, o tema "diferenças entre fome e gula" motiva-os a pensarem em suas próprias experiências, e isso desperta o desejo de falar. Tanto é verdade que, ao contrário do que é habitual nessa turma, não é a professora quem chama um aluno para dar a resposta; ao contrário, A2 pede a palavra. Além disso, quando a professora lhe dá permissão, ele não lê a resposta, ele expõe oralmente sua idéia utilizando recursos lingüísticos próprios de sua faixa etária.

Observamos, ainda, estando presentes na sala de aula, que a interação aluno/aluno não estava centrada em tópicos discursivos alheios ao que estava sendo tratado; ao contrário, todos faziam questão de contar uns aos outros suas "experiências" de gula. Seria uma ocasião interessante para que a professora envolvesse todos os alunos e os levasse a expressarem-se oralmente para que toda a turma ouvisse. O momento seria oportuno , também, para organizar um breve debate sobre o tema e suas conseqüências para a saúde das pessoas, por exemplo. Porém, a professora apenas apresenta sua própria resposta à questão, desconsiderando as possíveis contribuições dos alunos.

4.2 ORALIDADE AUTÊNTICA X FALSA ORALIDADE

Citamos, em nossa justificativa, o pensamento de Marcuschi, para quem é preciso cuidarmos para que não se instale na sala de aula a falsa oralidade. Segundo ele, da mesma forma que se criou a "redação escolar", que para nada serve fora da escola, corremos o risco de praticar atividades orais que não preparam o aluno para as situações discursivas orais que encontrarão no seu cotidiano.

De acordo com o questionário respondido pela professora P, trabalhar oralidade é "permitir que os alunos falem em sala de aula". Os PCNs, por sua vez, apresentam como objetivo de ensino da expressão oral e escrita.

No trabalho com os conteúdos previstos nas diferentes práticas, a escola deverá organizar um conjunto de atividades que possibilitem ao aluno desenvolver o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso público da linguagem, levando em conta a situação de produção social e material do texto (lugar social do locutor em relação ao(s) destinatário(s), destinatário e seu lugar social; finalidade ou intenção do autor; tempo e lugar material da produção e do suporte.) e selecionar, a partir disso, os gêneros adequados para a produção do texto, operando sobre as dimensões pragmática, semântica e gramatical. (p. 49)

Apesar de todo o suporte teórico dos PCNs (utilizado pela professora na produção de seu planejamento anual de ensino), sua prática não condiz com a teoria apresentada. O que ela considera "permitir que os alunos falem em sala de aula", consideramos **oralização da escrita**, que ocorre em três situações de sua aula:

- a) leitura oral individual ou coletiva de textos do livro didático:
- b) leitura oral individual de respostas às questões propostas pelo livro didático;
- c) leitura individual ou coletiva de tópicos gramaticais ou de redação propostos pelo livro didático.

Os excertos a seguir exemplificam as categorias de oralização da escrita assinaladas acima:

Prof.: número dois... leia... João Vítor... presta atenção aqui que nós já vamos ver os poemas... e identificar as onomatopéias... número dois da página oitenta e três...

((João Vítor lê o enunciado da questão.))

Prof.: onomatopéias... vamos todos ler o que é onomatopéia... todos...

AA.: onomatopéia são palavras ou expressões que imitam aproximadamente sons e ruídos produzidos por sinos... campainhas... instrumentos musicais... armas de fogo... vozes de animais movimentos etc.

(04/06)

Prof.: então... (...) a senhorita começa a ler pra mim... você se lembra...

((A aluna lê parte do texto e a professora a interrompe para fazer alguns comentários.))

Prof.: qual é o questionamento que o autor leva... a nos conduzir para a leitura? ele vai dar uma seqüência... depois desse viveram felizes para sempre...eles continuam sendo felizes... e para sempre mesmo? Hoje nós percebemos que nas famílias não ocorre mais... essa...

preferência... de viveram felizes para sempre... alguns casos sim e outros não... então... vejamos... o que tem na seqüência... Maria Fernanda...

((Maria Fernanda prossegue a leitura.))

(...)

(11/06)

Prof.: ao pé da página cento e quatro... para escrever com expressividade... a Paula vai ler para nós o que que é descrição... nós vamos hoje trabalhar esse texto descritivo... e amanhã vamos criar um texto para (...) então nós já vamos analisar um texto hoje para amanhã nós (...) claro que de primeira à Quarta série vocês já trabalharam... nós só vamos... lembrar... então por favor a Paula lendo ali... o que que é descrição...

((Paula lê parte do texto.))

Prof.: seguindo... o colega atrás... para evitar...

((O aluno prossegue a leitura. E, assim, a professora chama vários alunos e cada um lê um trecho sobre descrição.))

(02/07)

Nesse último exemplo, evidencia-se um ensino de "redação" completamente descontextualizado, pois a professora espera que, ao ouvirem a leitura feita pelo colega, os alunos apreendam as "regras" e produzam textos. Infelizmente, é uma prática tradicional que

continua fazendo parte da prática pedagógica da professora P. Essa atividade, na verdade, não se liga nem à oralidade nem à leitura. Quanto à primeira, MARCUSCHI frisa que

É importante não esquecer que a contextualização na fala envolve alguns aspectos ausentes na escrita, tais como a gestualidade e a mímica. Na escrita, estes aspectos são em geral supridos metalingüisticamente com expressões que verbalizam o que está ocorrendo no contexto.

Ler é construir sentidos, estabelecendo estreitas ligações entre autor, texto e leitor. Não é o que ocorre na leitura sugerida pela professora. Concordamos com o pensamento de BARBOSA (1991):

A decifração, que é a ênfase do ensino nas metodologias tradicionais, não faz parte das estratégias que o leitor utiliza para ler; quando muito, ela é uma estratégia pouco eficaz: se o leitor não compreende uma palavra escrita, é pouco provável que ele vá compreendê-la, chegar a seu sentido, reproduzindo-a oralmente.

Dentre as três situações de oralização da escrita por nós estabelecidas, encontramos, nas aulas da professora E, a ocorrência de uma apenas: a leitura de textos do livro didático. Parece-nos que as professoras acreditam que, com esse procedimento, além de os alunos "melhorarem a leitura", atingirão a compreensão do texto.

No aspecto relativo à introdução de tópicos gramaticais ou de produção de textos, a professora E em momento algum solicitou que seus alunos lessem oralmente tais tópicos. Ao contrário, observamos nela grande preocupação em frisar, para seus alunos, o porquê do estudo daquele conteúdo, além de demonstrar paciência e respeito ao tempo necessário à aprendizagem., conforme exemplifica a passagem a seguir:

Prof.: (...) poema... não é? vamos trabalhar poema... essa atividade que eu fiz com vocês ((Referindo-se a uma análise de poema que fizera em uma das aulas anteriores.)) é só pra um início... é só pra vocês terem um

acompanhamento desde o comecinho até chegar no resultado que vai ser o quê? vocês vão fazer um poema... mas não se preocupem em chegar lá assim... existem etapas... existem... é... caminhos para que a gente consiga fazer isso direitinho né?

(29/05)

Ou seja, há evidente diferença entre as falas das professoras P e E. A primeira demonstra sua pressa em passar à produção do texto descritivo, sem que haja um preparação dos alunos no sentido de conhecerem bem esse tipo de texto, de terem contato com alguns textos antes de produzirem; deixa explícito que leriam naquela aula um exemplo e, já na aula seguinte, escreveriam. Ela não oferece oportunidades de reflexão e troca de opiniões entre os alunos, momento precioso antes de qualquer produção textual.

Um aspecto que também nos chamou a atenção na fala da professora foi que, embora siga metodologia tradicional no trabalho com produção de texto, demonstra ter incorporado terminologias pertencentes a teorias da linguagem inovadoras, pois em vários momentos de trabalho com língua escrita, ela pedia a seus alunos que pensassem no seu "leitor" antes de escreverem. Ora, os textos de seus alunos não se dirigem a nenhum leitor em especial; a única leitora dos textos é a própria professora. Seu procedimento, após a produção dos textos consiste em recolhê-los, corrigir os erros ortográficos ou algum aspecto relacionado à concordância, ou ainda alguma expressão pouco apropriada ao contexto; em seguida, devolve-os aos alunos, que passam a limpo e os colocam na pasta de redação, a qual é recolhida no final do bimestre para que se lhe atribua uma nota. Não seria esse um momento de leitura em sala de aula? Os alunos, com certeza, ficariam felizes em ler para seus colegas, textos de sua própria autoria, e, nesse caso sim, faria sentido a oralização da escrita.

A professora E, ao contrário, demonstra, pela sua fala, compreender que os alunos precisam ter contato com diferentes modelos de texto, pois não se escreve sobre aquilo que não se conhece. Há uma preparação minuciosa, sem pressa, antes do produto final. No caso da produção de poemas, inicialmente, a professora trabalhou com a análise de um poema, observando, além dos aspectos formais, como rima e métrica, também a compreensão do texto; em seguida, trabalhou a recriação de um poema, os alunos fizeram leitura de outros, tiveram ocasião de expor suas dúvidas sobre o fazer poético (Como o demonstra o trecho da aula do dia 29/05, que analisamos anteriormente.), até que finalmente ela os considerou preparados a serem os produtores do texto. Depois disso, cada aluno leu seu texto para os colegas. Comparando-se o envolvimento das duas quintas séries, facilmente observamos, mais uma vez, a busca da professora E por uma postura mais interacionista nas suas aulas.

A oralidade autêntica, como a consideramos, é aquela que surge espontaneamente, tanto da parte do professor quanto do aluno, no interior do tratamento seja de um tópico gramatical, estudo ou produção de texto cujo tema seja do interesse dos alunos. Porém, como já dissemos anteriormente, para que situações assim ocorram, faz-se necessário que o professor esteja também disposto a ouvir.

DEL RIO (1996) é bastante enfática ao abordar essa postura:

À medida que escuta, o professor tem uma melhor idéia do nível de seus alunos e, em conseqüência, pode se adaptar com precisão às necessidades apresentadas. (...) O professor que escuta 'não faz barulho' verbal, não preenche os silêncios sem motivo, sabe esperar e permanecer calado, além de não invadir o espaço comunicativo das crianças que são suas interlocutoras. (p. 35)

Tal nível de oralidade não ficou evidenciado nas aulas das professoras E e P, embora, com certeza, a professora E esteja buscando esse caminho. Acreditamos que a ausência desse nível de oralidade deve-se principalmente ao excessivo número de alunos na quinta série da escola estadual (por volta de 40, como já dissemos), o que provoca na professora um certo receio de perder o controle disciplinar da turma. No caso da professora P

(sua turma possui menos de 30 alunos; 28 mais exatamente), percebemos que dá maior importância à seqüência dos conteúdos gramaticais programados para o bimestre, além de fixar-se demasiadamente no livro didático, que precisa ser "vencido" a qualquer custo.

Assim sendo, se situações autênticas de oralidade ainda são raras na sala de aula, é necessário que situações ditas "artificiais" sejam criadas, planejadas e executadas. Essas situações são eficazes na medida em que recriam, em sala de aula, aquelas que os alunos possivelmente encontrarão fora da escola. Entendemos, portanto, que é possível trabalhar oralidade na escola, principalmente através de atividades que envolvam os gêneros textuais orais. Possivelmente, apenas nesse aspecto nossa opinião seja oposta à de Marcuschi. Num artigo de 1997, ele deixa bastante claro o que pensa sobre o trabalho com língua falada proposto pelos PCNs: a proposta desse documento são insuficientes, *pois não basta apenas trabalhar os gêneros textuais; é preciso que se trabalhe também a variação na produção da fala*. Ele completa dizendo que ensinar *dramatizações, diálogos com autoridades, seminários e debates* (p. 44) é ensinar gêneros que pouco ocorrem no cotidiano. E finaliza:

Neste sentido, a escola estaria 'ensinando' uma fala completamente desvinculada da realidade, o que não conduziria a nenhum tipo de adequação e eficácia, tal como pretendido pelos PCN. Pois todas as situações indicadas são artificiais e de nada vale este aprendizado. O tratamento da fala em sala de aula deveria ser algo útil e não artificial. (p. 45)

Com certeza, o tratamento da fala em sala de aula deve ser útil. Entretanto, acreditamos que estudar os gêneros textuais orais, por mais que o estudioso os considere distantes da realidade do aluno, possibilitam, sim, ao aprendiz o desenvolvimento de habilidades discursivas orais. Justificamos: ao participar de um debate, por exemplo, o aluno aprende a argumentar ou ainda a escolher as melhores estratégias para convencer seu interlocutor; além disso, aprende a ouvir opiniões contrárias às suas, aceitando-as ou

refutando-as. Atividades como essa constituem riquíssimos espaços para o desenvolvimento da linguagem.

4.3 AULAS COM ÊNFASE NA GRAMÁTICA NORMATIVA X AULA CENTRADA NAS INTERAÇÕES ORAIS

Analisamos, além desses aspectos já mencionados, o comportamento das professoras e dos alunos em momentos em que temos:

- a) **aula com ênfase na gramática normativa;**
- b) **aula centrada na interação como elemento inerente ao processo ensino-aprendizagem.**

Para isso, recortamos dois momentos: um da aula da professora E e outro da professora P, a fim de procedermos à análise

Aula centrada na interação como elemento inerente ao processo ensino-aprendizagem (Professora E)	Aula centrada no ensino da gramática normativa (Professora P)
<p>Prof.: versos... tá... quando tem um verso sozinho a gente já falou... é verso livre é isolado né? Tá sozinho...</p> <p>A1: e quando tem dois professora?</p> <p>Prof.: de dois para cima contamos estrofes... bom... aqui... nesse poema... O girassol... todo mundo deve Ter contado né?</p>	<p>Prof.: é... Giovani... você que tá meio assim... distante... leia pra nós o número dois... (Giovani lê a questão. - inaudível)</p> <p>Prof.: muito bem... então é uma expressão substituindo a outra... nós agora vamos substituir a expressão precisava ter segurança por outra expressão... precisava...</p>

<p>todos vocês... (...) então vamo lá... pra você quantos versos tem o poema?</p> <p>Vinícius: dezoito...</p> <p>Prof.: dezoito versos? Pera lá um pouquinho... peguem o poema de vocês lá no caderno... vamo lá...</p> <p>A1: ih professora... acho que ele contou o título...</p> <p>A2: é...</p> <p>Prof.: pronto... pera lá um pouquinho... a gente já... já corrige... pro Vinícius tem dezoito... mas não é dezoito... nós não contamos o título não é? não contamos os nomes dos autores...</p> <p>Vinícius: é que eu errei aqui ó professora... eu tinha errado uma linha... né... de pulá... daí eu passei um risco... daí eu contei aquela linha...</p> <p>Prof.: então tá... então só...</p> <p>AA.: dezessete... (29/05)</p>	<p>estar segura ((Escreve a expressão no quadro para que os alunos corrijam.)) e o resto continua o mesmo... agora vamos pegar a letra c... precisava er confiança de que conseguiria dar o salto... sempre começa com precisava... e a palavra ali que altera um pouco... precisava ter confiança... vai ficar precisava...</p> <p>A2: estar confiante...</p> <p>Prof.: estar confiante... muito bom... ((Escreve a expressão no quadro.)) de que... também vai o restante... precisava estar confiante de que conseguiria dar o salto... conseguiria... vamos tentar?</p> <p style="text-align: right;">(09/07)</p>
---	--

A aula da professora P é centrada naquilo que SOARES (apud TRAVAGLIA, 2002:105) chama de gramática de uso. Ao ensiná-la, o professor espera que o aprendiz, através da repetição de exercícios estruturais, desenvolva automatismos capazes de levar ao uso da língua em situações reais de uso. No entanto, conforme o autor esclarece:

(...) essa orientação tem apresentado problemas em virtude de se escolherem as estruturas em função dos textos estudados e não das dificuldades e necessidades dos alunos, de suas habilidades lingüísticas, fazendo-se um planejamento com ordenação adequada dos exercícios.

A professora, quando apresenta aos alunos a proposta do livro de que substituam um substantivo abstrato por um adjetivo, demonstra seguir padrões tradicionais também para o ensino de gramática. Sua primeira fala: "Giovani... você que tá meio assim... distante... leia pra nós a número dois..." confirma o que dissemos anteriormente: nesse tipo de aula não há interesse do aluno em questionar, em dizer o que pensa, em construir seu conhecimento, até porque não lhe são oferecidas oportunidades para isso. Ocorre, então, a dispersão, o distanciamento, o desinteresse. O aluno estava "distante" porque a fala da professora não tinha nada que lhe interessasse. Além disso, a que tipo de desafio é exposto o aluno em uma aula como essa? Nenhum, pois a própria professora diz que basta que se mude a expressão solicitada, pois "o resto continua o mesmo".

Aprender os usos da língua é diferente de aprender gramática: no ensino gramatical interessam regras e nomenclatura de uma norma distante da que os alunos efetivamente utilizam no dia-a-dia, e, que, da maneira como são ensinadas, não ajudam o falante a expressar-se adequadamente em situações diversas no seu cotidiano. Acrescente-se a isso o fato de que a oralidade, aqui, significa apenas a fala instrumental da professora. O trabalho efetivo de ensino da língua abarcaria uma diversidade de gêneros, inclusive os orais, de maneira geral não privilegiados pela escola.

O que consideramos interessante na metodologia da professora E é a maneira como procura envolver os alunos nas atividades, sejam orais ou escritas. Não pretendemos, de forma alguma, passar a impressão de que a turma é perfeita em todos os sentidos; há, ali, sérios problemas disciplinares já comentados por nós. Entretanto, chama a atenção o fato de que os alunos estão sempre dispostos à participação. O que, ao longo dos anos escolares, vai tornando o aluno alheio e desinteressado, com certeza, é a postura do

professor. Se ele abre espaço para a reflexão, para a participação oral, ela ocorrerá, sem dúvida; mas, se, ao contrário, os alunos forem sempre massacrados com longos turnos dos professores, com cansativas aulas de gramática normativa e redação descontextualizada, é certo que receberemos sempre no Ensino Médio alunos desmotivados.

Voltando ao caso da professora E, no momento em que A1 e A2 percebem o equívoco do colega Vinícius, ele o dizem e levam Vinícius a observar o que fizera, concordando com os colegas; percebe-se que ocorre a interação não só professora/aluno como também aluno/aluno na construção do significado. Isso é importante porque alunos são pares semelhantes que ensinam e aprendem sem ocupar lugares diferentes na hierarquia da sala de aula; o papel da professora, neste caso, é intermediar o diálogo entre os alunos. Enfim, é o aluno dizendo algo significativo a um interlocutor real. cremos que assim se inicia o verdadeiro processo ensino-aprendizagem.

4.4 A ORALIDADE COMO OBJETO DE ESTUDO

Como se pôde observar, ativemo-nos, até este ponto de nossa análise, à oralidade como forma de interação. Trataremos, agora, da oralidade enquanto objeto de estudo. Para tanto, confrontamos os planejamentos anuais das duas quintas séries, as orientações dos PCNs para o trabalho com textos orais com as aulas gravadas e nossos registros de observação.

A primeira orientação dos PCNs nesse sentido refere-se à seleção de textos, propondo que sejam priorizados, nas situações escolares de ensino de Língua Portuguesa, os textos relacionados aos usos públicos da linguagem, por estes pressuporem interlocutores desconhecidos do aluno e com outros sistemas de referência. Tais textos devem oportunizar *a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como*

a fruição estética dos usos artísticos da linguagem; ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada.

Em se tratando da produção de textos orais, os PCNs sugerem atividades que levem o aluno a planejar falas públicas, adequando sua linguagem à intenção e considerando os papéis assumidos pelos participantes da interlocução. Quanto à escuta de textos orais, considerada atividade primeira no trabalho de desenvolvimento das habilidades discursivas orais, os PCNs orientam no sentido de que os professores, gradativamente e à medida que se fizer necessário, constituam um corpus de textos orais, tais como gravações de conversas e debates radiofônicos, e televisivos, conversas registradas entre os próprios alunos, enfim, registros de gêneros dos mais formais aos mais informais, que permitam o contato dos alunos com os mais diversos usos da língua.

Os planejamentos anuais das quintas séries, conforme já dissemos anteriormente, foram elaborados tendo como fio condutor o desenvolvimento das habilidades lingüísticas dos alunos. Em ambos os casos, as atividades de expressão oral surgem como formas de habilitar o aluno a utilizar a língua nas mais diversas situações, desde a participação em sala de aula, confrontando opiniões, até participações em situações públicas, como dramatizações, seminários, entrevistas e debates. É relevante observar, porém, que em nenhum dos planejamentos encontramos referência aos gêneros do discurso, o que ratifica o pensamento de ROJO (2002:31) de que há certa dificuldade de se orientar os professores a respeito da teoria da enunciação e da teoria dos gêneros do discurso.

Concluimos que, mesmo tendo acesso aos PCNs e suas orientações, muitas vezes os professores não têm noção de como realmente levar a teoria para a sala de aula. Talvez por isso muitos professores simplesmente ignorem o ensino de língua oral em suas aulas, como é o caso da professora P. Suas aulas constituem-se de uma espécie de ritual já

bastante "conhecido" pelos alunos: caligrafia, leitura e interpretação de textos do livro didático, aulas de gramática, avaliação semanal de leitura e leitura na biblioteca.

Analisemos, portanto, as atividades orais propostas pela professora E durante as aulas observadas, ocorreram duas situações em que a proposta da aula centrava-se no ensino da oralidade:

a) produção de poemas para posterior apresentação no "Momento da poesia": essa atividade iniciou-se com a análise de textos poéticos; em seguida os alunos completaram espaços deixados em branco em poemas selecionados pela professora, para, finalmente, produzirem seus textos poéticos. A princípio os textos foram lidos em sala e selecionados pela professora. Os melhores textos foram ensaiados pelos seus autores, que participaram de um evento da escola chamado "Momento da poesia", cujo objetivo é valorizar a expressão artística oral dos alunos.

Embora trabalhemos na mesma escola, não tivemos oportunidade de assistir ao evento, uma vez que ele destinava-se apenas a alunos do Ensino Fundamental, no qual não temos turmas. Posteriormente, em conversa com a professora E, soubemos que o evento não atingiu o nível esperado, pois outros professores não prepararam seus alunos a contento. Houve casos, segundo ela, de alunos que subiram ao palco e leram o texto, quando o objetivo era a declamação, incluindo expressões não-verbais, como gestos, por exemplo.

A professora E mostrou-se desalentada e desmotivada a prosseguir com essa atividade futuramente. Detectamos aí um provável empecilho às mudanças: falta de envolvimento dos colegas professores, possivelmente por ser mais cômodo seguir com o ensino tradicional. Realmente, a professora destinou em torno de quatro aulas, dentre as vinte a que assistimos, para essa atividade.

b) organização de uma dramatização: a intenção da professora A era preparar, inicialmente, apenas um grupo, e, em outras ocasiões, envolver o restante da turma

nas dramatizações. Os ensaios e preparativos para a apresentação demandaram ainda mais tempo que a atividade anterior, com a diferença que, neste caso, os alunos ensaiariam sozinhos em horários não concomitantes aos das aulas. Vejamos, então, de que forma a professora E conduziu a atividade:

Prof.: ó... nós vamos fazer assim... a gente vai dividir o texto tá? nós vamos fazer leitura em voz alta... os outros... vão fazer o acompanhamento pelo livro tá? nós vamos fazer assim... vamos dividir da seguinte forma... nós temos um narrador no texto não temos?

AA.: sim...

Prof.: tá... quantos personagens tem?

A1: três...

Prof.: quem são?

AA.: cinco...

Prof.: quem são? a Ritinha...

AA.: (...) ((Confusão de vozes - inaudível))

Prof.: tá... pera lá um pouquinho... Fernanda... posso falá gente? Fernanda... quais são os personagens do texto?

Fernanda: a Ritinha... a madrinha dela... a tia...

Prof.: que mais?

Fernanda: o pai... a mãe... e o avô...

Prof.: então são seis tá? nós vamos dividir tá? seis personagens... fora o narrador do texto não é? então eu

vou fazer assim... eu vou pedir pro Lucas... você vai ser o narrador... Lucas... dá uma olhadinha aí onde tiver o narrador... (...)

(03/06)

Assim, a professora dá seqüência à escolha dos alunos que participariam da dramatização. Como praticamente todos os alunos queriam participar, ela optou por indicar os alunos, esclarecendo que em outra oportunidade os demais participariam. Pediu, então, aos envolvidos, que comesçassem os ensaios.

Alguns dias depois, transcorreu, na sala, o diálogo transcrito abaixo:

Prof.: Paula...fala pra mim o que você... só a Paula tá gente? como é que tá a situação do ensaio de vocês... vocês... ensaiaram de novo... alguma vez ou não? se leram de novo o texto né? ou não deu tempo ainda?

Paula: a gente não leu ainda...

Prof.: não? tá... vocês precisam de espaço pra se organizar então... é isso né? então eu vou fazer o seguinte ó... o pessoal que está no texto... que vai montar o teatrinho... né? eu vou dispensar vocês agora... eu quero que vocês vão lá fora... combinem assim ó... vocês vão levar o livro... prestem bem atenção primeiro... (...)

(12/06)

A professora, então, orienta os alunos quanto à caracterização dos personagens e figurino, e os dispensa para o ensaio.

A terceira referência à dramatização deu-se no dia 23/06, da seguinte forma:

Prof.: (...) nós vamos fazer assim ó... primeira coisa... o pessoal do grupo que vai fazer a... a interpretação... a dramatização... do teatro lá... do texto... primeiro a gente vai fazer a correção tá? das questões de interpretação de texto... depois eu libero vocês... vocês vão dar uma ensaiadinha lá fora... tá? tá entendido?

AA.: tá...

Prof.: tá... (...)

(23/06)

Quando encerramos nossas observações, os alunos ainda não haviam apresentado a dramatização, o que comprova a dificuldade da professora em conciliar atividades orais com as outras atividades de sala de aula. Configuraram-se alguns problemas, que abordamos agora:

1º) Uma vez que alunos da quinta série são extremamente participativos, como já imaginávamos, quase todos dispuseram-se a participar da dramatização. A professora E optou pelo critério da indicação, pois havia apenas um texto a ser encenado. Discordamos dessa opção, pois acreditamos que tanto nas atividades escritas quanto nas orais, todos os alunos devem estar envolvidos. Não se pode imaginar o trabalho com a língua oral como um "algo a mais" do qual participam apenas alunos que o desejarem; ele deve ser extensivo a toda a turma.

Que possíveis soluções encontraríamos para resolver a situação?
Apresentamos duas, dentre outras que poderiam ser pensadas:

a) A professora poderia ter utilizado o mesmo texto dramático para que toda a turma, dividida em vários grupos, o encenasse. Isso inclusive resolveria um outro problema: ela não teria que dispensar um grupo para ensaiar e ficar com outro na sala; seria possível dirigir-se com a turma toda para o pátio (que é bastante amplo) e todos ensaiariam durante uma ou duas aulas. Além do mais, tal procedimento agilizaria até mesmo a apresentação, pois estando presente aos ensaios, a professora os conduziria de forma organizada e mais rápida.

b) Os alunos poderiam ser desafiados a produzir, em grupos, seu próprio texto dramático, criando tantos personagens quantos fossem os membros da equipe. Acreditamos que isso envolveria intensamente os alunos, que seriam sujeitos de sua própria aprendizagem, explorando suas habilidades lingüísticas e extra-lingüísticas. Os procedimentos de ensaio correriam da mesma forma que na sugestão anterior.

Apesar de sua evidente intenção de explorar as habilidades orais de seus alunos, a professora deparou-se com inúmeros problemas que poderiam levá-la a abandonar tal projeto. Entendemos com POMPÍLIO et al (2000) que nos PCNs de Língua Portuguesa

A intenção é de que as propostas e idéias ali apresentadas venham a oferecer subsídios para um ensino que permita aos alunos o uso eficaz da leitura e da escrita e dos benefícios decorrentes de sua apropriação, como a diminuição do fracasso escolar e a possibilidade efetiva do exercício da cidadania.

O que vem ocorrendo nas escolas, tanto nas particulares quanto nas públicas, é que os professores incorporam à sua fala terminologias e até mesmo demonstram algum conhecimento das propostas (devido à leitura obrigatória dos PCNs, solicitada, normalmente, pelos supervisores escolares), porém não se encontram preparados para levá-las à prática. A verdade é que os PCNs não devem tornar-se uma lei única a ser seguida. Realmente devem servir como parâmetros para que as aulas de Língua Portuguesa sirvam à reflexão sobre os usos da linguagem e sua apropriação pelos alunos.

Não podemos esperar que os professores, por maior interesse que demonstrem, possam dar conta de todas as teorias da linguagem modernas, principalmente as que embasam os PCNs, sem que lhes sejam oferecidas condições de refletir sobre a linguagem e seus usos. Também não é interesse nosso condenar este ou aquele professor: nossa professora P foi educada aos moldes tradicionais, sua graduação em Letras foi tradicional, ou seja, ela apenas ensina como aprendeu. Com certeza, os raros momentos, como a semana pedagógica no início do ano letivo ou esparsas reuniões pedagógicas durante o ano, não são suficientes para que o professor mude sua postura em sala de aula. A própria professora E, considerada por nós mais interacionista, está ainda fazendo tentativas, mas não podemos dizer ainda que atingiu o que todos os professores de Língua Portuguesa almejam: a formação dos alunos como sujeitos competentes lingüisticamente e preparados para viver realmente sua cidadania. Portanto, encerramos esta análise, concordando com BRÄKLING (2000):

Isto posto, sem que pretendamos apelar para o senso comum das costumeiras discussões sobre a Educação em nosso país, resta-nos dizer que há uma necessidade premente de atenção, por um lado, para as condições nas quais o professor vem trabalhando: e, por outro, para a formação que a ele vem sendo oferecida. Mais do que isso, há a necessidade premente de desenvolvimento de pesquisa e materiais que possam subsidiar, efetivamente, o trabalho do professor e o trabalho com o professor, para além das orientações gerais, sempre necessárias, mas também sempre insuficientes. (p. 246)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o período de observação e análise das aulas gravadas nas duas turmas de 5ª série, procuramos verificar de que forma ocorrem as interações orais, ou seja, debruçamo-nos sobre o processo ensino/aprendizagem a fim de evidenciar o que, de fato, acontece em sala de aula. Ao estabelecer as categorias de análise, buscamos abarcar, no pequeno espaço desta dissertação, as relações mais frequentes entre professoras e alunos no que diz respeito ao ensino da oralidade.

Evidenciou-se, na análise dos dados, que as interações orais ainda prevalecem em sala de aula como forma de transmissão de conteúdos gramaticais ligados à língua escrita e à sua norma culta, como ocorre na prática pedagógica da professora P.

Quando o professor propõe-se trabalhar com a oralidade, apesar do conhecimento teórico, esbarra em vários obstáculos, dentre eles, o excessivo número de alunos em sala de aula, o receio de que interações orais gerem indisciplina, e, principalmente, a falta de diretrizes para um efetivo trabalho com a língua oral. A professora E exemplifica o que dissemos anteriormente. No entanto, apesar dos inúmeros problemas que enfrenta, presenciamos, em suas aulas, situações de interações orais muito proveitosas para a aprendizagem dos alunos.

Foram, ainda, estabelecidas as categorias **oral X oralizado**. Nesse caso, nosso estudo verificou que ainda ocorrem equívocos a respeito do que realmente seja a língua oral. O fato de os alunos utilizarem o meio sonoro para manifestarem-se não significa que, de fato, estejam desenvolvendo sua oralidade; há, conforme, concluiu-se, oralização da escrita, que não oferece condições para que se desenvolva a competência discursiva oral dos alunos. Porém, quando o enfoque das aulas recai realmente sobre o estudo da oralidade,

percebemos um caminho promissor na prática pedagógica. É nesse momento que o aluno realmente percebe-se como sujeito, num contexto que o reconhece como tal.

Quando estabelecemos um paralelo entre as estratégias de ensino do oral nas escolas pública e particular, não pretendemos sobrepor uma à outra, mas procuramos esclarecer as causas que determinam a atuação das professoras e, conseqüentemente, a maior ou menor participação oral dos alunos.

É preciso que, nesse espaço social que é a sala de aula, sejam devidamente situados os dois sujeitos mais importantes do processo: professoras e alunos. Uma observação a ser feita em relação à professora P, além daquelas já citadas durante nossa análise, é que, em decorrência desse espaço social em que está inserida, a escola particular, sua atuação está fortemente marcada por exigências sócio-históricas. A escola particular tem uma longa história de ensino tradicional, em que a exigência dos pais dos alunos determina o que vai ser ensinado e de que forma serão transmitidos os conteúdos.

Não raras vezes, ocorre um embate entre as convicções dos professores e a postura da sociedade em relação à escola particular. A professora P traz, em sua prática pedagógica, as marcas dessa luta: tem conhecimento das correntes lingüísticas inovadoras e o demonstra em seu discurso (haja vista seu planejamento anual e algumas palavras "soltas" em sala de aula), no entanto, parece ser constantemente lembrada de que há um planejamento a ser vencido, existem normas a ser seguidas, existem avaliações e notas a serem lançadas. O assujeitamento marca sua atuação, direcionada por forças alheias à sala de aula, mas presentes na escola particular. Portanto, justifica-se, também, a presença passiva, em sala de aula, de seus alunos.

A professora E, por sua vez, pertence a um contexto diferente. De maneira geral, a sociedade parece oferecer à escola pública uma "liberdade" não permitida à escola particular. Acreditamos que essa liberdade funciona como uma "faca de dois gumes":

profissionais irresponsáveis podem entendê-la como um aval para conduzir o processo ensino/aprendizagem de maneira leviana. Porém, felizmente, a professora E evidencia valores nos quais acreditamos: é possível ensinar a língua real, viva, sem, contudo, perder a qualidade do ensino de Língua Portuguesa, como pensam os professores mais tradicionais.

As observações acerca do trabalho com oralidade levam-nos a concluir o que dissemos acima: métodos tradicionais admitem apenas o ensino da norma padrão escrita. Práticas inovadoras, entretanto, demonstram que é possível aliar o estudo da língua falada ao da língua escrita, valorizando o discurso dos alunos e ampliando sua competência discursiva, afinal, objetivo maior das aulas de língua materna.

Sendo assim, apresentamos, a seguir, sugestões que consideramos plenamente aplicáveis em sala de aula no que diz respeito do tratamento da oralidade no Ensino Fundamental. Essas sugestões levam em consideração a estreita relação entre oralidade e escrita.

Inicialmente, apresentamos o pensamento de CASTILHO (1998). O autor, que considera a importância da língua escrita, sugere que as reflexões gramaticais partam de um *emparelhamento da língua falada e da língua escrita* (p. 24), ou seja, pode-se combinar, por exemplo, o estudo dos seguintes tipos de texto: conversação simétrica/diálogos em peças de teatro; conversação assimétrica/cartas, crônicas e noticiários de jornais e revistas. Estudos comparativos como os sugeridos por Castilho confirmam que fala e escrita não se encontram em pólos opostos; mostram que há textos escritos que se aproximam muito de textos falados e textos falados com características de textos escritos, estabelecendo o continuum tipológico de que nos fala Marcuschi.

Castilho pondera que, inicialmente, esse estudo seja feito através de projetinhos de pesquisa, em que primeiro se faça a reflexão e, depois, a classificação gramatical. Projetos dessa natureza tornam as aulas de Língua Portuguesa mais agradáveis,

uma vez que trabalham a língua que efetivamente se utiliza no dia-a-dia, e não uma língua presente apenas em manuais de gramática ou antigos textos literários.

RAMOS (1997), por sua vez, argumenta que há duas maneiras diferentes de se levar o aluno a conhecer as variedades lingüísticas: a primeira é a definição feita pelo professor; a segunda é colocar o aluno em contato com essas variedades. A primeira opção, segundo ele, e é também o que pensamos, tem levado os alunos ao fracasso no uso da língua. A segunda possibilidade é a mais promissora: professores e alunos podem selecionar, dentre o leque de situações reais cotidianas, os textos que serão estudados; como exemplo, cita trechos de programas de televisão e conversas com pessoas de diferentes níveis sociais. Ao enfatizar o texto oral como objeto de estudo, Ramos esclarece que o aluno, ao tomar contato com os textos, tem possibilidade de participar mais ativamente do processo de aprendizagem.

Encontramos, também, em DEL RIO (1996), orientações para o ensino da língua oral comunicativa. A autora considera que os usos funcionais da língua são aprendidos em práticas sociais compartilhadas, isto é, em interações significativas. Dessa forma, as próprias atividades cooperativas presentes na sala de aula são adequadas ao desenvolvimento das habilidades discursivas orais dos alunos.

Não podemos deixar de citar MARCUSCHI (1993), para quem, sejam quais forem os parâmetros definidos para o estudo da língua falada, todas as sugestões só farão sentido *se forem tomadas numa perspectiva teórica em que o foco não seja apenas a análise fundada no sistema lingüístico abstrato*. Ou seja, a língua falada a ser estudada deve, novamente, ser a língua viva e real falada em nosso país.

Os PCNs, portanto, apresentam propostas de estudo da oralidade condizentes com o que dizem os estudiosos do assunto, e constituem um material com o qual os professores têm contato. Nossos alunos de 5ª série, como imaginávamos, estão

prontos à participação oral, que, se iniciada nessa série, com certeza, evoluirá nas séries seguintes. Pode parecer redundante, repetitivo, porém, realmente, é papel do professor proporcionar as interações orais em sala de aula. Não apenas aquelas que levam ao estudo da língua escrita, tão necessária em nossa sociedade, mas também aquelas que levem ao estudo da língua falada e de suas variedades, preparando nossos alunos para a participação nas situações de interlocução, desde as mais informais às mais formais.

Acreditamos que não seja mais uma função a ser atribuída ao professor de Língua Portuguesa, mas uma questão de reorganização dos conteúdos, que busque colocar língua escrita e língua falada no mesmo nível de importância. Sem dúvida, os professores precisam de condições para que todas essas mudanças sejam efetivadas: melhores condições de trabalho, tempo disponível para estudo e preparação de material. No entanto, cremos que é possível iniciar o estudo da língua falada através de pequenos projetos, como sugere Castilho, e do aproveitamento das inúmeras situações que se apresentam em sala de aula. Cremos que, quando situações como essas passam a fazer parte da rotina de sala, as aulas passam a ser mais interessantes e tanto professores quanto alunos sentem-se realmente sujeitos do processo ensino/aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ALLWRIGHT, R. L. **The importance of interaction in classroom language learning.** *Applied Linguistics*, v. 5, n. 2, 156-171, 1984.
- ANDRÉ, Marli Eliza Delmazo Afonso de. **Etnografia de prática escolar.** Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.
- AZEVEDO, Claudinéia B. ; TARDELLI, Marlete C. Escrevendo e falando na sala de aula. In; GERALDI, João Wanderlei ; CITELLI, Beatriz. **Aprender e ensinar com textos de alunos.** São Paulo: Cortez, 2. ed., 1998.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos, STUBBS, Michael e GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação & ensino.** São Paulo: Parábola, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. Trad. Maria E. Galvão G. Pereira. In: _____. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Tradução por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- BARBOSA, J. J. **Alfabetização e leitura.** São Paulo: Cortez, 1991
- BARROS, Diana Luz Pessoa. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, Dino (Org.) **Fala e escrita em questão.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Padrões de oralidade presentes na explicação de textos na sala de aula. **Linguagem & ensino**, v. 1, n. 2, 1998.
- _____. **Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos.** In: DIONÍSIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel ; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.) Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BORTOLOTTI, Nelita. **A interlocução na sala de aula.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BRAIT, Beth. PCNs, gêneros e ensino de língua: faces discursivas da textualidade. In: ROJO, Roxane (Org.) **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs.** São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- _____. Interação, gênero e estilo. In: PRETI, Dino (Org.) **Interação na fala e na escrita.** 2. ed. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2003.

BRAKLING, Kátia L. Trabalhando com artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro. In: ROJO, Roxane (Org.) **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado de Letras, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação fundamental - Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITTO, L. P. L. **À sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical**. Campinas: Mercado de Letras: 2000.

CASTILHO, Ataliba T. de. **A língua falada no ensino de Português**. São Paulo: Contexto, 1998.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 15. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CORACINI, Maria José R. Faria. O livro didático nos discursos da Lingüística Aplicada e da sala de aula. In: CORACINI, M. J. (Org.) **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. Campinas: Pontes, 1999.

CURRÍCULO Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná. 1990

DELL'ISOLA, R. L. P. Avaliação da leitura de textos no ensino de língua portuguesa. In: _____; MENDONÇA, E. A . (Orgs) **Reflexões sobre a língua portuguesa: ensino e pesquisa..** Campinas: Pontes, 1997.

DEL RIO, Maria José. **Psicopedagogia da língua oral: um enfoque comunicativo**. Porto alegre: Artes Médicas, 1996.

FARACO, Carlos Alberto. As sete pragas do ensino de Português. In: GERALDI, João Wanderlei (Org.) **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 2. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. ; AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FÁVERO, Leonor Lopes. O tópico discursivo. In: PRETI, Dino (Org.) **Análise de textos orais**. 5. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH / USP, 2001.

FREGONEZI, Durvali Emílio. **Elementos de ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Metodologia de pesquisa em português falado. In: RODRIGUES, Ângela Cecília de S.; ALVES, Ieda Maria ; GOLDSTEIN, Norma Seltzer. **Seminário de Filologia e Língua Portuguesa**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1997.

_____. Turno conversacional. In: PRETI, Dino (Org.) **Análise de textos orais**. 5. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001.

GERALDI, João Wanderlei. Concepções de linguagem e ensino de Português. In: GERALDI, João Wanderlei (Org.) **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 2. ed., Cascavel: ASSOESTE, 1984.

_____. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas: Mercado de Letras - ALB, 1996.

_____. Da redação à produção de textos. In: GERALDI, João Wanderlei ;CITELLI, Beatriz. **Aprender e ensinar com textos de alunos**. 2. ed. São Paulo: Cortez,, 1998.

GORNI, Doralice Aparecida Paranzini. **A reestruturação do Ensino Fundamental do Paraná após a abertura democrática do Brasil: retrospectiva e perspectivas**. Londrina, Pr. Editora da UEL, 2002.

ILARI, Rodolfo. **A Lingüística e o ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins fontes, 4. ed., 1997.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Interferências da oralidade na aquisição da escrita. **Trab. De Ling. Apl.**, Campinas, v.30, jul/dez., 1997.p. 31-38.

LEITE, Marli Quadros. A influência da língua falada na gramática tradicional. In: PRETI, Dino (Org.) **Fala e escrita em questão**. 2. ed. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1991.

LUFT, **Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino**. Porto Alegre: L&PM, 7. ed., 1985.

MACEDO, Alzira Tavares de, RONCARATI, Cláudia ; MOLLICA, Maria Cecília (Orgs.) **Varição e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MAGALHÃES, Maria Izabel S. Língua oral, língua escrita: uma questão de valores sociais. In: **D.E.L.T.A.** , v. 8, n. 2, 1992, p. 243-261.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **O tratamento da oralidade no ensino de língua**. Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1993.

_____. Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º graus: uma visão crítica. In: **Trab. de Ling. Apl.**, Campinas, v.30, 39-79, jul/dez. 1997.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento.** Campinas: Mercado de letras, 1994, 2. ed., 2000.

_____. **Estudo da língua falada e aula de língua materna:** uma abordagem processual da interação professor/alunos. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MELO, Lélia Erbolato. Principais teorias/abordagens da aquisição de linguagem. In: MELO, Lélia Erbolato. **Tópicos de Psicolinguística Aplicada.** 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

MESSIAS, Rozana Aparecida Lopes. **A oralidade nas aulas de Língua Portuguesa:** análise de um caso. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências e Letras- Universidade Estadual Paulista. Assis, 2002.

MOITA LOPES, L. P. Variação de padrões interacionais em dois grupos de aprendizes de leitura em língua materna. **Revista Tempo Brasileiro**, v. 117, p. 107-120, 1994.

_____. Co-construção do discurso em sala de aula: alinhamento a contextos mentais gerados pela professora. In: FORTKAMP, M. e TOMITCH, L. M. (Orgs.) **Aspectos da Linguística Aplicada.** Florianópolis: Insular, 2000. p.247-271.

MOURA NEVES, Maria Helena de. **Gramática na escola.** São Paulo: Contexto, 1990.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é lingüística.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Discurso e texto:** formação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

POMPÍLIO, Berenice W et all. Os PCNs: uma experiência de formação de professores do Ensino Fundamental. In: ROJO, Roxane (Org.) **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs.** São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado de Letras, 2000.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas: ALB; Mercado de Letras, 1996.

PRETI, Dino Org.) **Análise de textos orais.** 5. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH / USP, 2001.

RAMOS, Jânia M. **O espaço da oralidade na sala de aula.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RÉ, Alessandra Del. Discurso da oralidade: da teoria à prática. In: MELO, Lélia Erbolato. **Tópicos de Psicolinguística aplicada.** 2. ed. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 1999.

RICHTER, Marcos Gustavo. **Ensino do Português e interatividade.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2000.

ROJO, Roxane (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula - praticando os PCNs.** São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado de Letras, 2000.

ROTTAWA, L. Avaliação em leitura e escrita enquanto processos interdependentes. In: SEMINÁRIOS DO GEL, 27, São José do Rio Preto. **Anais...** São José do Rio Preto: UNESP /JBILCE, 1998.

SILVA, Luiz Antônio da. Estruturas de participação e interação em sala de aula. In: PRETI, Dino (Org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1986.

SORDI-ICHIKAWA, Cláudia. **A interferência da oralidade na escrita em escolares com desvios de fala**. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

URBANO, Hudinilson. **Oralidade na literatura: o caso Rubem Fonseca**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (Org.) **Análise de textos orais**. 5. ed., São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ANEXOS

ANEXO A
TRANSCRIÇÃO DAS AULAS

ANEXO A

TRANSCRIÇÃO DAS AULAS

5ª SÉRIE - Colégio L.S.

04/06 - 1 aula

Prof.: bom dia...

AA: bom dia...

Prof.: meninos, sentando... eu não vejo por que tem três meninos ainda em pé... o chiclete, joga no lixo...já foi trabalhado isso, nem era de precisar reforçar...tirem os bonés também... nós, por alguns dias...Paulo! teremos a presença da professora Rita é uma mestranda... e ela vai... observar tanto a sala quanto a professora... o Marcos já percebeu está sendo gravado... então... depende de vocês, né? ela já é professora... para tanto precisamos como sempre vocês foram... colaboradores... vamos ser mais no sentido de crescer... não de bagunça de querer aparecer... entendido? o pessoal que esteve ausente na aula passada...

A1: eu...

A2: eu...

A3: eu...

Prof.: eu sei... eu estou com as provas em mãos... eu vou chamar lembrando que já foi feita... a parte da revisão...

A1: quem pegou a prova de mim e do Lucas?

Prof.: como?

A4: eu...

Prof.: Paula...

A5: eu peguei...

Prof.: Luís... Márcio... pessoal... vocês perceberam que na prova tinha lá sobre a língua formal e a língua informal... o que tem que ter na língua formal? é só pensar... ela segue forma... regra... que é a língua que a gente procura aperfeiçoar... no dia-a-dia nós falamos de uma maneira mais descontraída e chamamos de fala informal... ainda nós temos as variantes lingüísticas que variam de região para região conforme nós já vimos também tá certo? então eu trouxe pra vocês... hã... numa revistinha aqui... Seleções... que diz assim: língua brasileira... bah! Chega de confusão... bem típico de gaúcho... então ele vai comentar

aqui situações vivenciadas por várias regiões... do Brasil e... como nós devemos... de repente ficar atentos... para não... falar uma coisa e ... A palavra ter outro significado naquela região... então diz assim: outro dia encontrei um mandinho... ó, mandinho... um guri desses que anda pela rua sem carpim... de bragueta aberta soltando pandora... eu vinha de bici descendo a lombaa para ir na lancheria comprar umas bergamotas... entenderam?

AA: não...

Prof.: então aqui o linguajar... gaúcho... então primeiro... mandinho lá... guri... então... hã... tratam bastante... como em algum lugar é piá no outro é moleque... outro é garoto... lá chamam de guri... que anda pela rua sem carpim... sem meia... então lá meia chama de carpim... de bragueta aberta... bragueta aberta seria o zíper... ou... a velcro numa bermuda... alguma coisa assim... soltando pandora... pipa né? soltando pipa papagaio... eu vinha de bici todos entenderam... descendo a lombaa... então vinha numa... descida... para ir na lancheria comprar bergamota... pra nós aqui vocês chamam de mexerica né? ou então tem a variedade que é poncã e outras mais... então a bergamota em Curitiba é mimosa... e aqui mexerica... lá eles chamam de bergamota... continuando... se você não é gaúcho provavelmente não entendeu nada do que eu estava contando... no rio Grande do Sul a gente chama tangerina...ó tangerina... de bergamota... e carne moída... de guizado... bidê... que a maioria usa no banheiro... é o nome que nós demos para a mesinha de cabeceira... que em alguns lugares chama-se criado-mudo... então lá o criado-mudo eles chamam de bicê... aquele que muitas vezes nós conhecemos como do... banheiro... e por aí vai... a privada nós chamamos de patente... lá no Rio Grande... diz-se que isso começou com a chegada dos primeiros vasos sanitários de louça... vindos da Inglaterra... que traziam impresso patente número tal... era patenteado... era registrado... e pegou... ir aos pés no rio Grande do sul é fazer cocô... eu acho trielegante... poético... com licença vou aos pés e já volto... uma amiga carioca foi passear em Porto Alegre e precisou de um médico... a primeira coisa que ele perguntou foi: vais aos pés normalmente minha filha? ela na mesma hora levantou e começou a fazer flexão... o Brasil tem dessas coisas... ela não sabia né que lá tinha outro significado... ela achou que tinha que parar em pé... o Brasil tem dessas coisas... um país maravilhoso... com o português como língua oficial... mas cheio de dialetos diferentes... então varia de região até porque a colonização que envolve várias origens de raças diferentes... e nós temos essa mistura de linguagem... no rio é... e aí mermão... mermão quer dizer o quê? Meu... irmão...

A2: é meu irmão...

Prof.: então ficou... vai rolar umaX paradaX? até eu entender que mermão era meu irmão () em São Paulo eles botam um **i** a mais na frente do **e**... orra meu tô por **deintro**... mas não tô **entendeindo**...

AA ((rindo)): entendeindo...

Prof.: e no interior falam **r** todo enrolado... a Fernanda marcou a porteira ((Enfatizando a pronúncia caipira do **r**...))... dá um nó na língua... a vantagem que a pronúncia deles no interior é ótima... em **Mim**, quer dizer Minas eles engolem letras... e falam **Belzonte**... Belzonte é Belo Horizonte né? **Nossinhora**... Nossinhora... Nossa Senhora... em qualquer urgência é chamado de trem... lembrei-me daquela história com o mineirinho na plataforma da estação... quando ouviu o apito falou saltando para as malas: muié... pega os trem que o bicho tá vindo... então os trem eram as malas e...

A1: e o trem?

Prof.: o trem ele chamou de ... bicho... seguindo... no Nordeste é tudo meu rei... bichinho... ó chente...

A1: ó chente... ((Imitando o sotaque nordestino.))

Prof.: pai é painho... mãe é mainha... vó é voinha... e para você conseguir falar com o acento típico da região é só cantar sempore a primeira sílaba de qualquer palavra... numa nota mais aguda que a seguinte... mas o lugar mais curioso de todos é Florianópolis... lagartixa eles chamam de crocodilinho de parede... ((Alunos riem.)) helicóptero é avião de rosca... entenderam? helicóptero é avião de rosca... carne moída é boi ralado... ((Alunos riem.)) se você quiser um pastel de carne... precisa pedir um envelope de boi ralado... ((Alunos riem.)) o popular orelhão é conhecido como poste de prosa... e aviso de telefone é pastilha de prosa... ovo eles chamam de semente de galinha ((Alunos riem.)) e motel é lugar de instantinho... e a pronúncia correta...de... de...é di... como a gente fala também... di... ó Guaraná... dizem que vem da colonização açoriana mas eu acho que essa pronúncia vem sendo potencializada pela influência do castelhano com a invasão dos argentinos no litoral catarinense... sempre que chega o verão... alguma coisa eles devem deixar além de lixo na praia... então ele faz uma crítica aqui aos argentinos castelhanos... em Porto Alegre uma empresa tentou lançar um serviço de entrega em domicílio de comida chinesa... o telechina... só que o significado de china no Rio Grande do Sul é prostituta... ((Alunos riem.)) telechina... mas era pra ser entrega de comida chinesa...((Alunos riem.)) calma eu já vou ouvir o que vocês têm a colocar...

A5: professora tinha china na Casa das sete mulheres...

Prof.: é? então ó... ela acompanhou A casa das sete mulheres... seguindo... quase não deu certo... imagine a confusão: um cara pede uma loira às duas horas da manhã e recebe a sugestão de frango xadrez com bolinho primavera... porque lá china tem outro significado não é chinês... o que é que o cara vai querer com uma banana caramelada no meio da madrugada? então é aquela () aquele complemento como tem aqui no restaurante chinês... vocês devem gostar bastante né?

A2: eu gosto...

A6: eu gosto...

Prof.: tudo isso é muito engraçado mas às vezes dá problemas sérios... a primeira vez que a minha mãe foi ao Rio de Janeiro entrou numa padaria e pediu: me dá um cacete ((Muitas risadas dos alunos.)) gente não tem ninguém surdo...cacete para nós no Rio Grande do Sul é... pão francês... o padeiro caiu na risada e a chamou num canto tentando contornar a situação... ela ingenuamente emendou: mas o senhor tem pelo menos um cacetinho? ((Mais risadas dos alunos.)) então... esse artigo justamente demonstrando essa variedade que nós temos no Brasil e a diferença de significados... de uma região para outra... então... temos que ficar bem atentos quanto a isso... quem que... hã... a Lorena colocou que na Casa das sete mulheres chamava a mulher então de china... que outra referência... alguma coisa mais que queiram colocar? Guilherme... Leonardo você estava rindo... de quê?

Leonardo: não... é que lá na comida chinesa... eles falam... telejapa... ((Alunos riem.))

Prof.: gente... eu agradeço a manifestação e deixa as ironias pra depois... ele tem... direito de colocar... te... como tem telepizza tem... comida chinesa... tem... por que não japonesa? italiana... até muitos de nós temos costumes e tradições bem diferentes... comidas diferentes também... então pra nós percebermos... a língua que nós chamamos de ... língua formal aquela que nós vamos cada vez aprofundar mais... ou chamada de língua culta... que quando eu vou escrever eu tenho que tomar cuidado... para que meu leitor... entenda...se é palavra não usada no contexto eu vou ter que esclarecer senão causa essa estranheza... igual o texto ali... como foi lido... então nós precisamos ter esse conhecimento... na aula passada nós paramos... analisando o conto maravilhoso chamado Chapeuzinho Vermelho... agora nós vamos ver a página 83...

A1: professora amanhã é pra trazê a pasta de redação?

Prof.: amanhã não Leonardo... nós vamos amanhã treinar... as oficinas... para... técnica do bombril e do acróstico... pra que cada um... Paulo...

Paulo: eu tô quieto...

Prof.: ó diz a Maria Fernanda que a técnica do bombril será feita em Matemática... e é claro que...

A3: professora...

A4: técnica do bombril?

Prof.: gente... deixa a Maria Fernanda colocar...

Maria Fernanda: vai ser com com figura?

Prof.: pode ser com qualquer desenho... qualquer...

((A aula é interrompida por dez minutos com a entrada de um auxiliar da direção que vem dar orientações sobre a participação dos alunos na Feira Shopping, evento municipal que se iniciará à noite.))

Prof.: página 83... eu digo () não são do mesmo tipo... nós já tínhamos feito... quando digo todos os lobos não são... quer dizer... nenhum lobo... então página 83... número 2... agora que nós vamos começar... o que que é onomatopéia?

A3: é aquele negócio...

AA: é o som...

A3: é quando... uma bomba explodindo faz BUUMM...

Prof.: fala Rebeca...

Rebeca: onomatopéia tem no gibi...

Prof.: onomatopéia é usado no gibi... principalmente na história... em quadrinho... e elas são... reproduções de som... então o som do telefone... o triiim... aparece lá o triiim... alguém bate à porta... toc toc toc...

A3: tuc tuc tuc...

Prof.: alguma coisa caiu... pam!

A4: blim blim blim...

A3: brUUUm!

Prof.: Mariana...

Mariana: é pra pegá o caderno de atividade?

Prof.: número 2... Leia... João Vítor... presta atenção aqui que nós já vamos ver os poemas... e identificar as onomatopéias... número 2 da página 83...

((João Vítor lê o texto.))

Prof.: onomatopéia... vamos todos ler o que que é onomatopéia... todos...

AA: onomatopéia são palavras ou expressões que imitam aproximadamente sons e ruídos produzidos por sinos campainhas instrumentos musicais armas de fogo vozes de animais movimentos etc.

Prof.: agora nós temos embaixo alguns... hã... quadrinhos e histórias em quadrinhos... o barulho de água... caiu na água... choro e... número 1 letra a... identifique as onomatopéias e indique o que imitam...então na letra a e na letra b depois... guaraná... página 84... a e b... verificar qual é a onomatopéia e dizer o que que ela... indica... naquele contexto... imagine número 3 que você está no tempo das () às dezoito horas... as lojas fecham suas portas... barulhos de vozes... buzinas... motor de carro e de ônibus... escapamento de motos apitos de guardas de trânsito... um carro freia repentinamente e uma pessoa grita... um cachorro ganindo passa por você... isso nós faremos no caderno... escreva um pequeno texto narrando essa situação... usando onomatopéias... são os ruídos como... apito de fábrica carro freando... isso então nós vamos produzir essa seqüência de idéias narrando uma situação... você pode colocar às dezoito horas ou às seis horas... eu estava no centro quando ouvi não sei o quê... não sei o quê... às dezoito horas né?... isso aqui... esse texto... explorando onomatopéia será feito no caderno... primeiro momento agora nós vamos fazer o número dois que é no livro... eu acredito que a maioria já fez... já vamos ver... e o número três então ficará como... atividade que vamos desenvolver logo no caderno...

A4: professora...

Prof.: já fez? guarda essas provas que tem aí em cima... aqui ó... número dois... vamos Eduardo... aqui ó... número dois... aqui deve-se explicar a onomatopéia... você pode sublinhar circular e dizer o que que ela representa... aqui ó... é pra escrever... logo abaixo daquela seqüência de três quadrinhos tem a a e a b... é ali que é pra responder...

A5: pode circulá?

Prof.: pode circular...

A5: é pra fazê no caderno?

Prof.: ali no livro... então nós temos uma situação de jogo... e o que seria esse som?

AA: é o apito do juiz...

Prof.: apito do juiz... muito bem... apito do juiz...

A1: eu coloquei do árbitro...

Prof.: apito do juiz... ou ainda do árbitro... correção da parte b... Paulo... leia pra mim por favor...

Paulo: pirulilulimlulim... um anjo todo molhado...soluça no meu flautim...

Prof.: então ó... quais são as onomatopéias que nós temos aí?

AA: pirulilulimlulim...

Prof.: o que que indica isso?

A2: o barulho do anjo... caindo no telhado...

Prof.: pera aí... gente... em cima do meu telhado... pirulilulimlulim...um anjo todo molhado... solução no meu flautim... que que é o som?

A2: da flauta...

A4: barulho da flauta...

Prof.: flauta... então pirulilulimlulim é o som... do flautim... é o som da flauta... tá? então... o flautim... então ele compara com o som da chuva e... muitos gostam né? é agradável para dormir... então...

A2: é...

Prof.: esse pirulilulimlulim... ele está comparando com o som da chuva... é o som da... flauta do flautim dele... agora então... nós vamos fazer no caderno...

A5: professora e se não dá tempo?

Prof.: se não der tempo nós vamos marcar e fazer para tarefa no caderno... escrever um pequeno texto... eu vou começar a marcar alguns nomes não vai ter jeito... escrever um pequeno texto... página oitenta e quatro número três... então vocês vão colocar... às dezoito horas eu estava andando no centro da cidade quando... ouvi os sinos tocarem... aqui toca o sino... daí você põe o barulho so sino... as lojas fecham suas portas... PUUUM... o barulho da porta sendo fechada... ouço o barulho... por favor acompanhem... ouço o barulho de vozes gritos... você não precisa colocar todo som mas vai ter que introduzir alguns no seu texto tá certo? depois... um carro freia repentinamente... daí você põe o ruído do carro tá? então... a seqüência... Leonardo marcando ali... eu ficaria muito muito triste se na segunda feira quando eu pedir para ver o caderno encontrar meia dúzia... que tenha feito e os outros não... e não venham me dizer que não entenderam... então você vai escrevendo a seqüência já está ali... você pode acrescentar mais observações... mas principalmente... Giovanni... onomatopéias que são sons reproduzidos para a escrita... fala Paulo...

Paulo: ()

Prof.: quem já está guardando viu que ainda não é hora... pode até começar a fazer...

11-06 1 aula

Prof.: vamos abrir o livro na página oitenta e cinco... na aula passada... estudamos a onomatopeia... vamos pensar... sem imitar... em sons produzidos ao nosso redor...

((A aula é interrompida por uma orientadora que vem à sala entregar um comunicado aos alunos; ela permanece na sala por 15 minutos explicando aos alunos o teor do comunicado.))

Prof.: então... página oitenta e cinco... nós estávamos vendo onomatopéia... o que que é onomatopéia?... agora eu falei... Laura... onomatopéia... acho que amanhã... quando nós formos à biblioteca... além de pegar os livros... vamos olhar uns... gibis... umas histórias em quadrinhos... que lá... tem várias onomatopéias... joga alguma coisa... splech... tchibum... quando cai na água... cabrum... é o relâmpago... ploft... que mais? triim...

A1: buum...

A2: ploft...

Prof.: muito bem... já lembramos... lembramos e... Marcos... segunda-feira... isso que nós estamos vendo já está incluído... então... vamos ficar atentos... lembrando ali... que é... a prova é cumulativa... os tipos de frases... imperativa... afirmativa... negativa... interrogativa... aqueles principalmente que... estão... tendo maiores problemas e errando... então... vamos rever... onde está o problema... Rafael... leia para nós... página oitenta e cinco... leia o texto Cotidiano... cotidiano é do dia-a-dia... mas ali vocês... vão ficar atentos... é a capa de um livro... e logo após tem uma página que nos chama a atenção... então vamos ver por quê... então... Rafael... lendo a capa do livro... que que tá escrito ali?

((Rafael lê o texto.))

Prof.: muito bem... o autor... Pedro Bandeira... todos vocês conhecem... se identificam bastante com a narrativa... que envolve sempre o leitor... tem aqueles menores... tem a coleção Optar... que também é do Pedro Bandeira... então o título diz... o fantástico mistério de Feiurinha... notem que ali tem algumas personagens... que são da onde?

A3: contos de fada...

Prof.: de...

A3: contos de fada...

Prof.: de histórias e contos maravilhosos... de contos de fada... então notem que tem vários personagens ali... depois... na página seguinte... eu tenho... o que que é isso aqui? um pergaminho... que era usado lá... na antiguidade... e aí temos uma personagem ali... a vestimenta dessa personagem é típica do dia de hoje?

AA.: não...

Prof.: então... () a senhorita começa a ler pra mim... você se lembra...

((A aluna lê o texto.))

Prof.: qual é o questionamento que o autor leva... a nos conduzir para a leitura? ele vai dar uma seqüência... depois desses viveram felizes para sempre... eles continuam sendo felizes... e para sempre mesmo? hoje nós percebemos que nas famílias não ocorre mais...

essa... referência... de viveram felizes para sempre... alguns casos sim e outros não... então... vejamos... o que tem na seqüência... Maria Fernanda...

((Maria Fernanda prossegue a leitura.))

Prof.: então... ele se propõe a dar uma seqüência ali... depois de viveram felizes para sempre ele vai... continuar a história envolvendo as personagens... então... parece ser um livro bastante atraente... infelizmente nós não temos na biblioteca... mas... vou pedir pra Clari.. se há possibilidade de comprá-lo... agora vamos responder... eu já tive ajuda do Paulo ali sobre uma pergunta que vai aparecer lá na número dois... observe a capa do livro e responda... essa que recém foi analisada... qual é o título do livro? o autor do livro é Pedro Bandeira... b...compare as letras do nome e do título do livro com as do nome do autor... por que o título do livro é escrito com letras maiores? então... não pensem assim... ah... vou colocar qualquer coisa... vocês têm um potencial muito bom... todos têm condições... é só querer... nessa capa não consta o nome do ilustrador... que é () que que você pensa analisando o ilustrador? que que faz esse ilustrador? também na capa aparece FTD... que é uma editora... que que você imagina () dois... o texto da quarta capa faz referência a algumas histórias... a quarta capa é essa aqui ó... ((Mostra no livro aos alunos.)) Leonardo... que histórias são essas? o Paulo já auxiliou... que frases costumam aparecer no final dessas histórias? o texto mostra... Paulo... uma espécie de inconformismo... o acordo com o final dos contos maravilhosos... o que ele propõe ali? número quatro... Marcos...

((Marcos lê o exercício.))

Prof.: então pensa... o que que representa o pergaminho... e o que representa... o conteúdo... cinco... observe a ilustração da capa do livro O fantástico mistério de Feiurinha... que heroína de contos de fada... esse aqui ó... ((Aponta o texto no livro.)) algumas que vocês conhecem... na outra aula eu vou ler pra vocês... essa do... Chapeuzinho Amarelo... do Perrout... e depois tem outro autor também... que ele colocou pedra na barriga do lobo... e esse Chapeuzinho Amarelo que também destoa... que ela tem um chapeuzinho amarelo por ela ter medo de tudo... então na outra aula... amanhã... a gente vai à biblioteca e eu vou ler pra vocês... o Chapeuzinho Amarelo...

A4: professora... amanhã vai ter trabalho do livro?

Prof.: não... tá tendo bastante prova... eu vou dar uma segurada assim... tá bem? quem leu... muito bem... quem não leu... não vai precisar varar a madrugada pra querer ler... então... essa semana não vou cobrar... número seis... Muriel leia pra mim por gentileza...

((Muriel lê o exercício.))

Prof.: então vamos fazer... um dois três quatro cinco e seis no livro... quem fizer no caderno coloque respostas da página oitenta e cinco e escreva no caderno... só que quem for fazer no livro é só fazer a resposta... lembrando que quem não souber alguma vá adiante... ((Em seguida cada aluno faz suas respostas no caderno e a professora corrige colocando as respostas no quadro.))

18-06 1 aula

Prof.: pessoal... bom dia... vocês estão com comportamento de () João Vítor... eu havia entregado o caderno de caligrafia ontem... alguns vão ter a metade da nota e olha lá... pessoal... ontem na prova nós tivemos a interpretação das histórias do tio Barnabé... onde ele falava sobre... o saci... esse mês comemora-se a festa junina e todo o folclore... que é vivenciado ali... certo? então agora... nós vamos pegar e vamos ler outro texto... que faz referência...a esse assunto... então vamos pegar a página noventa e nove... tem alguma coisa ali pra trás ((páginas anteriores no livro)) que em outro momento a gente verá... página noventa e nove... Rafael... então nós fizemos as histórias do tio Barnabé... fizemos interpretação e agora nós temos a lenda do saci... vocês todos... com certeza lembram... do... Monteiro Lobato... foi feito um livro... ah... roteiro de trabalho... de primeira à quarta série... então agora nós vamos relembra... vejamos... ainda... nas lendas... a origem envolve... o saci... que outros vocês lembram?

A1: Curupira...

Prof.: qual?

A1: Curupira...

Prof.: outra...

A3: a mula-sem-cabeça...

Prof.: a mula-sem-cabeça... Curupira... então agora nós vamos ver a lenda do saci... a curiosidade tem levado os homens de todos os tempos... a indagar... sobre as origens do universo... os seres... as coisas e sobre os fatos que não têm explicação lógica...que não têm explicação pela razão... então as pessoas criam... essas lendas... principalmente os... antigos... criavam... então precisa olhar o mundo à procura de respostas objetivas a essas questões... as lendas constituem outra forma de responder a essas perguntas... fruto da imaginação... elas não explicam cientificamente os seres e as coisas... mas contam uma história que fala de como teriam surgido... então elas se baseiam pela... imaginação... pela fantasia... ao associar

um fato com um momento... e daí... dizer e criar essa lenda... então... primeiramente... o João Vítor então começa a ler... é página noventa e nove...

((O aluno começa a ler o texto.))

Prof.: tá... então vamos com calma pra que todos consigam entender... mais pausado né? não atropelado... meninas... noventa e nove... Ana Luísa pegou? parece-me que não... quantos com a página errada... noventa e nove...

A1: eu já vô... tô arrumando aqui...

Prof.: começando... João Vítor...

((Ele volta a ler.))

Prof.: muito bem... então as histórias eram traduzidas... para o português... então com outra realidade... outras personagens... é... como o Brasil é um país tropical... então alguém se preocupou em criar personagens bem típicas brasileiras... com... comportamentos atitudes... brasileiros... não... americanizados ou... traduzidos lá... de outros escritores... que temos ali... é () do Perrot... dos irmãos Grimm... e por aí vai... então ele... pensou... em escrever alguma coisa da nossa gente... com as nossas crianças... Paulo... quer se acomodar por favor? seguindo... ((O aluno continua a leitura.))

Prof.: vocês se lembram essa passagem onde nós vimos?

A2: na prova...

Prof.: no texto da prova... que falava do tio Barnabé... e que... as crianças queriam saber histórias... lendas... e ele disse que pensou... que era o texto da prova... ((Outro aluno indicado pela professora continua a leitura, que prossegue por fila.))

Prof.: então... o tio Barnabé falou como poderia se pegar um saci e o Pedrinho... muito curioso e esperto... criou... mais um plano... para... pegar o bichinho... será que o Pedrinho conseguiu? Pedrinho pega o saci... ((Outro aluno lê.))

Prof.: que que é caçooou?

AA: ()

Prof.: () tirou sarro né? dizendo... Marcelo... ((Marcelo lê uma parte do texto.))

Prof.: seguindo... o... Guaraná... ((O aluno lê.))

Prof.: gente... só um pouquinho... () gritam com todos os tons de voz... e na hora da leitura fazem huuummm... parece que tá acabando a pilha... vamos abrir a boca... observar a entonação... sentar de maneira correta... guaraná... o Peruzo... leia... ((O aluno lê.))

Prof.: pera aí... é uma pergunta... peneira de () ((O aluno lê com a entonação correta.))

Prof.: olhem aqui... então a peneira... vocês já sabem que ela é redonda... então... tem um X para ficar mais firme... senão... ela logo tende a arrebentar nas bordas... continuando... Maria Fernanda... ((Ela lê.))

Prof.: rodamoinho... ((Corrigindo a leitura errada da aluna.)) que que é rodamoinho?

A3: é aquele negócio que fica girando...

Prof.: isso... como é que vocês chamam? redemoinho né? então... é aquele mesmo... onde ele encerra daí tem que pôr os pés... seguindo... ((A aluna continua.))

Prof.: joga-se a peneira em cima ((Corrigindo a leitura.)) então ele fala ali... que onde tem esse redemoinho... rodamoinho... tem o saci... continuando... ((A aluna continua.))

Prof.: o que que é arrolhar?

AA.: colocá rolha...

Prof.: colocar a rolha né? colocar a rolha como tem no vinho... ((Aluna continua.))

Prof.: qual é a carapuça? aquele gorro vermelho que ele usa né? ((Aluna continua.))

Prof.: então parece que a força dele estaria no... no quê?

AA.: na carapuça...

Prof.: na carapuça... aquele gorrinho vermelho que ele usa... seguindo... ((Continua a leitura.))

Prof.: cheiro de enxofre... cheiro de coisa queimada né? então... quebrou a garrafa e deu cheiro de enxofre... e daí... o que que aconteceu com o saci? pode continuar... ((A aluna lê.))

Prof.: então ele fugiu... seguindo... ((A aluna segue a leitura.))

Prof.: seguindo... ((Indicando outro aluno, que lê.))

Prof.: o que seria esse () que você lê aí?

A.: esperar...

Prof.: esperar... muito bem... seguindo... ((Indica outro aluno e ele lê.))

Prof.: complementa Rafael... corra Narizinho... ((Rafael lê.))

Prof.: pode continuar... seguindo... ((O aluno prossegue até o final do texto.))

então ele achou que tinha alguma coisa ali... misteriosa né? que não era ato de cristão prendê-lo no... será que realmente ele conseguiu prender? será?

AA.: não...

Prof.: será? vocês acreditaram? será que ele poderia? é claro () justamente porque... seria ele lá dentro ou não?

AA.: não...

Prof.: é... então é que é... justamente por... essas situações que ocorrem normalmente no Sítio... então... como não tinha um... aparente culpado... então criaram essa presença do saci... então o... seguinte... leia pra nós lá o vocabulário... ((Indica um aluno, que lê as palavras do vocabulário e seu significado.))

Prof.: viram? Então rodaminho pra quem fala redemoinho... ou fala remoinho... ou pé de vento é tudo... sinônimo né? e... procure no dicionário... quando no início do ano eu pedi um dicionário... alguém tem um dicionário hoje em mãos? quem tem? Maria Fernanda... não trouxe hoje?

Maria Fernanda: não...

Prof.: não? Paulo... vamos ver se você tem...

Paulo: não... ((Alunos falam ao mesmo tempo.))

Prof.: vamos deixar essa atividade ali... de olhar no dicionário... pra casa... então... é só uma palavrinha... só uma palavra... gente... não é recreio agora... Mariana... vire pra frente... por favor... agora vamos às questões... o Paulo... leia a primeira...

Paulo: Pedrinho vive em um lugar que parece ser cheio de superstições... isto é... um lugar em que as pessoas acreditam em seres sobrenaturais... e fenômenos inexplicáveis... além do saci... que outra lenda é citada nessa história?

Prof.: quem é?

Paulo: mula-sem-cabeça e lobisomem...

Prof.: a mula-sem-cabeça... pode colocar ali ((os alunos devem responder no livro))

Paulo: e o lobisomem?

Prof.: mas tinha referência aqui no texto?

Paulo: ah... nesse texto...

Prof.: nesse... a lenda da mula-sem-cabeça ((Escreve a resposta no quadro.)) então vamos vendo... que outros fatos ou personagens comprovam a superstição existente na região? lá onde foi ocorrido o fato... então primeiro... é... o que que ocorre lá? O que que ocorria com a tia Nastácia? ali no trecho disse... qual é a frase que tem ali no texto e fala sobre ela? o que que tem sobre tia Nastácia? ((Alunos falam todos juntos - inaudível))

Prof.: Maria Fernanda... achou... ou não?

Maria Fernanda: achei... tinha um medo horrível de tudo quanto era mistério...

Prof.: e o que que ela fez então?

A3: não se aproximou mais do quarto do menino...

Prof.: não se aproximou mais do quarto do menino... de medo... então ela acreditava... que houvesse realmente... o saci lá... no quarto dentro da garrafa... depois o número dois... nós

temos ali as questões... lembram que tinha lá no nosso texto?... ó... o que o saci faz? que o tio Barnabé falou? azeda o leite... quebra a ponta das agulhas... esconde as tesourinhas de unha... embaraça os novelos de linha... bota mosca na sopa... queima o feijão que está no fogo... lembram que tinha lá na nossa prova?

A3: professora... já corrigiu a prova?

Prof.: não... eu vou corrigi-las amanhã... então fazendo até chegar a número oito... se não souber alguma... vai adiante...

A1: é pra fazê no caderno?

Prof.: não... no livro... se você quiser fazer no caderno... põe assim... respostas da página... e só põe as respostas... algumas aqui... que estão amontoadas... seria o ideal né? respostas... da página... pra quem responder no caderno... () quanto mais você fizer aqui... menos pra casa... e assim tem quatro dias pra descansar... aproveitar... viajar... passear... então pra quem fizer no caderno coloque isso... e... é... pra aqueles... não... vamos à chamada... vamos lá... Paulo... eu estou vendo que vários faltaram hoje... e sexta-feira seria bem pior se tivesse aula... vamos lá... ((Faz a chamada.))

A3: professora... eu não sei a B da sete...

Prof.: ah... é aquela que tem que olhar o dicionário... e no texto... vocês não conseguiram captar?

A3: não... eu tô falando da B... a B eu não entendi...

Prof.: primeiro vocês precisam saber a A para responder a B... daí vai complicar... então vai pra oito... e vê essa depois no dicionário...

A3: ô professora... aqui () tem que procurá no dicionário...

Prof.: já vou ver... a lenda do Sansão... qual é a característica do Sansão... que mostrava...

AA.: o cabelo...

Prof.: todo o seu poder ... né? se cortava o cabelo... o poder... sumia... João Paulo... Giovani... vamos lá... vamos parar com essa gracinha... vamos corrigir... número dois... pelas artes que o saci faz... Paulo... pegue o seu livro... mas que maravilha não? como você caracteriza o saci? ele é como?

A1: arteiro...

Prof.: arteiro... que mais?

A4: brincalhão...

Prof.: brincalhão... gosta de pregar peças nas pessoas... aprontar... que mais? que mais?

A2: engraçado...

A5: brincalhão...

A6: bagunceiro...

23/06 2 aulas

Prof.: Paulo... abre a janela por favor... lá atrás... Muriel... abre a janela também por favor... vamos deixar entrar um pouco de ar na sala... bom dia pessoal... todos ainda estão... querendo dormir né? pessoal... então vamos... pegar a agenda... vamos fazer uma reflexão... o pensamento que nós temos... lá ao pé da página do dia vinte e três de junho... então nós temos ali... quem pode ler com uma voz bem alta? o pensamento... ((Um aluno pede e lê o texto.))

Prof.: Lucas achou? que que nós devemos entender? eu devo ficar reclamando o dia inteiro... ou... eu devo agir e partir de mim a iniciativa... eu devo esperar só pelos outros? hein pessoal? devo esperar pelos outros ou parte de mim... querer melhorar... querer crescer?

A1: parte de mim...

Prof.: o outro tem que fazer e eu... ficar de braços cruzados... é isso?

AA.: não...

Prof.: não... então... cada qual tem que fazer a sua parte... então não adianta... é... você dizer "o destino é quem quis..." mas você tem que agir... você... tem que fazer com que a coisa aconteça... ao lado também tem pra fechar é longo o caminho do projeto até a coisa... então não é de uma hora pra outra... vocês estão numa caminhada... e precisa ter essa base... lá para o ensino médio... tem que ter esse conhecimento lá... pra quando fizerem cursinho... vestibular ou concurso... então... ah... hoje não preciso... será que... daqui dois três anos não vai fazer falta? quem garante? então... sempre lembrar de fazer da melhor maneira possível... com o empenho... tudo a que fazer... fazer com interesse... não aquela coisa... eu vou fazer porque estão me cobrando... vou fazer e vou fazer bem feito... né? ate'... o ... o.. provérbio fala o preguiçoso... lembram?

AA.: não...

Prof.: não? não lembram do provérbio que fala daquele que faz as coisas malfeitas o que que acontece? conhecem? aquele lá... não lembram... aquele que termina dizendo que trabalha dobrado... não lembram? nós vamos ter que ler mais na biblioteca... e parar de brincar e conversar tanto... tá faltando leitura para nós... diz o provérbio que o preguiçoso trabalha dobrado... porque... ele faz malfeito e depois ele tem que consertar... leva mais tempo ainda... então se fizer a primeira vez... bem feito... já vai resolver... os cadernos... é... temos aqui...

alguns probleminhas...((Referindo-se aos cadernos de caligrafia que está devolvendo aos alunos.)) no geral... aqueles que haviam () no bimestre passado... melhoraram e outros começaram... não sei se porque chegaram na metade do caderno... acharam que não precisavam mais caprichar... então... sempre continuar caprichando... temos ainda... um semestre... que seria meio ano ainda todo pela frente... tá na hora já de eu deixar a coisa acontecer... então... nós vamos fazer caligrafia... depois eu tenho... algumas situações aqui para ver... de... pessoas... que entregam trabalho... sem nome... então é complicado... quando você tem... é... por exemplo... trabalho e não tem nome e tem três faltando nota... daí vai saber de quem que é aquilo lá... o Rafael está aí? não? então observar bem ali... e... caprichar sempre... a partir de agora já entro... a .. avaliação para o terceiro bimestre... então vamos fazer com que a coisa aconteça... sempre fazendo o melhor... eu tenho que verificar... sobre... já ouço você Alan... Paula... você não chegou a entregar o caderno de caligrafia?

Paula: ()

Prof.: sim... mas daí... no... até quarta-feira... alguns colegas entregaram... quarta você já estava aqui ou não? no primeiro bimestre você também deixou pra depois... tá meio complicado porque parte da nota... tá Paula? e a Rebeca? caligrafia... também não entregou... tá? então... as duas ficaram ali... deixei para verificar... então... era segunda-feira que tinha caligrafia... faltaram ou faltou... então a Rebeca e a Paula... a caligrafia vale vinte... então em vez de cem o máximo que podem alcançar é oitenta... quais eram os temas que tinham ali? Eram nove... Páscoa... depois era... A soma dos talentos... Mãe... () de barro... Levante-se de novo rápido... Os dez mandamentos da ecologia... Como somos nós... e História de amor... esses eram nove textos que foram passados...

A .: e Mulher professora?

Prof.: não... Mulher era do primeiro bimestre... para alguns eu gostaria de pedir... que copiem à caneta e façam o título... vocês têm uma porção de canetas com tintas coloridas... usem para fazer o título... o texto está ficando tão apagado... o texto e o título... porque é tudo a lápis... não tem razão de escrever a lápis porque o texto está sendo... escrito no quadro... portanto... não tem o que errar... é só ficar atento... então a partir dessa... é... cópia de hoje... já é para o terceiro bimestre... muito bem... ainda outro dia... não sei se eu finalizei... aquele pessoal que foi à Feira Shopping... a Paula Furlan... chegou ir?

Paula: fui...

Prof.: com quem você estava lá no stand de literatura?

Paula: com a Maria Fernanda...

Prof.: com a Maria Fernanda... muito bem... o André... o André foi?

André: não...

Prof.: o Paulo...

Paulo: eu tava com a Daniele...

Prof.: tá bom... então agora nós vamos copiar sobre os amigos... normalmente a gente fala muito... e fala-se muito da pessoa e quer que ela seja perfeita... lembrando que nós temos... também defeitos... e vamos ver como vamos conviver certo? então... começando o terceiro bimestre... vamos copiar sobre os amigos... aqueles que têm probleminhas aí... alguns que não escreveram na linha fina... vamos ficar atentos... e melhorar cada vez mais... pegando então caligrafia... até na hora do jogo... lembrando que quem fará a prova de segunda chamada... é hoje à tarde... e amanhã... tem que chegar no início do período... uma e quinze... já estar aqui... não é chegar a hora que quiser... uma e quinze já entram nas salas... e... já vão ser entregues as provas... se você tem duas... você faz uma... terminou aquela faz a outra... então tomar cuidado... quanto ao horário... então sobre os amigos... ((E a partir desse momento a professora passa no quadro o texto "Sobre os amigos" e os alunos copiam em seus cadernos de caligrafia. Em seguida é feita uma leitura coletiva, encerrando-se a aula. Terminada a aula de caligrafia, os alunos dirigem-se à biblioteca para a aula semanal de leitura e troca de livros.)

25/06 1 aula

Prof.: bom dia pessoal... eu vou... entregar as provas... que vocês já estão curiosos de saber... vamos usar... os mesmos critérios das outras vezes... entregar... depois... fazer a revisão... daí sim... se tiver alguma dúvida... alguma colocação... tente ficar bem atento... até porque não é... o momento... da prova... mas sim () o momento pra você levar consigo () antes de entregar as provas... o Muriel e o Guaraná... estão aí? o Muriel... foi feito um texto... em sala de aula... e eu fui passar as notas... e não tem o seu nome... assim como do Guaraná também não... que que aconteceu? vocês faltaram aquele dia... não procuraram... e agora? o texto... era... sobre... o conto maravilhoso que nós tínhamos a proposta no livro... tá?

Guaraná: eu fiz mais levei pra casa...

Prof.: impressionante... nós fazemos uma coisa com toda a sala... vinte e seis entregaram e o senhor levou o seu para casa... que que será que aconteceu? hein pessoal... os vinte e seis fizeram errado e só ele que levou para casa estava certo? que que vocês dizem? ou a professora não avisou? eu acho que... o problema é para quem? então o senhor vai trazer amanhã o seu texto... e posso adiantar... que você já no boletim não terá nota de redação...

porque se eu fosse pôr a nota do texto... você já entrava em recuperação... então... pra não cometer isso... vai estar em branco... avise em casa ó... eu não entreguei meu texto... e a professora pra não me deixar de recuperação deixou em aberto... assim como o seu Muriel também... porque se fosse dar zero... como... no regimento aparece... as avaliações são de zero a cem... mas o professor não quer... dar aquele rombo... ninguém quer massacrar ninguém aqui... então os dois lamentavelmente... já sabem que não vão estar com nota em redação... e façam o favor de avisar a mãe e o pai pra depois não virem aqui o pessoal reclamar... a falha foi de vocês... porque os demais foram todos com nota... o Muriel... você pegue o seu livro de Português... que eu vou dizer o que era pra ter sido feito... e não sei por que você não fez... o Guaraná diz que tem em casa... então pega e marca...

Muriel: é que eu não tava aquele dia...

Prof.: nós temos um dia... dia tal tem que entregar... eles não querem nem saber quem não entregou... eles querem a nota... porque senão segura o boletim dos outros... e não é justo... não é... segurar o boletim por causa de um ou dois... Muriel... está lá na oitenta e oito... página oitenta e oito... leia bem... verifique situações novas... a bruxa que inventa pra vassoura... ela substitui pelo jet sky... a... então você vai escolher... mas primeiro você vai ter que ler detalhadamente... tá Muriel? e faz e entrega... só que a redação vai ficar sem nota... daí quando... for... o segundo boletim... depois da recuperação... aí já vai tá a nota de vocês lá... vocês entenderam?

Muriel: sim...

Prof.: sim?

Muriel: é prá trazê amanhã?

Prof.: de preferência... aí... se der tempo... se o Guido ainda não passou... eu... ponho lá a nota... e se não... daí no... no outro boletim... vai aparecer... então... vejamos... as provas de vocês... ((Entrega as provas aos alunos.)) na primeira questão... quem era o personagem principal? o saci... tinha lá no texto gente... observem ali... tipos de frases... ali que está havendo problema com duas... com a imperativa e com a ... afirmativa... imperativa é a ordem... faça isso... busque aquilo... é... lave seu tênis... são imperativas... a afirmativa... ela tem um tom... Giovanni... um tom mais brando... que a ordem... onde você esteve ontem à noite? olha lá... que ponto nós temos?

AA.: interrogação...

Prof.: de...

AA.: interrogação...

Prof.: interrogação... então é uma interrogativa... você é distraído... é uma...

AA.: afirmativa...

Prof.: afirmativa... porque eu digo que ele é distraído... estude... menino...

A1: imperativo...

Prof.: ordem... Rebeca... eu não estou lendo para as janelas... por favor... acompanhe...
você acertou essa questão... qual é o ponto que tem ali?

A1: exclamativa...

Prof.: como é que fica... Alan... a frase... ela não fez a tarefa... olha o elemento ali... não... é negativa... ainda tem confusão com a afirmativa... gente... não... quando alguém diz não... você não vai sair de casa... é uma negação... não posso sair... escreva uma frase afirmativa... era necessário... identificar a declaração e a interrogativa... era necessário colocar um ponto de interrogação... que determina a pergunta... depois... por meio da linguagem o homem revela suas idéias...

A2: mostra...

Prof.: revela... ele mostra... porque não é só através de fala... ele mostra através de cultura... de cores... de sinais... então a linguagem não é só a fala não... então ela demonstra... ela tem a capacidade de... demonstrar... a linguagem... não é? depois... a oito... se fosse... contar... o narrador contar... quando o narrador conta... o personagem não participa... então... ele fala assim... ele... ela fez o trabalho... João () se o narrador está contando... ele vai dizer... eu fiz o trabalho e meu professor elogiou... então... há diferença entre o narrador contar... e a personagem falar... o que o narrador está contando? notem que é o narrador que está contando... a personagem não fala... a nove... parece-me que grande parte... captou também... as crianças são maltratadas no Brasil mais que em alguns países... porque dizia... o Brasil é um dos países que mais maltrata suas crianças... então percebe-se que tem outros países que também maltratam... mas que o Brasil... infelizmente... está entre eles... pelo número dez... o que quer dizer? o estatuto proíbe que os adolescentes trabalhem em lugares () a sua formação... e ao seu desenvolvimento físico... e moral e social... que que podemos perceber que é insalubre?

A1: que é prejudicial...

AA.: que é prejudicial...

Prof.: lá no alto dizia... que não podem as empresas... contratarem menores... para trabalho noturno perigoso... então ali dizia... perigoso... é prejudicial... e agora () aqui nós temos a linguagem... popular... como outros chamam de caipira... passando para a linguagem formal... aquela que segue normas... que é chamada também de... linguagem culta... ou padrão... ocê... o que que era ocê?

AA.: você...

Prof.: você... então nós temos... ((Lê um texto da prova explicando aos alunos.))
então era você... depois eu tinha filho... um fio tão lindo assim... não era fio de linha nem nada... era filho... pelo contexto... os óio... olha aqui... os termina plural... então era os olhos...

A2: eu não entendi...

Prof.: é... nói... nói..... nós... não é () tá bom? então é esse aqui... eu tu ele... nós... então é na letra b... o que nós podemos perceber naquela seqüência das... duas... imagens? que que o pai está fazendo com o filho?

A3: o pai proíbe o filho de ver filme violento...

Prof.: lhe deu um puxão de orelha... e no segundo quadrinho... o pai está... quase que esganando o filho... pegando pelo pescoço... e diz se eu te pegar assistindo filmes de violência... na TV... mais uma vez... te quebro de pancada... te esgano... te arrebento... está me ouvindo? então ó... o que que acontece com esse pai?

A4: ()

Prof.: pode ler...

A4: o pai proíbe o filho de assistir filme de violência e ele é violento...

Prof.: muito bem... então ele proíbe o filho de assistir filme violento... e ele próprio é violento... usando a violência... não quer dizer ali... no segundo quadrinho... que o filho voltou a assistir ao filme? olha o jeito que tá o menino... ele nem tá olhando prá televisão... () então é a c... onomatopéia... são sons reproduzidos pela escrita... quais que tinham?

AA.: plim plim...

Prof.: plim plim... da televisão interrompeu o programa... plim plim... e outra? o cri cri do grilo... que atrapalhava um pouco... () as duas juntas... dizia assim... usando apenas o código não verbal... como você faria para transmitir a seguinte idéia...? proibido fumar... a não verbal é aquela que utiliza apenas o... desenho... não pode usar a palavra escrita... então... noventa por cento fizeram com... uma placa... com... o cigarro assim como proibido... né... fumar... ((Alunos falam ao mesmo tempo mostrando uns aos outros suas respostas.))... então ... proibido fumar era fazer um desenho... que demonstrasse... essa mensagem... não poderia... João Vítor... não poderia... ter escrito...

A5: eu coloquei três desenhos...

Prof.: é... uns fizeram até uma seqüência... muito bom... agora... alguma pergunta... nenhuma dúvida? claro? procurem () ((Alunos conversam muito entre si, mostrando uns aos outros suas provas e fazendo comentários inaudíveis.))

Prof.: o que que eu vou fazer... para... melhorar mais? não é saber só o suficiente...mas eu tenho que ver o meu potencial... o que que eu posso melhorar... como eu vou me aplicar mais? alguma colocação a fazer? nada a questionar? sobre a prova? bom... então...agora vamos para o livro... esses que não foram tão bem... vamos rever... onde está ... a falha... com certeza ocorreu... o livro... na página... noventa e quatro... Muriel... achou? ((Conversas paralelas entre os alunos, muito barulho e frases inaudíveis.))

Prof.: página noventa e quatro... é...Alan... senta... () vamos agora explorar essa imagem... os dois...

A5: ()

Prof.: é... é uma boa pergunta que nós vamos ter que responder...página noventa e cinco... dê uma olhada para os dois elefantes que ali estão... dêem prioridade para os dois elefantes... () das roupas das personagens... olha a roupa que os dois elefantes estão usando... então... procurar... usar ali... uma palavra que a gente chama de composta... o que que é uma palavra composta? você tem... beija... ((A professora escreve no quadro.)) flor... é... com o ato de beijar a flor... como o pássaro se aproxima das flores... como se beijasse... foi dado o nome de... beija-flor... então como são duas palavras... que determinam um... elemento... eu chamo de composto... () também eu chamo de composto... por exemplo... eu digo... olhos castanho... castanho... claro...então... eu tenho dois... elementos ali... temos... ahn... blusa... verde... bandeira... também é um outro ... composto... uma infinidade de cores... o que mais? vamos olhar aqui... então... na letra b... colocando sobre a bolsa... se for a cor azul... azul-piscina... ou que azul que é esse? ((Olhando o desenho no livro.))

A6: azul...

Prof.: não... tem que ser... duas palavrinhas...

A .: azul marinho...

A .: azul claro...

Prof.: perfeito... letra b... letra b... como será que é sentir-se embaixo do elefante? () tá falando... caricatura... o que que é caricatura? quando você vê lá na revista...() as pessoas são desenhadas deformadas... isso aqui é uma caricatura... charge... so prá fazer a.. b... c... () tem bastante colorido... depois...

A5: professora...

Prof.: número dois... temos lá... uma palavra () que palavra é aquela? Vi nos seus olhos... principalmente à noite... () fazem muito mal () qualquer tipo de gente... então essa palavra ali... o que que ela é? ela tá dando uma característica... uma qualidade... o que que é?

A6: é...

Prof.: ou... o outro... a letra d... Tiago... não olha prá mim... vai respondendo... você tem da a até a letra c prá responder... eu já estou lendo lá na outra página...

A6.: mais eu tô respondendo...

Prof.: e ali... muitos em branco... ((Diz apontando para um grupo de alunos.)) Alan... abre e faz o número um e dar seqüência... Furlan... vamos lá... a b e c... ali no livro... você inicia... a página... e dá continuidade... notem que ali está pedindo... que palavrinhas que caracterizam... dão qualidade...para os elefantes... depois... quais palavrinhas que determinam... a roupa dos elefantes... notem que são bem coloridas... () senão diríamos que são cores verde-claro... verde- escuro... ((Os alunos, então, respondem às questões que a professora explicou, enquanto ela percorre a sala observando os cadernos dos alunos.)) vai lá... no texto... quais são as características para os elefantes ali? o que que você colocou? ((Aponta um aluno)) os elefantes são...

A7: os elefantes são verde-claro...

Prof.: os elefantes... não... não é sobre a cor deles... os elefantes são...

A4: gordos...

Prof.: gordos... que mais? ((Todos os alunos falam suas respostas ao mesmo tempo-respostas inaudíveis.))

Prof.: grandes... ((Os alunos continuam falando.)) que mais? sérios... tristes... ((Confirmando respostas de alguns alunos.)) feios... sim... depende do ponto de vista... do gosto de cada um... os elefantes são fofos... fofinhos...

A7: orelhudo...

((Mais respostas inaudíveis.))

A8: pesados ...

Prof.: orelhudo... pesados... perfeito... pesado... com s ali ((Escrevendo no quadro as palavras ditas pelos alunos.)) e agora? () lembrando ali... Peruzo... que tem que ser... composto... duas palavrinhas ali... o elefante usa... vamos colocar ali uma frase... um elefante... vamos lá... um elefante usa... estou percebendo que alguns não estão acompanhando a pergunta... aí faz qualquer coisa... não é assim... que que está pedindo ali? mais que uma palavra... que a gente chama de composto aí para caracterizar... como que seria a bermuda do que está lá no alto?

A5: azul- escuro ...

Prof.: azul... escuro... usa bermuda... ((Vai escrevendo a resposta no quadro.)) vamos pôr ali... verde... ele colocou ali... verde...olha o hífen... clara... quem colocou outra? ((Vários alunos dizem suas respostas ao mesmo tempo - resposta inaudível.)) verde-limão... esse é o

de baixo... verde-limão... perfeito... verde-limão... azul-escuro... que mais? bermuda verde-clara...com estrelas... como são as estrelas da roupa desse ()

AA. ()

Prof.: verde-musgo... verde-escura... ó... por isso a razão da gente falar nesse composto... formarem duas cores... verde-claro e verde-escuro...verde...musgo... verde-musgo não vai para o plural... Paulo... faz favor de copiar... e agora? o outro elefante... o outro elefante usa... o quê? o outro elefante... usa... bermuda... que cor?

A8: azul-marinho...

Prof.: azul-marinho... quem colocou outro azul?

A4: não... eu não acabei de fazê..

Prof.: azul-marinho... azul-escuro... é azul-escuro esse ()?

A7: azul com bolinha...

Prof.: com bolinha ((E escreve no quadro.)) como são as bolinhas? verde-escuras... quem colocou... a bermuda ... azul-claro... azul-escuro... quem colocou outro azul? Aqui ó...

A8: azul-clarinho...

Prof.: azul-clarinho... com bolinhas verde-escuras... Marcos e Luís... eu não estou percebendo.. () vocês estão muito confiantes e isso começa a preocupar... não é para deixar pela metade... vejamos... Paulo... como você acha que o homem deve estar se sentindo embaixo dos elefantes? é uma pergunta que nem preci/ que nem deveria ser feita... né? será que tá com a aparência... a fisionomia de... ((Os alunos falam todos ao mesmo tempo da aparência do homem, as respostas são inaudíveis.))

Prof.: a aparência de quem está esmagado?

AA.: não... ((Todos respondem ao mesmo tempo.))

Prof.: a aparência dele está... tranqüilo... sonolento... que mais?

A5: ()

Prof.: isso... então ele não tá com um ar assim de quem esteja...

02/07 1 aula

Prof.: pessoal... vamos parar com a brincadeira... bom dia...

AA.: bom dia...

Prof.: pelos gritos parece que estamos entrando numa aldeia né? alguns gritos () ((Alunos falam alto e não é possível ouvir o que a professora diz.)) pessoal... ((Continua a conversa.)) antes de começar... dá licença... amanhã nós temos leitura... para

quem não pegou na sexta... já no início dessa semana o computador... já estava programado já não emprestou mais... por conta de que... agora ele está () então quem... tem aqui... Guilherme não sei mais quem não sei o que... quem não pegou na biblioteca... eu quero amanhã ver o livro aqui... é muito fácil assistir filme e depois querer dizer que leu o livro...

A1: quem assistiu filme?

Prof.: vocês não estão me enganando... vocês estão enganando a si próprios... então... então vai ler em casa... leu em casa... traga o livro... não tem nada demais eu apenas quero perceber o que deve ser da quinta série... nem livro de primeira à quarta nem livro de Ensino Médio... senão vai ser difícil entender... nós temos que crescer cada vez mais... então amanhã eu já vou fazer o trabalhinho... quem não leu ainda... já poderia né? ter se programado até para ficar tranqüilo e além do trabalho tem prova... e depois ficam se matando... os demais ficam tranqüilos... e tudo é consequência... se () não entregar trabalho não fazer atividade e não estudar... e isso aparece... então vamos começar bem o terceiro bimestre... Muriel... já com trabalhinho... vejam que é sempre dez pontos que faz a diferença... se não leu tudo... mas leia de maneira que possa fazer o trabalho... como dependendo aparece quem não leu tudo... mas a gente percebe... que tem alguns que lêem sempre lêem o livro todo... e... vocês... outros tudo pela metade... como você vai () lendo... não tem outra maneira que possa dar para você senão lendo... a leitura propicia a interpretação a compreensão você tem idéia sobre o texto você amplia o vocabulário... para comunicar-se... e vocês vão perceber a diferença quando estiverem lá no Ensino Médio lá na faculdade... para quem ainda não criou o hábito vai acabar acontecendo o quê? vai se decepcionar vai entrar em pânico quando tiver que ler livro dessa grossura ((Faz o gesto com a mão indicando livros volumosos)) e ainda sem gravura... então qualquer disciplina que vocês queiram fazer tem que ler não é? se é advocacia tem vários livros medicina também... e depois é... vai... necessitar dessa caminhada... que alguns estão deixando um pouco de lado... () além do livro a carteirinha da biblioteca... trazer a pasta de redação... nós temos duas redações para passar pra pasta de redação... então não esquecer de trazer... senão ficam uma aula voando por aí depois tem que fazer essa atividade em casa... com a () são penalizados de novo na hora que é recolhido e olhado daí está incompleto... então todos amanhã com a pastinha de redação... e com o livro e a carteirinha também...

A1: eu posso só ler um livro na biblioteca?

Prof.: é... igual o Alan... você pode ler... vir e ler um livro na biblioteca? pode... pode sim... então pode vir ler né? um livro que não seja tão grosso e que consiga ler... que seja de nível de quinta série... então podem fazer o mesmo que o Alan... e senão quem vai ler em casa

já está lendo em casa já deveria estar lendo ou ter lido traz o livro amanhã pra que a gente possa ver... tá bom?

A2: eu não li o livro...

Prof.: é lamentável né? então vamos agora trabalhar... lá na página... cento e dois e cento e três... nós tínhamos ficado lá na... cento e dois... já corrigimos na aula passada não é? perfeito... na aula passada nós corrigimos... e agora... a página... cento e três também foi corrigida?

A2: foi...

Prof.: muito bom... foi feito também... () o Giovani estava meio disperso conseguiu fazer?... página... cento e cinco... temos ali um texto bem curto... onde tem ali características da professora ou qualidades... ou ainda descrição... cento e cinco... vamos fazer primeiro uma leitura silenciosa... ((Os alunos lêem o texto.))

Prof.: ao pé da página cento e quatro... para escrever com expressividade... a Paula vai ler para nós o que que é uma descrição nós vamos hoje trabalhar esse texto descritivo... e amanhã vamos criar um texto para () então nós já vamos analisar um texto hoje para amanhã nós () claro que de primeira à quarta série vocês já trabalharam... nós só vamos... lembrar... então por favor a Paula lendo ali... o que que é descrição...

Paula: ((A aluna lê parte do texto.))

Prof.: seguindo... o colega atrás... para evitar...

((O aluno prossegue a leitura.))

Prof.: leia o texto descritivo a seguir que pertence a outra história... Rafael primeiro parágrafo...

((Rafael lê o texto.))

Prof.: ó então aqui... ele comenta () sobre a professora bastante enrolado e imaginativo... os alunos imaginavam os colegas também um imagina do outro... continuando Rafael...

((Rafael continua lendo.))

Prof.: muito bem... então para os meninos ela era uma () e para as meninas a fada madrinha... Maria Fernanda...

((Maria Fernanda prossegue a leitura.))

Prof.: muito bem... então ele diz que ela tem compromisso... por que que ele diz assim? tinha pracinha matriz e o cemitério... o que que é uma matriz? nesse contexto aqui? o que que seria uma matriz?

A3: uma igreja...

Prof.: () perfeito... toda cidade tem sempre igreja né? e normalmente são grandes e... para tanto ela já começa a colocar ali... as características agora... padre... velho... o padreco... que era o menino... as beatas e solteironas... então apresenta... Pedro... Fernando... ali... ((Apontando o livro para os meninos que conversavam.)) beatas certo?

Fernando: ()

Prof.: as características do local... então nós temos aqui... era uma vez... que já demonstra que o texto envolve a fantasia... a expressão "solto como um passarinho" caracteriza o riso da professora... "solto como um passarinho" qual é a característica que há entre o passarinho e o riso da pro/ professora? como é que é? a característica do passarinho com o riso da professora?

A3: solto...

Prof.: solto... então vamos colocar aí... solto ((Escreve no quadro.)) aquele sorriso aberto... espontâneo... então a número um letra a ... qual parte demonstra uma comparação? ele era solto... fala Renato... como... que é que tem ali?

Renato: um passarinho...

Prof.: como passarinho... solto como passarinho... o carro dele é veloz como o vento... então tá comparando o que que há de comum entre o carro e o vento... a velocidade né? ela é tão bonita como uma flor... qual é a característica? bonita comparando ela com uma flor... depois... no primeiro parágrafo... outra comparação... dê uma olhada lá... tem que esperar um pouquinho...

A4: como um herói...

Prof.: muito bom... como é que diz... é... João Vítor... voando...

João Vítor: pela sala...

Prof.: isso... voando... pela ... ((Escrevendo a frase no quadro para que os alunos corrijam.)) sala como um anjo... daí compara a suavidade com que ela...

A5: com um anjo...

Prof.: com um anjo... ô mocinho ((Apontando um aluno que não copia a resposta do quadro.)) vamos copiar? número dois... leia pra mim por favor Tassiane...

((Tassiane lê a questão.))

Prof.: olhem lá... que... é... referência se faz... sobre a voz e o jeito da professora? era de quê? de...

AA.: sereia...

Prof.: de sereia.... perfeito... de sereia ((Escreve no quadro.)) número três... Luís quer ler pra nós por favor?

((Luís lê a questão.))

Prof.: inimaginável... que não dá para...

Luís: imaginação...

Prof.: imaginar...

03/07 2 aulas

((A professora entra na sala e, enquanto os alunos se organizam, escreve no quadro algumas perguntas relativas a livros que os alunos deveriam ter lido para, nessa aula, fazerem análise do que leram.))

Título da obra:

Autor:

Personagens principais:

Personagens secundários:

Onde e quando aconteceu a história?

Houve suspense em algum momento? Como foi resolvido?

Qual é o final da história?

Você recomenda a leitura do livro para seu colega? Por quê?

Prof.: personagens secundários são personagens que fazem parte da história mas não com tanta ênfase...assim como nas novelas também tem...onde e quando aconteceu a história...qualquer história acontece... em determinado lugar... ou vários lugares... que é o onde... e o quando... final de semana... durante a semana... nas férias no século não sei o quê... aparece muitas vezes não claramente... muitas vezes não claramente na leitura mas você percebe... pela... continuidade... pelo envolvimento da história... vou colocar aqui ((no quadro)) "houve em algum momento... houve suspense... em algum momento? suspense é aquele momento... que você fica curioso pra saber ou na novela quando você... num filme aparece alguém... com sapatos pretos... ou alguém... ((Os alunos conversam entre si.))

A1: professora... eu não li...

Prof.: sinto muito né Raquel... que que eu vou fazer? eu avisei já a semana passada... "eu vou cobrar... eu vou cobrar..." agora pra quem leu com certeza vai... ter todos os dados na memória... agora quem não leu não vai conseguir...porque ele teve... agora não é o folhear e procurar... a justificativa... tanto que não vai aparecer... é um todo... então temos ali ao título... o autor... personagens principais aqueles que se destacam mais... personagens secundários que é só uma ou mais... houve suspense... quando... aconteceu a história o tempo... houve

suspense em algum momento? sim ou não? como foi resolvido? então... ahn... você vai comentar ali ... qual foi qual era esse suspense e como foi resolvido... qual foi o final da história? não é () de uma linha mas... é... sicrano e beltrano foram para tal prai ali aconteceu tal coisa... você recomenda a leitura do livro para seu colega? sim ou não? percebe-se que novamente... quando estamos na biblioteca os colegas ó... "pega esse é muito bom..". outros dizem "pega esse ele é massa..." esse eu não gostei eu não entendi..."e o colega leva para verificar... se vai se identificar com o livro ou não... então nós temos situações que muitas vezes... como temos gostos diferentes... o colega... não gostou e eu posso gostar...

A2: professora... o livro que eu li tem duas histórias... uma não tem nada a ver com a outra... ()

Prof.: você... deveria ter lido as duas histórias não é?

A2: uma é diferente da outra... uma...

Prof.: deveria ler sim senhor... olha já não é um livro grosso ((Observando o livro do aluno.)) aqui eu tenho em aberto os nomes do Paulo... do André... do Leonardo e Laura... o Leonardo Peruzo... qual livro que você tem ali Leonardo?

Leonardo: o livro tá em casa...

Prof.: eu comentei ontem que era para trazer o livro para eu ver...desdefevereiro eu digo a mesma coisa...

((Os alunos respondem rapidamente às questões, e, à medida que vão terminando, vão se dirigindo à biblioteca para a aula de leitura.))

07/07 1 aula

Prof.: então vamos começar a manhã com uma reflexão... de São João Batista de La Salle... ((Lê a mensagem.))

AA.: rogai por nós...

Prof.: tá fraco hoje... que que aconteceu? não descansaram suficiente no final de semana? ou por que descansaram muito e hoje tem que reagir? animem-se... é última semana né? depois duas semanas de férias... então caligrafia como sempre nós temos no primeiro horário () hoje é dia sete ((Escreve no quadro a data.)) a mensagem de hoje... "se alguém te procurar" ((Passa, então, o texto no quadro e os alunos copiam no caderno de caligrafia.)) então vamos ver o que nós fazemos se alguém nos procurar e sempre nos procuram... se alguém te procurar com frio é porque você tem o cobertor... então esse cobertor não é só...

aquele que agasalha... mas sim é você ser amigo... você estar pronto a ajudar né? dar uma palavra amiga... então nesse sentido

A1: professora... depois do ponto é parágrafo né?

Prof.: não... copia tudo () é uma reflexão tá? segue tudo... um embaixo do outro... não precisam deixar parágrafo... ((E os alunos prosseguem a cópia.))

Prof.: como tá ali atrás meninos? ((Dirigindo-se a dois alunos que estão conversando.)) ((Quando termina de passar o texto no quadro, a professora passa entre as filas observando as cópias que os alunos fazem.))

Prof.: João Vítor... Alan... vocês já terminaram? nós temos que agir... participar () com palavras se você tem a audição... tantas pessoas que... não ouvem e não falam... e nós somos perfeitos não é? () para ajudar o outro..... aquele que necessita mais... e lembrando sempre que... analise... se alguém chega com () que você tem calma... então é diferente... procurar acalmar ou procurar fazer com que ele perceba que tudo tem o seu tempo... para o desânimo... () então é o verdadeiro amigo... aquele que está disposto para ajudar... ver o colega crescer... e não é de querer colocar o colega para baixo... então se ele está bem... é... não devemos ser egoístas... ah... eu não tço precisando... não... um dia eu vou precisar... se eu tenho facilidade... eu vou ser () pro meu colega... então essa preocupação de... você trazer... aquela alegria no rosto quando alguém está triste né? que você vê que o outro não está muito bem... tentar colocar a pessoa para cima elevar a sua auto-estima e com certeza a pessoa vai se sentir muito bem... então aquela pessoa ajudou como o pessoa foi ajudada... não é? o sentimento passa a ser recíproco... quando você... faz e a outra pessoa demonstra o seu agrado... né? olha eu tô () e como eu posso dar essa atenção... e lembrando que... a chave principal qual que é?

A1: amor...

Prof.: amor... então o amor... estando presente com certeza já vamos ser diferentes... por que há tanta violência? justamente porque as pessoas esqueceram de amar... né? só pensam em ter em ter e não em ser... ser mais humano... ser mais compreensivo... ser amigo... e esses valores nós precisamos ter... alguém tem alguma parte que queira comentar? ((Nenhum aluno se manifesta.)) nada? ficou tudo muito claro? () tu terminou? ((Dirigindo-se a um aluno.))

A2: terminei...

Prof.: então vamos ler com vontade... sempre pensando em como eu ainda posso melhorar... para me sentir cada vez melhor... e as pessoas que convivem comigo também... sentirem-se muito bem... tá certo? então vamos ler... quem ainda não terminou vai terminando

e os demais vão ler com vontade... não gritando mas ler com vontade mesmo... Maura e Adriano vamos ler por favor... vamos lá... ((A professora e os alunos lêem, então, parte do texto coletivamente.))

Prof.: gente só um pouquinho... acho que vocês não entenderam... pensou se eu fosse dar nota... pela leitura? dois ou três iam ter nota boa nesse momento porque os outros... nem os lábios não estão movimentando... que é isso? faltou bateria no final de semana () a gente tem que repor energia... e não acabar com o que nós tínhamos... então começando de novo... ((E dessa vez os alunos lêem um pouco mais alto.))

Prof.: então... colocar... né? um pouco disso... procurar seja o colega seja um outro amigo... outra pessoa... o que eu poderia estar repassando de melhor... então vamos... quem não terminou apressa um pouquinho os demais já podem guardar o caderno de caligrafia...

A3: o livro professora?

Prof.: livro... página cento e treze... vão ficar algumas questões pendentes... num outro momento a gente vê... cento e treze... João Vítor leia o exemplo para nós e nós com certeza vamos ter que colocar... cento e treze número cinco ((João Vítor lê o exemplo de locução adjetiva.))

Prof.: Luís... está acabando a pilha do João Vítor... vamos ver se você está um pouco melhor... ((Luís continua a leitura.))

Prof.: então o que que aconteceu ali? que tem coragem nós substituímos por uma palavra só... co-ra-josa...

TRANSCRIÇÃO DE AULAS

5ª série - Colégio Estadual D.V.

22/05 - 1 aula

Prof.: bom dia... nós vamos fazer uma revisão rápida só que... vocês têm conceitos no caderno... vocês têm... no livro... então é pra acompanhar e... tirar as dúvidas... página noventa e oito... localizaram?

AA. sim...

Prof.: tá... vamo lá... nós vimos que... alguns verbos eles não têm acento na terceira pessoa do singular... olhem lá aquele balãozinho que tem... daquelas personagens que vocês têm aí... vamos repetir... ali ó... prestem atenção... não tem acento na terceira pessoa do singular... qual é a terceira pessoa do singular? a primeira é eu a segunda é tu a terceira...

AA. você...

Prof.: você?

AA: ele...

Prof.: ele ou...

AA. ela...

Prof.: ela... primeira... segunda... terceira... ele ou?

AA.: ela...

Prof.: ela... outros têm na terceira pessoa do singular... do plural ((Corrigindo o que havia dito.))... olha lá... no singular ele ou ela... terceira do plural eles ou...

AA.: elas...

Prof.: elas... o verbo ter... o verbo vir né? ele tem... eles...

AA.: têm...

Prof.: têm... qual desses dois tem acento?

AA.: têm...

AA: terceira do plural...

Prof.: tá... a terceira pessoa do ...

AA : prof.: plural...

Prof.: isso... outra parte da revisão... aqueles desenhos embaixo... sobre o verbo pôr né? põem é com m no final... acompanhem lá no livro ó... põem é com m no final... no singular o m cai... não cai? olhem lá o quadrinho da segunda personagem... eu já expliquei... ele põe no singular o m cai... e no plural? eles ...

AA.: põem...

Prof.: isso... eles põem... então resumindo o m é usado onde?

AA.: no plural...

Prof.: só no plural... muito bom... agora exercício... é bem rapidinho... nós já estudamos isso aqui na aula passada não é? vocês têm tudo no caderno... agora vocês vão fazer assim... vocês vão pegar o exercício número cinco... observando o registro sobre a acentuação dos verbos pôr, vir, ver, ter e ler, coloque os verbos dos parênteses no tempo presente... então vamo lá... eu vou pedir pra alguns alunos responderem tá? cê qué fazê Vinícius? Letra a...

Vinícius: Marcos tem muitos brinquedos...

Prof.: Marcos tem muitos brinquedos... Vinícius... só o Vinícius responde... vamos ver se ele entendeu... esse tem vai acento ou não?

Vinícius: não...

Prof.: não... por que não?

Vinícius: porque ele tá no singular...

Prof.: porque Marcos é sujeito simples... é um só não é?

Vinícius: ()

Prof.: singular... não tem acento... letra b... é... Selmo... faz a letra b pra nós?

Selmo: é... Marcos e Zeca não têm muitos brinquedos...

Prof.: tá... esse tem leva acento ou não?

Selmo: não...

Prof.: será que não?

AA: tem...

Prof.: leva... por que leva?

AA.: porque tá no plural...

Prof.: isso... porque tem dois sujeitos... olhe aqui ó... na letra a nós tínhamos lá... Marcos né? olhem lá atrás... ((no livro)) prestem atenção... se a gente visualiza é melhor... não é pra ficar olhando para o colega... olha na frase... olha aqui ó... Marcos na letra a é um sujeito só... na letra b Marcos e Zeca são dois eles têm não é? eles... têm ou eles não têm... na letra b é... não tem muitos brinquedos... leva acento porque está na terceira pessoa do...

AA.: singular...

Prof.: singular?

AA.: plural...

Prof.: são dois... não é singular... é plural...

A1: quando é dois é plural?

Prof.: Marcos é um é singular... marcos e Zeca dois... é plural...

A1: é tem ou teem?

Prof.: é tem com acento... Letra c Vanessa lê pra nós faz favor...

Vanessa: Papai... ((Não completa a frase.))

Prof.: tá... como é que ficaria esse verbo vir no presente? papai...

Vanessa: vem...

Prof.: isso... papai vem para resolver a situação...

A2: eu coloquei veio...

A3: eu também...

Prof.: veio? e passado é pretérito... já foi... o enunciado gente ó... presta atenção por favor... o enunciado do exercício pede... coloque os verbos no presente... papai vem...tá?

A2: com acento ou sem?

Prof.: sem acento né? ele vem... então é terceira do singular é sem acento... a letra d... Luana letra d faz favor...

Luana: papai e mamãe vão para resolver o problema...

Prof.: vão é futuro ó...

A3: vem...

AA.: vem...

Prof.: isso... muito bom...

A3: tem acento no e...

Prof.: tem...

A2: tá no plural...

Prof.: papai e mamãe... vêm...

A4: não é com dois e professora?

Prof.: não... presta atenção aqui ó... o verbo vir... Lucas... você que perguntou sobre dobrar o e aqui ou não? o verbo vir... vem... esse que dobra ô Lucas... é outro verbo... tá aqui ó... é o verbo ver... ((Escreve no quadro.)) de enxergar tá? aí sim... dobraria o e... acrescentaríamos o m acentuando o primeiro e... acento circunflexo não é? circunflexo é o tal chapeuzinho que a gente aprende lá atrás... primeira a quarta série... mas vocês já sabiam esse nome também... vocês já ouviram esse nome... então ó... ali entre parênteses tá? papai e mamãe... o verbo...

AA.: ver...

Prof.: ver...

A4: então é veem...

Prof.: só que tá errado... é vir... ali entre parênteses no livro está errado... dá uma olhadinha lá...

A4: tá ver...

Prof.: então... se for ver nós teremos que colocar...

A4: veem..

Prof.: veem...

A3: eu coloquei veriam...

Prof.: mas não é... por quê? o... quem é que... vamos... vamos tentar substituir... acompanhem lá ó... papai e mamãe enxergam para resolver a situação... não ficaria errado?

AA.: é...

Prof.: porque esse ver é de enxergar...

A4: dá certo... papai e mamãe veem...

29/05 - 1 aula

Prof.: na aula passada a gente trabalhou prosa e verso pra vocês virem a diferença que existe entre um tipo de texto e outro... tá certo? bom... acontece que... com o Segundo momento da poesia ((Nome de um evento que ocorre no colégio anualmente envolvendo o Ensino Fundamental.)) nós temos que trabalhar o quê? poema... não é? vamos trabalhar poema... essa atividade que eu fiz com vocês é só pra um início... é só pra vocês terem um acompanhamento desde o comecinho até chegar no resultado que vai ser o quê? vocês vão fazer um poema... mas não se preocupem em chegar lá assim... existem etapas existem... é... caminhos para que a gente consiga fazer isso direitinho tá? então vocês tem aqui ó... quatro questõezinhas que vocês tinham a tarefa de responder... essas quatro questões gente... elas encaminham pra sair um texto feito em versos que... nós chamamos de poema tá certo? tá... então nós vamos começar ó... na questão número um sobre o texto O girassol tá perguntando ali quantos versos têm no texto... nós vamos fazer assim... primeira coisa nós vamos lembrar tá? pode ser todo mundo respondendo juntos só que eu preciso primeiro fazer o seguinte... o que são versos dentro de um poema?

A1: cada linha de uma estrofe...

Prof.: cada linha...

AA.: de uma estrofe...

Prof.: às vezes não é só a estrofe... tem aquele verso livre... aquele verso é...

A1: sozinho...

Prof.: sozinho... isolado né? então nós vamos guardar assim... o verso... dentro de um texto escrito em versos... né? o verso é o quê? cada linha escrita... no poema tá certo gente?

AA.: sim...

Prof.: tá... se é cada linha escrita e formada em conjunto... nós temos... de dois versos pra cima... podemos formar estrofes... não é?

AA.: sim...

Prof.: tá... então a estrofe vem a ser o quê? o que que é uma estrofe?

AA.: [...] de linha do verso...

Prof.: um conjunto de ...

AA.: versos...

Prof.: versos... tá... quando tem um verso sozinho a gente já falou... é livre é isolado né? tá sozinho...

A1: e quando tem dois professora?

Prof.: de dois pra cima contamos estrofes... bom... aqui... nesse poema... o girassol... todo mundo deve ter contado aí né? todos vocês... devem ter contado quantos versos tem no poema tá? eu vou pedir pra um aluno só responder porque senão pode dar confusão dos que erraram... o Vinícius levantou a mão antes... Vinícius faz favor... cê vai fazer assim... é... cuida pra não confundir tá? porque o verso livre se existir ele é contado também né? então vamo lá... pra você quantos versos tem o poema?

Vinícius: dezoito...

Prof.: dezoito versos? pera lá um pouquinho... peguem o poema de vocês lá no caderno... vamo lá...

A1: ih... professora... acho que ele contou o título...

A2: é...

Prof.: pronto... pera lá um pouquinho... a gente já... já corrige... pro Vinícius tem dezoito... mas não é dezoito... nós não contamos o título né? não contamos o nome dos autores...

Vinícius: é que eu errei aqui ó professora... eu tinha errado uma linha... né... de pulá... daí eu passei um risco... daí eu contei aquela linha...

Prof.: então tá... então só...

AA.: dezessete...

Prof.: dezessete versos... dezessete versos... pronto... a segunda questão... ((Aponta um aluno.)) você... quantas estrofes nós temos?

A.: cinco...

Prof.: cinco estrofes... tá certo... pera lá um pouquinho... quem já respondeu não levanta mais a mão senão os outros não participam né? aqui... numere em cada estrofe e identifique quantos versos em cada uma... o Felipe lá atrás... faz favor Felipe... precisamos numerar as

estrofes né? então nós temos cinco... é claro... já tá numerado... não tem como a gente falar né? então nós vamos fazer assim... contem... pronto... somamos dezessete versos... tá? todos acertaram até aqui?

AA.: sim...

Prof.: tá... pera lá um pouquinho... era pra fazer assim... a primeira estrofe tantos versos a segunda tantos versos... tá certo né? e a última perguntinha... a última questão... observe as terminações e indique as rimas...as terminações de cada palavra né? a última palavra de cada verso tá? nós teríamos que observar o finalzinho de cada palavra dessas pra daí nós identificarmos as rimas tá? nós vamos conseguir exercitar com todo mundo porque a gente tem mais coisas pra trabalhar sobre poema... hoje não tem como todo mundo participar... cê vai fazer só uma rima que você encontrou... pera lá... vamos prestar atenção... v6e se bate aí no caderno de vocês né?

A .: rua... escura...

Prof.: rua... escura... na primeira estrofe Claudinei... qual é a outra rima?

Claudinei: é... dormir... sorrir...

Prof.: dormir... sorrir... pronto... agora o Lucas...

Lucas: não tem sorrir...

AA.: tem sim...

Prof.: olha lá Carlos... na primeira estrofe tá assim ó... pera lá gente... nós vamos acompanhando... podem baixar a mão que eu já chamo vocês tá? pera lá um pouquinho...Fábio... na primeira estrofe vamo ficá só nessa tá? O girassol da minha rua... numa noite muito escura... viu a lua sorrir... né?

A .: mas você não passou no quadro...

AA.: passô...

Prof.: passei porque os colegas têm... se eu não tivesse passado ninguém teria né? tá?

A .: porque ele não copiou...

Prof.: você... você... completou aí?

A .: sim...

Prof.: então tá... agora tá certo né? então é rua rimando com escura e...

A .: mas rua também dá com lua...

Prof.: dormir com sorrir...

A .: mas tem lua também...

Prof.: nós já vamos passar para a segunda estrofes agora... o Selmo vai fazer pra nós... Selmo... o girassol ficou gira... e gira que gira...

A .: era o Lucas...

Prof.: pera lá... depois o Lucas faz... deixa eu começar de novo... presta atenção lá ó... o girassol ficou gira... e gira gira que gira... mas de noite não de dia...

Selmo: esse eu não achei...

Prof.: nós temos rima aí?

AA.: sim...

AA.: não...

Prof.: não não rima...

A .: porque não termina igual...

Prof.: não termina igual... Fábio... mas o som dá pra gente rimar tá? você tem que cuidar não só o finalzinho... não tem que ter a mesma escrita... tem que ter o mesmo som... a terminação tá? ali nós temos na segunda estrofe a mesma palavra que repete... dá pra considerar rima com o som? mas a gente vai tentar achar as rimas que são diferentes tá? bom é... o Lucas né... que eu tinha chamado antes? Lucas... a terceira estrofe... o sol com tanta luz já não seduz... vive quieto o dia inteiro... muito triste e cabreiro... só o Lucas agora por favor... vai lá Lucas... nessa terceira estrofe qual é a rima que você encontrou?

Lucas: luz e seduz...

Prof.: tá...

Lucas: e cabreiro... inteiro...

Prof.: isso... luz e seduz... e a palavra inteiro com?

AA.: cabreiro...

Prof.: cabreiro... tá certo... vocês viram que às vezes por exemplo na primeira ... na primeira estrofe... rua ... escura... a gente tem primeira com terceira né? e o segundo com o quarto verso... já nessa outra estrofe na terceira estrofe nós temos o primeiro com o segundo verso e o terceiro com o quarto... então vocês tão percebendo ó... é isso que é construção... do poema... a gente ir percebendo as coisas... ah... professora tem que ter rima? pode ter rima ou não... tem que ser sempre o primeiro verso com o terceiro e o segundo com o quarto? não... pode ser primeiro com segundo e terceiro com quarto né? pode ser o primeiro com o quarto segundo com terceiro... enfim... a rima... ela vai aparecendo conforme você define a estrutura do seu texto... o que que é estrutura? é você fazer todas as... as identificações dentro do seu texto para que aquilo saia conforme você quer... ah... eu quero rimar esse verso com aquele... você vai fazer tá? se quiser levar a mesma estrutura até o final rimando sempre o primeiro com terceiro... o segundo com quarto pode... agora vocês viram que... nesse poema aqui... é... o autor né? o Elias José que é o autor do texto ele rima na primeira estrofe de uma forma... na

terceira estrofe já é outra não é? tá... então nós vamos lá... quarta estrofe... a Luana... a Luana tinha pedido antes... vocês vão tendo calma aí que nós vamos ter muito exercício pra vocês me ajudarem tá? então vai lá... Luana... à noite ele se encanta... enfeita-se, dança e canta... e a lua também enfeitiçada... faz caprichos de namorada... que que você achou de rima?

Luana: encanta... canta... enfeitiçada... namorada...

Prof.: isso... primeiro verso com segundo... de novo né? terceiro verso com...

Luana: quarto...

Prof.: quarto... tá certo?

AA.: sim...

Prof.: tá... agora aqui, vamo lá... você ((Aponta um aluno.)) o girassol de minha rua... agora virou giralua... rimou?

AA.: sim...

AA.: rua e lua...

Prof.: rua e...

AA.: giralua...

Prof.: giralua... rimou... certinho... aqui nós temos dois versos só nessa estrofe e os dois rimam tá?

A2: os dois podiam não rimá também né?

Prof.: os dois poderiam não ter rima também tá?

A2: podia sê assim ó...()

Prof.: a-hã... pode... tá entendido até aqui gente?

AA.: tá...

Prof.: tá? bom... agora a gente vai fazer assim... é... tem um outro poeminha que a gente vai trabalhar... nós vamos reforçar essa parte tá? eu vou pôr no quadro o poema... vamos copiar esse poema... e provavelmente por questão de tempo pode ser que a gente deixe novamente... por questão de tempo as atividades que eu vou passar a seguir pra tarefa tá? como a maioria fez a tarefa né? todo mundo aí corrigiu... nós vamos fazer assim ó... pra próxima aula os alunos que participaram hoje vão ficar quietinhos e vamos deixar esses outros que tavam querendo participar né? já que vocês estão a fim de participar... que é o que a gente precisa... então nós vamos fazer assim... vou passar a atividade... vou passar... o poema pra essa atividade... se der tempo a gente começa hoje... se não der... vocês fazem de tarefa e me trazem... segunda- feira tá? então vamo lá...

Lucas: professora...

Prof.: marquem a data... só um pouquinho Lucas... marquem a data de hoje no caderno... vinte e nove de maio...

Lucas: professora... deixa eu passá no quadro?

((A própria professora passa o texto no quadro.)) Segue abaixo transcrição do poema:

Os sonhos de Soninha

Com quem sonhas, soninha? / O que vai virando sua cabecinha?

Em que mundo maravilhoso / te moves agora?

Se sonhas / com o bicho-papão

_____ / _____ ((Espaços deixados em branco para que os alunos completassem usando rimas.))

No teu sonho solto, Soninha / Que tudo seja colorido

Com peixes _____

Borboletas, _____

E cavalos coloridos.

Sonha sem medo, Soninha / E descobre o segredo das cores.

O azul tem asas e luz. / O rosa sorri discreto.

O verde é muito esperto, / O cinza se esconde tristonho.

_____ / _____
 _____ / _____

Sonha, sonha, Soninha, sonha sonhos _____ (Elias José)

Prof.: presta atenção aqui ó... o Felipe fez uma pergunta que a gente ainda não tinha comentado... ele pediu se... todos os versos de uma estrofe... podem rimar um com o outro... ou seja... vamos supor que a nossa estrofe né? uma delas dentro do nosso poema tenha lá... quatro versos... um exemplo tá? se tiver quatro versos e o final deles tiver palavras que rimam umas com as outras né? nós estamos rimando o primeiro com o segundo... com o terceiro... e com o quarto tá? pode acontecer assim Felipe... é mais difícil de fazer mas pode acontecer tá? que que você precisa Fábio?

Fábio: é... a primeira estrofe pode rimá com a segunda?

Prof.: não... estrofe não rima com estrofe... é verso com verso... cuidem as perguntas... não comecem a buscar outras... alternativas porque vocês vão acabar confundindo tá?

A3: professora... tem como só um verso... o mesmo verso rimá?

Prof.: não tem como... verso isolado... verso livre... ele tá sozinho... ele não pode rimar com nada...

A3: assim... um verso isolado né? pega assim... escrever... lá na minha rua... eu vi a lua...

Prof.: mas aí você tá no mesmo verso... pra rimar a rima acontece de um verso pra outro... dentro do mesmo você pode rimar uma palavra com outra... mas não um verso com outro... aí não tá? não comecem a misturar as coisas... não busquem muita coisa não... que vai acabar confundindo é pior... é muito simples... é fazer a rima de um verso pro outro ou não fazer a rima... só isso...

A3: Por exemplo... se eu pegá uma estrofe com quatro versos e... três estão rimando no final e um não... também dá?

Prof.: dá... dá...

A3: eu tava fazendo o meu poema... daí eu fiz... daí... uma rimava com a outra que nem gente... dente... daí... é... rimava as duas últimas com as duas primeiras também...

Prof.: tá certo... não tem problema... fala... ((Indicando uma aluna que havia levantado a mão pedindo para falar.))

A5: professora... se um verso tá daquele jeito que você falô... os quatro rimam ... o primeiro rima com todos... só aquele verso tem que tá ou todos tem que tá?

Prof.: só aquela estrofe você quer dizer né?

A5: é... só aquela estrofe ou todas?

Prof.: não... você é que vai definir... se você quiser todos os versos rimando um com o outro pode... se você quiser fazer só uma... só duas...

A5: daí não precisa sê sempre rimando...

Prof.: não... não tem uma regra fixa... o poema... gente... olha aqui ó... pra todo mundo... o poema... ele permite muitas coisas tá? por exemplo... dentro da gramática nós temos lá o que a gente chama de língua culta né? é você escrever e pronunciar as palavras corretamente dentro da gramática... certinho tá? agora... existe a língua coloquial... que é aquela que a gente usa todo dia... é aquela que nós usamos com nossa família... usamos com nossos amigos né? nossos colegas de classe de trabalho... enfim... dependendo do lugar que nós vamos... dependendo de com quem nós estamos... a gente vai é... fazer uso né? de palavra para aquele momento tá? então a gente vai acostumando assim... agora a poesia né? o poema na verdade... ele permite o quê? ele permite que a gente trabalhe e às vezes até... contra... ou diferente do

que é corretamente dentro da gramática... diferente do que é correto né? dentro da gramática tá certo? então... nós vamos fazer assim... eu vou colocar outro poema ali no quadro e a gente vai trabalhar pra depois a gente... descobrir novas coisas dentro do poema que nesse aí vocês não tem certo? presta atenção aqui gente... eu vou... eu vou explicar a atividade tá? escutem... posso falar?

AA: sim...

Prof.: então faz favor... vocês têm um poema... em cada parte do quadro eu coloquei uma estrofe para facilitar pra vocês não confundirem uma estrofe com outra tá? e como eu já disse... vocês já tem esse poema.. tudo bem... agora o que vocês vão completar nos versos que faltam... não pode ser a mesma coisa que tem lá no poema... não precisa nem dar continuidade... por exemplo... nessa estrofe aqui ó... tá falando sobre as cores... fala do azul do rosa do verde do cinza... lá no poema que vocês têm vai falar ainda do vermelho enfim... tem mais cores né? amarelo e etc... esses quatro versos que vocês vão completar... não precisa continuar falando de cores... o que precisa é ter seqüência ou continuidade do quê? de pensamento tá?

A3: mas... pode...

Prof.: aqui... vocês podem pôr outras coisas não é? desde que você faça o verso... complete o verso... tá? agora... não tem necessidade de continuar falando de cores... por quê? aqui fala em segredo né? fala em medo... tem aqui... sonha né? então vocês podem usar essas palavras pra jogar aqui embaixo... trazendo a continuidade dos versos tá?

A5: professora...[...]

Prof.: melhor não... melhor tentar fugir das cores ali pra ver a criatividade que vocês vão ter tá? agora... aqui ó... ó... vocês têm o final de um verso e mais um verso todo... aqui vocês têm três versos inteiros né? aqui os três versos intercalados ali... agora... perguntaram antes... tem que rimar? rima se quiser... se não quiser não precisa... mas tem que estar... dentro né? do assunto... dentro do poema... tem que fazer sentido... tem que entender... o leitor quando ler o poema de vocês ali... o que vocês estão completando... tem que entender o que está sendo pedido tá? e... a lápis porque se fizer a caneta e tiver errado a gente vai ter que apagar e ver o que a gente consegue fazer.

A3: professora... eu já fiz...

A5: que nem... borboletas no jardim... assim?

Prof.: não vai rimar...

A5: é...

Prof.: mas... você pode jogar... desde que fique... na seqüência... tá entendida a tarefa então?

AA.: sim...

Prof.: completar os versos do poema com rima ou sem rima não é? desde que tenha sentido... desde que entenda-se a seqüência do que está escrito tá?

02/06 - 2 aulas

Prof.: nós temos... temos alunos que não fizeram o poema de repente tiveram dificuldade ou fizeram outras coisas e esqueceram da tarefa... enfim... vocês têm que perceber tudo isso gente... fim de semana... é... nós tivemos também a sexta-feira livre né? professores... os professores tiveram reunião... vocês não... vocês estavam em casa... podiam ter tirado um tempinho né? tem que tirar um tempinho pra fazer as tarefas... fazer as atividades né? e hoje poderiam estar aqui ó... no lugar do Selmo pra fazer a leitura né? e ganhando nota... cumprindo com a responsabilidade de vocês tá? então aos pouquinhos a gente vai chamar vocês... vocês vêm aqui ... fazem a leitura tá? agora é o Selmo... depois a gente vai fazer por fila... quem quiser vir... venha... quem não quiser... depois a gente vê como é que ficou o poema... mas eu gostaria que vocês já fossem vindo pra irem se acostumando gente... vocês precisam fazer uma leitura num público né? um pouquinho maior que esse enfim... então a gente tem que começar... de alguma forma a gente tem que começar tá? então eu vou pedir agora ó... todo mundo vai ouvir... vai prestar atenção... respeitando o colega tá? pra gente ver como é que vai ficar o poema dele... tá combinado gente?

AA.: tá...

Prof.: então vamo lá...

((O aluno lê o poema com os trechos que completou.))

Prof.: muito bom... parabéns Selmo... ó... se a gente escuta o poema que o colega fez a gente percebe assim... ele tem um vocabulário diferente do meu... tem palavras que ele conhece que eu não conheço... que eu posso... é... anotar no meu caderno enquanto ele tá lendo... eu não conheço essa palavra... então eu marco no caderno... chego em casa procuro num dicionário né? e vou aumentando o meu vocabulário... as palavras que eu conheço passam a ser mais né? no próximo texto eu posso usar essas palavras tá? vai enriquecendo o texto... vai melhorando o trabalho... certo? então prestem atenção... se por acaso alguma coisa vocês tiverem dúvida... depois a gente esclarece tá? vamos ouvir então... vai lá... Vinícius... ((Ele lê o texto.))

Prof.: dá licença Fábio... olha aqui ó...quando eu passei pra vocês o poema no quadro na semana passada... teve gente que disse assim... professora... como é que eu vou

completar... eu não sei... eu não posso usar o que tem no texto e daí o que eu vou usar no lugar né? mas se a gente vai para casa... lê algumas coisas... imagina... né? frases diferentes... enfim... você vai trabalhando teu texto de acordo com o vocabulário que você tem ao mesmo tempo... de repente buscando inspiração em alguma coisa tá? o poema do Vinícius tá diferente... o poema do Lucas... do Selmo... né? e os três estão certos... os três fizeram bem feito tá? então olha lá ó... agora o Lucas vai ler... o poema... prestem atenção... prestem atenção... no vocabulário deles... vamos ver o que que ele escreveu né?... vamos ouvir... pra gente poder depois trabalhar algumas coisas também... vai lá Lucas... bem alto tá? ((O aluno faz a leitura de seu poema.))

Prof.: é... agora a gente começou a perceber a mudança de vocabulário não permitindo talvez... algumas rimas né? lembram que eu falei pra vocês que a gente pode fazer com rima ou sem rima? né? então... às vezes fica difícil encaixar uma palavra... né? que... tenha o mesmo som que a anterior... e a gente às vezes não consegue rimar... ou então... encontrar uma palavra que rima... mas que naquele momento... naquela frase... naquele contexto... não é... naquela situação... ela não cabe... ela não faria sentido se nós puséssemos ali... então... o Lucas... ele fez quase todo o poema sem rima... não é? mas ficou certo também... tá tudo bem tá? tudo certinho...

A.: pode ser metade do texto com rima e metade sem?

Prof.: pode...

A.: não tem problema?

Prof.: não tem problema... o poema... ele permite várias coisas né? assim como você pode definir todo com rima... todo sem rima... ou às vezes rimando... às vezes não... tanto faz tá? depende da estrutura que você quer dar pro seu texto certo? Vai lá... Camila... bem alto tá? ((Camila lê o seu poema.))

Prof.: é... escutem aqui ó... dessa fila aqui... quem é que vai fazer? quem é que vai fazer leitura? começamos lá... Felipe... vem cá... prestem atenção... tem alguns alunos que continuam conversando... né? não prestam atenção no que a gente tá pedindo... então vamos lá... vamos deixar as outras coisas para depois... e prestar atenção em respeito ao colega... ou então... a gente faz o seguinte... quem não quiser ficar na aula... nós vamos pôr pra fora e ficamos com quem tiver interessado... pode ser gente?

AA. sim...

Prof.: vamos ouvir o Felipe então? maravilha... bem alto... ((Felipe lê o seu texto.))

Prof.: o Rafael... pronto? podemos começar?

AA.: sim...

Prof.: ó... quanto mais silêncio melhor... que aí fica melhor a gravação... fica melhor a apresentação... sem contar que... primeira coisa... respeito... porque ninguém gosta de fazer as coisas e os outros não prestarem atenção... vamo lá... Rafael... leia... ((Rafael lê o poema.))

Prof.: vamo lá... Juliano... faz a leitura... ((Ele lê.))

Prof.: quem quer ler? Gabriel... então vem cá Gabriel... vamo lá... mais um... ((Gabriel lê.))

Prof.: o Gabriel... ele se aproximou mais... ficou uma coisa assim... mais... é... talvez mais real... mas a imaginação dele aí foi... pro lado assim de... fechar o pensamento até o finalzinho do texto tá? vamo lá Vinícius... ((Vinícius lê.))

Prof.: pessoal... pronto? O Fábio vai fazer a leitura... nós vamos pelo menos ouvir respeitando... vamo lá... vai Fábio... ((Fábio lê e os outros alunos aplaudem.))

Prof.: vamo la... eu já vou passar outra... vamos terminar a leitura dos que querem vir aqui pra fazer a leitura né? pra mostrar o poema... depois a gente faz uma atividade... agora... vai ter que sair o poema pra vocês me entregarem na próxima aula... então... quanto mais a gente ouvir o colega... tem gente conversando ainda... quanto mais a gente ouvir o colega... mais a gente vai ter idéias pra continuar...

A .: ()

Prof.: nós vamos fazer outra vez... é uma tarefa tá?

A .: o poema é outro ou pode fazê igual?

Prof.: outra coisa... não não... outra coisa... depois a gente vê tá? podemos recomeçar? pronto? vai... ((E assim a professora prossegue indicando quem vai ler e cada aluno faz a sua leitura.))

Prof.: acabamos as leituras né? pra vocês...

AA.: ah... não...

Prof.: pera lá... pra vocês fazerem...

A .: em casa né professora?

Prof.: a continuidade em casa...

A .: professora... posso ir no banheiro?

Prof.: prestem atenção ó... eu vou repassar o que tá no quadro... vocês têm tema livre pra fazer uma produção de texto que é um poema tá? esse poema... nós traçamos uma estrutura... ou seja... vai ter que ser o que eu estou pedindo ali... pra depois... quando eu trabalhar o texto... eu devolvo pra vocês com algumas alterações possíveis... e nós vamos sentar... eu e você vamos definir... se... está de acordo com o que você queria ou não e... mexer no que for preciso tá? pode ter rima ou não? tanto faz... se quiser fazer uma parte com

rima... outra sem... pode tá? o poema inteiro com rima... ou o poema todo sem rima... também pode... cês é que definem isso...

A .: tem que tê quantas estrofe?

Prof.: com quatro estrofes e quatro versos cada estrofe tá? e não se esquecer... depois do poema estar pronto... arrumar um título... ou seja... fazer um título de acordo com aquilo que tá escrito... tá certo gente? alguma dúvida ainda?

AA.: não...

Prof.: não? tá... nossa próxima aula é amanhã... eu preciso desse poema pra amanhã... tá? vocês vão trazer... prestem atenção... não é pra guardar o material... é pra ouvir... Selmo... Vinícius... vocês vão me trazer isso aqui amanhã... numa folha separada... pra entregar à caneta com o nome de vocês... tudo certinho... tá certo?

AA.: tá...

03/06 1aula

Prof.: pronto... posso falar? Prestem atenção... na página 109... nós temos o início de um texto... lá no finalzinho da página tá escrito lá ó... primeiro texto... a título dele... Ritinha dos sonhos dos outros... tem gente que ainda não encontrou o texto... ele termina na página cento e onze... Gabriel... dá licença... o texto termina na página cento e onze... é um texto () mas eu vou dar dez minutos... enquanto eu faço a chamada... pra vocês lerem esse texto tá? por enquanto é isso... agora... um detalhe... pra fazê leitura... não pode tê conversa tá? a Jéssica... que tá sem livro... nós já vamos providenciá... espera um pouquinho...

A .: o poema vai fazê hoje?

Prof.: o poema é outro papo... deixa quieto lá tá? espera lá um pouquinho... a atividade de hoje... por enquanto... nesses dez minutos... aliás... já começou a contar né? porque eu esperei muito pra começá a falá... vocês estão a fim de... brincar... então nós não vamo podê ficá perdendo mais tempo... tá?

A .: deixa eu lê agora?

Prof.: façam a leitura... silêncio gente... eu só quero ouvir o presente na chamada... só... tá? leitura em silêncio... tem mais alguém sem livro além da Jéssica? não? tá... só leitura então... pessoal... hoje eu vou fazer a chamada por nome porque vocês estão... lendo... podem se distrair se a gente chamar pelo número e não respondê... tá? então continuem lendo... mas eu vou interrompendo fazendo a chamada... ((E a professora faz a chamada enquanto os alunos lêem o texto.))

Prof.: pronto gente?

AA.: sim...

Prof.: ó... nós vamos fazer assim... a gente vai dividir o texto... tá? nós vamos fazer leitura em voz alta... os outros... vão fazer o acompanhamento lá pelo livro tá? nós vamos fazer assim... vamos dividir da seguinte forma... nós temos um narrador no texto não temos?

AA.: sim...

Prof.: tá... quantos personagens tem?

A1: três...

Prof.: quem são?

AA.: cinco...

Prof.: quem são? A Ritinha...

AA.: [...] (confusão de vozes)

Prof.: tá... pera lá um pouquinho... Fernanda... posso falar gente? Fernanda... quais são os personagens do texto?

Fernanda: a Ritinha... a madrinha dela... a tia..

Prof.: que mais?

Fernanda: o pai... a mãe... e o avô...

Prof.: então são seis... tá? nós vamos dividir tá? seis personagens... fora o narrador do texto não é? então eu vou fazer assim... eu vou pedir pro Lucas... você vai ser o narrador... Lucas... dá uma olhadinha aí onde tiver o narrador... onde o narrador entra na história... você lê... pode ser?

Lucas: pode...

Prof.: você vai pegar um lápis Lucas... e vai marcar o início do parágrafo que você vai ler... depois que a gente terminar a leitura... você apaga isso daí tá? é só no começo... pra saber qual é a sua fala... né? tá? nós vamos fazer assim... nós temos três mulheres não é? nós temos... a Ritinha... a Fernanda... a Fernanda vai ser a Ritinha... quem é a madrinha dela?

((Várias meninas levantam a mão e falam ao mesmo tempo.))

A.: professora... eu...

Prof.: é madrinha né? a Paula é a madrinha...

((Todas as crianças falam ao mesmo tempo pedindo para fazerem os papéis.))

Prof.: pera lá...

((Continuam todos falando ao mesmo tempo.))

Prof.: êêê...não... pera lá... assim não...

((Mais conversa.))

Prof.: posso falar gente?

((Mais conversa.))

Prof.: posso falar

((Mais conversa.))

Prof.: quando eu conseguir dividir os personagens... a gente faz a leitura... só que tem um detalhe... não tem como... a gente juntar seis personagens numa sala de quarenta alunos... eu vou fazer o seguinte... ó... hoje... hoje... eu vou escolher os outros personagens tá? em outras aulas nós vamos fazer assim... vocês vão trazer textos... né? que tenham diálogos... e a gente vai marcar... é... num determinado dia... um grupo vai escolher um texto... vai... dividir esse texto de acordo com os personagens... e vai fazer a leitura aqui na frente pra nós... tá certo gente?... então... nós vamos fazer assim ó... hoje... pera lá... se eu não conseguir falar... eu passo o recreio aqui dentro... mas que hoje sai a leitura... de quem estiver com a mão abaixada... eu posso escolher ((Quase todas as crianças estão com a mão erguida querendo participar da atividade.)) pera lá... senão não dá certo gente... tá? eu sei que vocês querem participar... eu sei disso... só que não tem como... no meio de tanta gente falando... não tem jeito tá gente? então... é... colabora... a Fernanda vai fazer o papel da Ritinha... vai dando uma olhadinha... Fernanda... já... quais são as falas que você vai fazer... né? ali atrás... você... como que é seu nome mesmo?

A .: Ana Paula...

Prof.: Ana Paula... a Ana Paula vai ser quem?

Ana Paula: a tia...

Prof.: a tia... quem é que está faltando... e a Paula é a...

Paula: madrinha...

Prof.: madrinha... tá... pera lá... nós temos três personagens femininos não é? a Ritinha... a tia... a madrinha...

Ana: e a mãe...

Prof.: tem a mãe... então agora é a mãe... tá? então a Luana é a mãe tá?

Ana: a Luana é a mãe da Fernanda...

Prof.: bom... agora... pera lá... eu tô pedindo colaboração mas... a gente não vai pra lugar nenhum se todo mundo falar junto... tá? você ((Aponta um aluno.)) faz o avô... tá faltando quem? o pai né? Selmo... faz o pai... e... tem mais alguém?

AA.: acabou... tá... o Alan faz o narrador... pronto... agora gente ó... numa leitura... ouçam aqui... numa leitura em que... nós temos diálogo... com vários personagens... nós vamos ter que fazer muito silêncio... acompanhar no livro... sem... interferências... porque... se

eles começam a ler... e... essa leitura é interrompida... além dela ficar mal feita... né? se vocês começarem a dar risada cada vez que entra a fala de um personagem diferente... ou... se vocês... se envolverem a ponto de corrigir o colega... não fica legal não... tá? fala Paula... ((Indicando a aluna que ergueu o braço.))

Paula: ()

Prof.: é... aqui a fala é da madrinha né? trocou de parágrafo... trocou... é outro travessão... é outro personagem falando tá? já localizaram aí as falas? todos?

((Alunos falam ao mesmo tempo comentando os personagens.))

Prof.: vamos nos organizar... já encontraram? pronto? tudo em ordem? Selmo... podemos começar?

AA. podemos...

Prof.: ó... nós vamos fazer assim... eu gostaria que essa fila aqui do meio... Lucas... puxa um pouquinho pra trás faz favor... é... você... narrador... vem aqui na frente com o livro... enquanto isso essa fila... vai... pra trás... pra trás... Bruno... a conversa agora é aqui... pronto... enquanto estiver desse jeito eu não faço... não faço... não saímos pro recreio e vamos... cumprir a leitura certo?

A3: certo...

Prof.: pronto? Fernanda... vem para cá... Selmo... vem para cá... Ana Paula... Luana... pronto?

((Muita conversa entre os alunos.))

Prof.: não? podemos começar?

AA.: podemos...

Prof.: quem é que tá conversando ainda? hein? ó... pra começar a leitura... primeira coisa... ninguém vai interromper... se fizerem a leitura errada... e trocarem de personagem... depois a gente corrige tá certo? tá combinado assim? então ninguém pode se envolver na leitura certo? outra coisa... não precisa ordem nenhuma... eu só quero o Lucas... um pouquinho separado de vocês... então vem pra cá... e vocês um pouquinho pra lá... só pra gente saber quem é o narrador tá? mais uma coisa...

12/06 2 aulas

Prof.: Paula... fala pra mim o que você... só a Paula tá gente? como é que tá a situação do ensaio de vocês... vocês... ensaiaram de novo... alguma vez ou não? se leram de novo o texto né? ou não deu tempo ainda?

Paula: a gente não leu ainda...

Prof.: não? tá... vocês precisam de espaço pra se organizar então... é isso né? então eu vou fazer o seguinte ó... o pessoal que está no texto... que vai montar o teatrinho... né? eu vou dispensar vocês agora... eu quero que vocês vão lá fora... combinem assim ó... vocês vão levar o livro... prestem bem atenção primeiro... vocês vão levar o livro e vão anotar... relendo o texto... como que poderia... se caracterizar cada personagem tá? vamos supor... ó... é... quem é que é o pai? Selmo? Selmo... então presta atenção... vocês vão chegar lá fora e vão fazer assim ó... começa o narrador tá? começa a ler o texto certo? aí vocês vão discutir... o narrador... ele precisa estar com alguma roupa diferente ou não? se vocês quiserem pode... vocês é que vão resolver tá Lucas? se por acaso vocês quiserem trazer no dia... uma... uma roupa diferente pra se trocar... e na hora... vir vestido diferente... de repente uma camisa... empresta a gravata do pai... dá um jeito... tá? pode vir... certo? é... mas vem de uniforme e se troca na hora porque depois tem que tirar aquela roupa e pôr o uniforme tá? vamos supor aqui o Selmo... sendo o pai... o grupo é que vai resolver mas... primeiro vocês têm que deixar o Selmo... é... fazer a opção dele... todos os outros que fazem parte do texto... precisam se caracterizar tá? não precisam de nada tão especial gente certo? tentem manter assim... pai e mãe... eu já te atendo tá Paulo ? ((A um aluno que ergue a mão)) pai e mãe... normalmente o pai tá como? um paletó né? ou... uma gravata... enfim... uma pastinha representando o trabalho ou... se ele tem um outro trabalho que não use uma pasta... se o cara trabalha lá na roça... ele vem com uma enxada... é pai também... é uma profissão também... então pode tá? é... Fábio... você pode parar com isso? eu vou perguntar por que ultimamente a gente fala com você... você só sabe chorar e acaba não resolvendo... e eu não quero que dê risada dele... ele é um aluno bom... ele se comporta... ele participa... ele faz tudo... só que às vezes a gente tem que falar assim pra ele entender... agora vocês também têm que respeitar... não tem que tá dando risada... aqui são poucos... infelizmente né? são poucos os que podem ter moral pra encarar uma situação dessa... agora gente... por favor... respeito é muito bom com o colega tá? deixa só eu concluir meu pensamento agora... se o Selmo tem lá uma profissão... que dentro do texto não diz a profissão do pai... vocês vão ler o texto pra ver se acham a profissão dele... se não tiver... vocês vão criar essa profissão... tudo isso vocês vão anotar... o pai... bem separado... todos anotam... todos que estão no grupo... anotem lá... o pai é agricultor... o que que ele precisa pra se caracterizar assim? a mãe... ela é esposa do agricultor... ela trabalha na roça também ou não? ela trabalha só em casa... cuida só dos filhos... enfim... vocês vão fazer uma diferença tá? a filha... como é que ela pode se caracterizar né? lembrando sempre... primeiro vocês têm que escolher o ambiente onde se passa a história... se o ambiente for no

campo... a caracterização de todos vai ser diferente... ou se todo mundo mora na cidade... a caracterização de alguém que mora na cidade vai ser diferente pra todos tá? a filha de repente é aquela mais rebelde... mais aí... revolucionária... se veste meio diferente... meio louca... tudo bem... ou não... é aquela mais certinha... comportadinha... não gosta de se vestir muito né? enfim... vocês vão criar tá? o que eu preciso de vocês... o grupo que vai sair... é o nome de cada personagem... onde a história acontece... tá? enfim tudo... então vocês pegam o caderno... vamos fazer o seguinte... o Lucas leva o livro... o resto leva o caderno e anota tá? anota o que cada personagem vai se caracterizar... tá... quem tem fichário leva o livro e uma folha... e põe em cima do livro... só que na capa de trás pra não marcar tá? então ó... os alunos que são do teatro daqui pouquinho vocês saem... fala... fala alto... ((A uma aluna que ergue o braço.))

Fernanda: a Luana... ela vai ser a mãe... ela pode usá um avental assim?

Prof.: é... tudo isso... vocês vão ter que se virar lá fora tá? ((Os alunos saem. Nós assistimos ao ensaio nesse final de aula.))

23/06 2aulas

Prof.: bom dia...

AA.: bom dia... ((Barulho na sala.))

Prof.: posso falá?

AA.: pode...

Prof.: lá atrás... quem tá conversando dá licença? pronto? Andréia... posso falá?

AA.: sim...

Prof.: pessoal... nós vamos fazer leitura das atividades que vocês tinham prá... prá terminar em casa... tá? depois disso... nós temos as atividades de hoje... já que são duas aulas... a gente vai ter que aproveitar isso... né? pronto?

A1: ()

Prof.: pessoal... se a gente ficá assim... não vai dar prá trabalhar em casa... depois eu vejo a classificação... a gente resolve tá pessoal? presta atenção agora... prá quem não sabe... terminou o recreio... eu vou pedir atenção pela última vez... ((Os alunos continuam conversando muito entre si.)) agora a gente vai se organizar... tá? ó... ela já limpou a sala... ((Apontando uma aluna que recolhe papéis no chão.)) já organizou fila... enfim... agora é trabalhar gente... tá certo? ó... nós vamos fazer assim ó... primeira coisa... o pessoal do grupo que vai fazer a ... a interpretação... a dramatização... do teatro lá... do texto... primeiro a gente

vai fazer a correção tá? das questões de interpretação do texto... depois eu libero vocês... vocês vão dar uma ensaiadinha lá fora... tá? tá entendido?

AA.: tá...

Prof.: tá... fora isso... todo mundo na página cento e vinte... vamos Bruno... página cento e vinte Bruno...

Bruno: cento e vinte professora?

Prof.: pronto? vocês abriram na cento e vinte... vocês não estão na cento e vinte e um gente? então tá... o texto na página cento e vinte e um... O grande jogo... esse era o texto prá vocês interpretarem não era?

AA.: era...

Prof.: tá... todo mundo leu esse texto?

AA.: sim...

Prof.: será?

A1: não...

Prof.: ahn? pessoal... toda vez que for fazê interpretação tem que fazê leitura do texto... tá? é... vamos continuar... Fernanda... você pega o livro e vem aqui na frente prá nós... faz a leitura do texto... tá? é... vocês acompanhem pela... pela página lá... certinho pelo livro de vocês...é... durante a leitura... nós vamos pedir silêncio... porque se vocês acompanharem... vai dar certo... tá? ela vai ler o texto todo... mas vocês têm que acompanhar a leitura... é... se eu tiver que pôr alguém prá fora... eu vou começar pelo Alex e pelo Gabriel... podemos começar?

AA.: sim...

Prof.: tá... você lê o texto do título até o... o nome do autor... tá? tudo certo? então vai lá...

((Fernanda lê o texto O grande jogo.))

Prof.: brigada Fernanda... pessoal... quem não havia lido o texto... teve oportunidade né? é... toda vez que a gente vai fazer esse tipo de interpretação aqui que vocês têm... algumas questões... no livro... não tem como você responder se você não se inteirar do assunto... como é que vocês vão responder... uma questão sobre o texto... se você não leu o texto? certo?

AA.: certo...

Prof.: então você tem que cuidá com isso... quando eu peço a leitura gente... é prá ajudá... a leitura... ela é base prá vocês entenderem... por exemplo... até outra disciplina... interpetá... também é base... prá vocês poderem resolver por exemplo... um exercício de matemática... se você não sabe interpretar o que o professor... o que o exercício... tá pedindo

prá você... como é que vai ser o exercício então? não é? cê já... é... perceberam como a gente faz uma avaliação? não tem professor... que às vezes... lá no finalzinho da avaliação... ele coloca... algumas orientações? colocam as questões né? vamos supor... de um a dez tá? aí... lá no finalzinho o professor... faz algumas orientações dentro da avaliação... é... vamos dizer assim... se você é... estudou de tal página até tal página né? vamos supor que divida né? a avaliação por assunto... no fim tá? então ela vai pedir assim...a professora pode pedir... é... essas duas filhas respondam as questões de um a cinco... essas duas... de seis a dez... um exemplo tá? aí você não leu a avaliação... você não leu tudo... aí... começa a responder de um a dez... qué dizê... se a sua era de um a cinco... por que você fez a seis sete oito... nove... dez? não é? flata de quê gente? ahn?

A1: atenção...

A2: leitura...

Prof.: atenção e... de leitura... tá? a orientação... ela pode estar no final... da avaliação... ela pode estar no final... do exercício... se você não lê... você não pode interpretar... não interpretando você corre o risco de... errar... tá? então vocês têm aqui... um texto... prá responder quatorze questões... de interpretação... né? levanta a mão quem não fez... não precisa justificar por que não... quero só saber quem não fez... bem alto... levantem a mão... ((Poucos alunos levantam a mão.))

A2: eu fiz até a nove...

Prof.: ó... quem é que não terminou? vai até a quatorze... tem que terminar né? tá?

A3: eu terminei...

Prof.: então tá... a gente já continua... vamo continuar nessa parte... tá? agora nós vamos fazer assim ó... é... vocês vão fazer a leitura... tá? eu vou chamar o aluno... lê a pergunta e lê a resposta que deu... bem rapidinho tá? pode sê? então vamo lá... ó... lá no enunciado fala assim... pelo trecho que acabamos de ler... podemos concluir... número um... pode sê você Paulo?

Paulo: pode...

Prof.: bem alto tá?

Paulo: () porque ele não vai prá competi... prá i na guerra...

Prof.: ó... se a gente analisar o texto todo né? não deixa de tá certo... a tua questão tá? a tua resposta... só que a gente pode complementá... você fez diferente ((Indicando um aluno que levantou a mão.)) então lê Lucas...

Lucas: que as duas têm habilidade...

Prof.: tá... mas... por elas terem habilidade... tem um detalhezinho aí... qual que pode ser? você... ((Indicando outro aluno que levanta a mão))

A4: porque empatou lá...

Prof.: isso... deu empate tá? ó... se a resposta de vocês se aproxima de uma dessas três... tá certo... só que tem que constá a questão do empate... tá? a partida tá equilibrada... ela está empatada... né? é aí que a gente percebe... né? a disputa e as condições de cada equipe tá? a ... número dois... Alex...

Alex: (...)

Prof.: tá... você pode explicar bem rapidinho assim... por alto... como é que funciona?

Alex: (...)

Prof.: não... se você conhece... com as tuas palavras...

A5: eu conheço...

Prof.: como é que funciona uma partida de vôlei?

Alex: ah... (...) pode queimá... o jogador...

Prof.: senta... senta certo... virado aqui prá mim... a cadeira também... isso... bem certinho que agora () tá? agora fala.... com as tuas palavras... como que você entende o jogo de vôlei...

Alex: se queimá tem que voltá... não pode pegá na rede... o jogador não pode tocá na rede nem...

Prof.: tá... qual é a duração de uma partida de vôlei? tem uma duração certa?

AA.: não...

Alex: até vinte e cinco...

A5: até vinte e cinco... aí troca... e continua...

Prof.: ahn?

A5: ()

Prof.: é... ó...

A5: tem as vantagens...

Prof.: isso... tem as vantagens... eu sei que a regra é um pouco complicadinha... mas eu quero aproveitá essa questão... e pedir prá vocês fazerem uma pesquisa sobre vôlei... tá? então lá no finalzinho... só um pouquinho... lá no finalzinho da última questão... peguem lá e coloquem... hoje... dia vinte e três de junho... eu já vou ditar... esperem lá um pouquinho... vamo organizar aqui...

A6: hoje é que dia?

Prof.: hoje é dia vinte e três...

A6: vinte e três?

Prof.: isso... vinte e três de junho... eu já comecei a ditar... prá quem tá conversando... pesquisar... sobre... as regras... do jogo de vôlei... pesquisar... sobre... as regras... do jogo de vôlei... no caderno... não é prá entregar então né? no caderno... para o dia trinta... segunda-feira da semana que vem... tá? nós temos duas aulas... e vai dar certinho... eu dou um visto no caderno de vocês... aí... cada um pode lê um pedacinho da pesquisa... e a gente vai conhecê um pouquinho mais de perto... essa... essa modalidade...

A5: ()

Prof.: não... você pesquisa sobre o... o... o jogo... sobre a modalidade... no caderno...

A7: é em dupla?

Prof.: em dupla? e... só que daí os dois teriam que ter no caderno né? de qualquer jeito... se você quiser montar um grupo e vir aí pesquisar... pode... mas cada um tem que ter no seu caderno... tá? pessoal... agora... olha aqui ó... lá atrás... dá licença um pouquinho... prá sair um trabalho bem feito... nós temos que aproveitá... Bruno... qué ajuda? ((A um aluno que faz barulho arrumando a carteira.))

Bruno: não...

Prof.: não? mas eu quero que você fique certinho... senão você conversa... prá gente fazê um trabalho bem feito... tem que ter esse espaço prá gente tirar as dúvidas ó... já tem... tem pergunta ali que pode servir prá todo mundo... então escutem... fala Elder...

Elder: é prá fazê em dupla ou individual?

Prof.: tá... vocês podem até montar um grupo de turma... vir na biblioteca e pesquisar... só que cada um tem que ter no seu caderno... sobre... vôlei... tá? como é que funciona... né? a questão da pontuação... só prá vocês terem uma idéia... agora gente... cuidem... o livro que vocês vão pesquisá... tem que sê... atualizado... não vai pegá um livro lá... de mil novecentos e não sei quanto... né? que... de lá prá cá... já tivemos mudanças... nas regras... então vocês têm que... pedir prá bibliotecária... ou pro professor de Educação Física... qual o melhor livro... qual que é mais atual... quem tem acesso à Internet... pode pegar em... na Internet e... e pesquisar também... né? tá? só que eu quero... o trabalho escrito no caderno... não é prá colar nada... não é prá trazê nada prá me entregá... é... a mão... no caderno tá?

A5: professora... é... dá prá... pesquisar com pessoas que jogam vôlei?

Prof.: dá... a forma como vocês vão conseguir as regras não importam... se vocês pegarem... olha bem isso aqui que eu vou pedir agora... se vocês pegarem... de algum livro... no finalzinho... do trabalho... vocês vão pôr a bibliografia... o que que é bibliografia? é o nome do livro que vocês tiraram o trabalho... certo Alex? o nome do autor ou dos autores do

livro... tá? a página... a edição... eu vou pôr tudo isso no quadro depois... tá? o ano que ele foi editado... tudo certinho... prá daí vocês saberem... e nós também sabermos... de onde que foi tirado... se vocês pesquisarem com alguém... com jogador... professor... no final vão pôr... pesquisa feita com... aí coloca lá o nome da pessoa tá? o que que ele faz... se é professor ou professora... se é jogador ou jogadora de vôlei... tá? enfim... de onde foi tirado... se foi na Internet... coloca Internet... pesquisa feita na Internet e o endereço eletrônico dela... da... da onde foi feita a pesquisa...

A2: ()

Prof.: oi?

A2Ⓢ)

Prof.: tem que tê... mas tem que passá no caderno... tá? alguma dúvida?

A5: tem que tê alguma coisa prá entregá?

Prof.: não... é no caderno... a mão... não entendi Alex... pessoal dá licença... essa conversa ó gente... dá licença... vai lá Alex...

Alex: ()

Prof.: não... isso aí é um concurso... é fora da aula... agora não é hora disso né Alex... tá? a conversa agora é outra né? tá entendida a pesquisa então? tá? então vamo passá prá próxima né?

A7: professora... eu posso fazê digitado e daí eu colo no caderno?

Prof.: não... é passado... escrito no caderno... não é nada colado... se vocês quiserem ilustrar com uma foto... de... de alguém jogando vôlei... aí é diferente... tá? prá vocês que estavam lá fora... ((Dirigindo-se aos alunos que estavam ensaindo para a dramatização.)) depois eu passo... é uma pesquisa que a gente vai ter prá fazer tá? questão... número... três... da página cento e vinte e dois... pronto? coloca o livro ali ((na carteira)) Bruno... a número três... você sabe a função de cada jogador do time? olha gente... pera lá... eu vou passar todas as questões... que eu sei que pode ter na pesquisa... eu vou pular e vamos deixar prá responder tudo junto dentro da pesquisa tá? então essa aí é uma delas né? número quatro... você sabe o que é um set numa partida de voleibol?

A5: eu sei...

Prof.: qual é o número máximo de sets num jogo?

AA.: sim...

Prof.: tá... essa também... essa também entra na pesquisa... tão acompanhando ali meninos? pronto?

A5: a sete e a quatro?

Prof.: é...

A5: professora... a gente vai escrevendo?

Prof.: a número cinco... deixa eu terminar a leitura que aí eu já... tiro as dúvidas... quem determina os erros durante a partida? também vai aparecer na pesquisa... algum problema? ((Alunos todos falam ao mesmo tempo.)) tá... a hora que eu puder continuar vocês me avisam... parece que alguém esqueceu... parece que vocês esqueceram... qual foi o meu último... tchau... semana passada... não é? e eu não tava brincando com vocês... vocês se dispersam demais... e cada vez que eu paro pra ficá chamando a atenção de vocês... a gente tá perdendo tempo... eu acho que já tem tempo suficiente prá vocês me conhecerem e saber como é que eu trabalho... se tem alguém... que fica... no meio do barulho... e entende vocês... ponto para esse alguém... porque eu não consigo... tá? e na minha aula vai funcionar assim... cada um fala no seu momento... prá ajudá... prá colaborá... tirá dúvidas dos colegas... e a gente vai levá a aula desse jeito tá? eu já fiz muito acordo certo?

AA.: certo...

Prof.: tem gente que acho que ainda não me entendeu... eu já fiz muito acordo com vocês... e pouquíssimos cumpriram a sua parte... então agora vai ser do meu jeito... a número seis pede o tempo... né? da partida... a número sete... a decisão do juiz do texto O grande jogo seria inédita? por quê? você vai responder a número sete prá nós... ((Aponta um aluno.)) eu espero que você tenha feito...

A8: eu não fiz...

Prof.: ahn?... não? pois é... e agora?

A8: [...]

Prof.: pois é... mas é que a gente tá dentro da sala né? o interesse agora é outro... tá? não fez a número sete?

A7: eu fiz...

Prof.: você consegue me responder? por que não fez a tarefa?

A8: eu esqueci...

Prof.: pois é... e se eu esquecê de dá a nota prá você? como é que fica?

A8: você não esquece nada...

Prof.: você tem que ter mais responsabilidade com a tarefa hein? eu quero esse exercício pronto tá? podemos continuá? Vinícius... responda a número sete...

Vinícius: a decisão do juiz de O grande jogo seria inédita? Por quê? Sim... porque... se o jogo... empatasse... empatasse... dezoito a dezoito... por exemplo... ele teria que ir até vinte

né? e o juiz... deu... deu... empate... empate... não pode dá empate no vôlei... não existe empate no vôlei...

Prof.: isso... cê achou a resposta né? era isso Luana? ((Olhando para a aluna que queria ler sua resposta.)) não existe empate em jogo de vôlei... tá? eles têm que ir jogando até... desempatá tá? vamos... vamos... oi...

A5: professora... por que não poderia ser empate?

Prof.: é que não tem né? tá? não existe empate em vôlei... tem que desempatar de qualquer forma... tá? questão número oito... Andréia... responde prá nós a oito... por que a treinadora da turma da manhã resolveu discordar da decisão do juiz?

Andréia: eu fiz até a seis...

Prof.: ahn... pois é... daí prá frente... daí prá frente não fez? quando eu pedi quem não fez as respostas antes... nós tivemos uns três quatro alunos que levantaram a mão né? que foram... que foram... sinceros... de repente um monte de gente aparecendo que não respondeu... é... então vamo mudá a pergunta... quem fez a número oito? ((Alguns alunos levantam a mão.)) tá... responde você ((Apontando um aluno.)) dá licença gente... vamo ouvi...

A7: a treinadora discordou porque ()

Prof.: tá... de uma certa forma tava assim... é... contrariando as regras da modalidade... não é? tava errado... por isso que ela insistiu... porque não tem...

A8: porque o jogo terminou em um empate...

Prof.: a... número nove... quem fez? lá atrás... você... ((Aponta uma aluna do fundo da sala.))

A9: é prá lê a pergunta?

Prof.: é...

A9: ()

Prof.: tá... é prá comentar o ditado popular... essa aí está querendo ensinar o padre nosso ao vigário... vamo ouvi gente?

A9: porque ela tava querendo ensiná...

Prof.: tá... alguma coisa mais completa... fala Lucas...

Lucas: é a mesma coisa que ensiná o padre nosso prá quem sabe rezá...

Prof.: tá... tá quase certo...Rodrigo... pera lá gente... um de cada vez...

Rodrigo: ensinar alguma coisa prá alguém que sabe...

Prof.: isso... é isso aí ó... é... um vigário... presta atenção aqui ó... um vigário... um padre... ele... tem um monte de coisa que ele pode ensiná prá nós não pode? dentro de uma

missa... ou numa conversa... e uma dessas coisas... seria... né? é... uma oração... por exemplo... tá? seria mesma coisa da gente querê ensiná o mecânico... a mexer lá... numa ferramenta... né? numa situação... qualquer...

A6: consertá turbina...

Prof.: isso... é... seria ensiná... prá um profissional... o que ele já sabe fazer na profissão dele... tá?

AA.: sim...

Prof.: número dez... o juiz estava impaciente e irônico. por quê?

A6: mais... o que que é irônico?

Prof.: qual é o décimo segundo parágrafo? Primeira coisa... como é que começa?

A1: ()

Prof.: já que a Paula começou... identifiquem... contem os parágrafos e vão lá no décimo segundo... todo mundo... qual que é?

AA.: isso aqui é jogo...

Prof.: isso... lá ó... na página cento e vinte e dois... lá no... um dois três... no terceiro travessão... isso aqui é jogo... não é guerra... ali começa... o décimo segundo parágrafo... tá? por que que o juiz estava impaciente e irônico?

A5: porque ele tava falando uma coisa... é... uma coisa ()

Prof.: tá... lá... quem de vocês fez... essa daí? entre o Cássio... o Vinícius... por que vocês não tão acompanhando? cês tão tão distraídos assim?

Vinícius: eu fiz professora... mas essa aí eu não fiz...

Prof.: é... é engraçado que sempre aquela que eu peço... vocês não fizeram... né? tem alguma coisa errada...

A7: professora... eu só não fiz a número dois... o resto eu fiz tudo...

Prof.: Fábio... lê a número... a questão número dez...

Fábio: não...

Prof.: você falou que fez... deixa eu ver se você fez certo...

Fábio: não...

Prof.: por que não Fábio? o Fábio... vamos por partes ali ó... você sabe o que quer dizer irônico?

Fábio: não...

Prof.: não? quem é que sabe o que é ironia? o que é ser irônico? ahn? o que é ser irônico... ou ironia? o que que é ironia? ((Todos os alunos falam ao mesmo tempo - incompreensível.))

Prof.: por favor... com licença... o Fábio vai ler prá nós...

Fábio: zombá dos outros...

Prof.: isso... é você zombar de alguém... tá?

A11: que que é zombá?

Prof.: ahn? ó... se vocês pararem com essas conversas paralelas eu continuo... pronto? vamo pará tudo... a hora que vocês sossegarem eu continuo...

A11: o que que é zombá?

Prof.: Felipe... só um pouquinho... podemos continuá? o Fábio leu antes ali... é você usar de... sarcasmo... você ser zombeteiro... né? zombar de alguém... o que que é resumindo então? é você ficar tirando sarro de alguém... ficar provocando a pessoa... numa coisa que você até sabe mas... qué ficá ironizando... ou seja... tirando sarro da pessoa...

A5: é ficá tirando sarro...

Prof.: isso... tá? não entendi Fábio... o que que você falou?

Fábio: ele tava impaciente...

Prof.: isso... ele cansou de justificá e ficou impaciente... né? número onze... o que é um jogo para você? Luana...

Luana: é um esporte...

Prof.: tá... um jogo prá você é só um esporte?

A5: alegria...

Prof.: pera lá... deixa eu terminar com a Luana... enquanto eu terminar de conversar sobre a resposta da Luana... a gente não passa prá outra coisa... Luana... o jogo não é só um esporte... tem mais coisa né? tá? fala Bruno...

Bruno: um jogo são dois times disputando pra vê quem ganha ou quem perde... quem perde não pode ficá nervoso... o que interessa é participá...

Prof.: tá certo...

A5: é como uma brincadeira...

Prof.: tá... aí você já respondeu praticamente a próxima né? a número doze né? é... pronto? dos que já participaram até agora... eu vou pedir prá vocês... baixarem a mão um pouquinho... eu quero saber quem não fez nada até agora... quem não leu nenhuma... quem é que pode ler prá nós... uma resposta? ((Alguns alunos levantam a mão.))

Prof.: quem? você? ((Aponta um aluno.)) a doze... esporte não é para matar ninguém... esporte é para dar prazer e alegria... comenta essa frase... a número doze...

A1: ()

Prof.: não... tá fora... Lucas... cê já foi... espera um pouquinho ok? quem mais? quem é que ainda não participou? Claudinei... leia a doze prá nós... a doze...

Claudinei: não fiz...

Prof.: pois é... e agora? pode ser você Lucas? vamo tentá resolvê esse barulho ali fora né? ((Fecha a porta.)) Lucas... cê fez a doze?

Lucas: fiz...

Prof.: cê lê prá nós?

Lucas: a pergunta e a resposta?

Prof.: vai direto na resposta... é só comentá a frase...

Lucas: esporte é diversão...

Prof.: diversão? tá certo... mas é... pode ser em casa tá? tenta ampliar um pouquinho a resposta... justificar mais... sempre... argumentar mais... número treze... quem fez?

Fábio: eu...

Prof.: Fábio... leia a treze prá nós...

Fábio: a decisão do juiz foi justa ou injusta? como você agiria no lugar dele? a decisão do juiz foi justa... eu teria feito a mesma coisa...

Prof.: cê teria feito a mesma coisa?

Fábio: teria...

Prof.: tá... Jéssica... você lê a quatorze prá nós? a última...

Jéssica: a quatorze eu não fiz...

Prof.: não? segundo você como se sentiu cada time com a decisão do juiz? o Alan... o Alan responde...

Alan: cada time queria ganhá...

Prof.: qual foi a decisão dele Alan?

Alan: normal...

A5: tinha empatado... é injusto...

Prof.: tá certo... agora... vocês vão... vocês vão sossegá... não é? eu quero todo mundo quieto... sem conversa... sem outra atividade... agora a gente vai ter que conversar um pouquinho... gente... vocês ainda não tão entendendo o porquê que eu insisto com vocês... pra vocês prestarem atenção... vocês manterem um pouquinho mais de ordem na sala... certo Gabriel? eu vou começá hoje... levando o nome de três alunos... lá na coordenação... e pedindo... prá chamar o pai e a mãe... na próxima aula... eu vou pedir prá chamar mais alguns... e assim eu vou fazendo... porque eu acho que a gente vai ter que resolver assim... tá? é... tem gente... que enquanto eu falo... tá brincando demais... não tá levando a sério uma

orientação que eu tô dando... né? vocês... além de se prejudicarem... estão prejudicando os colegas de turma... tão perdendo muito tempo... já falei tudo isso... mas parece que não adianta... então agora eu vou resolver do meu jeito... tá? vou mandar chamar... pai... mãe... e a gente vai... pegar pesado... porque senão vocês vão reprovar de ano... se continuá assim... a gente se atrasa... a gente não vence os conteúdos que vocês precisam... prá uma sexta série... o que que vocês vão fazer na sexta série... sem... o que precisa... sem o necessário prá se estar lá... hein Gabriel? você vai ser o primeiro... papai e mamãe... não quero nem saber... vou buscar bilhete... eu mesma vou preencher... e marcar horário... para o pai e a mãe vir aqui... um dos dois... e vamo tê que resolver isso aí... vai dar certo... enquanto tem... tem alunos participando... né? tem uns que não fizeram... tem uns que não estão nem aí... não tão preocupados... tão ficando sem nota... né? essa semana eu vou passar prá vocês uma ficha... prá vocês trabalharem alguns itens sobre literatura que é a parte da leitura dos livrinhos que vocês têm feito... como é que nós vamos chegar num acordo... se eu cumpro a minha parte... e a maioria de vocês não cumprindo... o lado de vocês? como é que eu vou fazer? não vai dar certo... bom... anotem a atividade agora... e eu espero que a gente... não tenha que tomá nenhuma atitude diferente... Bruno... não se prenda nisso... é prá fazer... a hora que bater o sinal... eu vou dizer o que falta e o que não falta... prá quando é... é só você que acerta as coisas... ou você nunca erra? pois é... aliás... tem errado bastante... por isso que não tá me ouvindo... eu tô tentando te ajudar... você não quer... você percebe tudo que os outros falam de errado... fazem de errado... que tal cuidar um pouquinho mais do que você anda fazendo? eu acho que vai ajudar... anotem lá então... Alex... você vai ser você... é o Gabriel... você... e tem mais um... prá mandar chamar o pai ou a mãe... eu quero conversar de perto... nós vamos resolvê isso... o resto dessa unidade aqui... a prática de... leitura e produção de texto... a gente vai... vai deixar por aí... tá? é... anotem lá... unidade número sete... página cento e trinta... é uma leitura... de introdução da unidade... né? comecem lá... página cento e trinta... leitura... página cento e trinta e um... marquem do lado do número da página... é cento e trinta e um... marquem do lado do número da página... hora da leitura... eu já vou explicar tudo... hora da leitura... outro item... para refletir e discutir... para refletir e discutir... agora entre parênteses... questões de número um a número seis... agora todo mundo pega o livro... deixa o caderno de lado um pouquinho... na página cento e trinta... é só leitura... vocês viram antes a importância de se ler um texto né? então vocês vão ler tudo aquilo ali... tá? então dá tempo... é bem curtinho... ó... o () do livrinho também é uma leitura que vocês vão ter que fazer... na cento e trinta e um... hora da leitura... número um... vamos trabalhar com alguns textos? para isso leia as definições a seguir... ali vocês têm a definição de () trabalho e justiça tá? os

significados encontrados no dicionário né? e... número dois... tem lá... o texto correspondência nos introduz no tema... a ser discutido tá? ali vocês têm... um pequeno trecho... do texto Correspondência... e () dentro daquela... coluna amarela ali... né? vocês vão ler aquela ali... e depois... é... vocês vão responder as questões de número um até número seis... tá? vejam bem gente... que ali ó... tá sendo apresentado... é... pequenos trechos né? prá estimular a leitura de vocês... tá? e depois a gente podê... em cima desses textos... fazê uma discussão em grupo... uma discussão... em conjunto... tá?

Lucas: ()

Prof.: a gente não chegou lá ainda Lucas... eu acho que é por isso... que vocês estão... tendo dificuldade em me entendê... se vocês vão... acompanhando... passo por passo... do que a professora tá tentando ensiná a vocês... vocês vão conseguir... é... se adaptar melhor... tá? não precisa ter essa pressa... essa coisa de tá lá na frente... eu tô ali em cima ainda... na outra questão... tá? agora sim ó... para refletir e discutir... olhem só o número um... se é só leitura... prestem atenção no que tá escrito lá ó... Bartolomeu Campos Queiroz... o autor do texto diz... as palavras sabem muito mais ao longe... comente a mensagem da frase... será que é só leitura?

Lucas: é o que as palavras significa...

Prof.: não... lá em cima Lucas... lá em cima eu já passei... lá... é o significado de cada palavra...

Lucas: só o significado?

Prof.: é... eu não falei antes ó... só o significado... e como elas são encontradas lá no dicionário... o sentido que cada uma tem... o significado que cada palavra daquela... assume... no dicionário... tá? agora essa número um lá embaixo... que é o exercício em si... né? vocês vão ter que comentar aquilo ali ó... as palavras sabem muito mais longe vocês vão encontrar essa expressão... essa frase... dentro de um dos textos básicos... prá vocês começarem a respondê... tá entendido até aqui?

AA.: sim...

Prof.: tá... número dois... fale agora sobre a frase de Mateus... casa pequena... mas grande em amor... né? depois da leitura dos textos fica mais fácil... né? prá vocês entenderem algumas expressões ali... número três... você entende o que é um coração muito lindo? quatro... por que... ao parar em terra... o homem chamou Marcos de irmão? cinco... as palavras... pátria... trabalho... justiça... têm ligação entre si? vejam só que são todas respostas pessoais... não é? o texto... ele vai levar vocês a.. definir... uma resposta... mas... tem que fazer leitura do texto... definir a resposta... e com as palavras de vocês... jogá prá cada uma ali... é

pessoal... às vezes você coloca () pensa diferente porque você pensa... então não pode simplesmente... copião né? fala Vinícius...

Vinícius: é... lê ()

Prof.: lógico... que que eu pedi na página cento e trinta? número seis... qual é a mensagem da frase "prometa-me não deixá-la dormir de novo..." tudo isso aqui vocês vão encontrar no texto... são interpretações de cada frase... de cada momento... vocês vão ler todos... e todos eles vão ajudar vocês a responder... as questões da um até a seis... vocês não vão tirar lá do texto a resposta... isso que é interpretação... quanto mais leitura tiver... mais vocês conseguem interpretar... podemos começar?

AA.: sim...

Prof.: questões e respostas no caderno... tá? da número um até a número seis... principalmente quem não fez tarefa... eu quero dar uma olhadinha nos cadernos... eu vou passá olhando... vão fazendo aí... eu vou ver quem é que tá fazendo o que eu pedi agora... vão fazendo o que eu pedi... depois se eu sentir necessário... eu vou... só que é leitura em silêncio...

26/06 1 aula

Prof.: bom dia...

AA.: bom dia... ((Alunos conversam bastante entre si.))

Prof.: posso falá?

AA.: pode...

Prof.: lá atrás... pessoal que tá conversando dá licença... ((Os alunos continuam conversando.)) pessoal... nós temos só essa aula hoje... então a gente vai ter que se organizar... é... e acho que vocês já perceberam... nós estamos com bastante atividades né? nós temos aquele texto da dramatização que o pessoal vai... o grupo vai precisar ensaiar... nós temos o texto... das questões de interpretação que... acabou envolvendo uma... uma pesquisa sobre vôlei... não é?

A1: é pro dia trinta...

Prof.: tá... então...

A2: é pro dia trinta...

Prof.: ó... eu tô falando ainda... se vocês me ouvirem primeiro a gente se or/ se organiza rapidinho... posso falar gente?

A3: pode... ((Continua a conversa entre os alunos.))

Prof.: tem gente conversando ainda... pronto? como são muitas coisas... de português e ainda... festival de danças... que eu sei que... tá chegando o dia né? no caso de vocês que é quinta série vai ser o primeiro festival () vai ser o primeiro festival aqui no D. V. com vocês... na semana que vem a gente pode tirar uma aula... pra gente explicá como é que acontece lá... conversar sobre o festival... eu me proponho a fazer isso com vocês tá certo? agora... antes disso... certo? antes disso... nós precisamos primeiro... cumprir a nossa parte... dentro da disciplina de português por quê? o bimestre está terminando gente... tá? no dia onze... uma sexta-feira da outra semana ainda... no dia onze... nós vamos ter o conselho de classe... então nós temos que ir fechando as notas de vocês dentro dessas atividades que a gente já encaminhou... tá? então se a gente perdê tempo... você vai ser prejudicado... eu não vou ter problema nenhum... o problema vai ser de vocês... e eu vou começá a conversá fora da sala de aula... com quem continua conversando enquanto eu falo... certo? porque depois eu chamo atenção... aí vocês vão querer se justificá ainda achando que estão certos... ((Alunos conversam.)) se eu começa a ignorá vocês... a ser... indiferente com vocês... no momento duma dúvida... no momento de uma pergunta que vocês queiram... me fazê... como é que fica? já pensou se eu viro as costas pra vocês? coloco um monte de atividade no quadro... e a dúvida de vocês eu faço que não escuto? o que é que vai virá gente?

A3: bagunça...

Prof.: é... ((Mais conversa entre os alunos.)) vai virá bagunça não vai Marcelo? e quem é que vai sair prejudicado? sou eu?

AA.: não...

Prof.: então... então por que que ainda tem gente mesmo assim ainda tem gente conversando? depois... são bem esses que falam "professor eu não entendi... o que que é pra fazê? como é que é isso? como é que é aquilo?" é lógico... não deu atenção... não me respeitou enquanto eu falava... eu vou repetir... e tirá dúvidas... pra quem presta atenção e teve dificuldade pra entendê... agora quem não colabora... eu não tô aqui pra isso não certo? tá... então nós vamos fazê assim ó... vamo só tirá uma duvidazinha aí em relação à pesquisa sobre vôlei... é o seguinte... eu sei que tem muita gente que já fez... já está com o trabalho pronto não é? como a gente está... fechando as notas já... eu vou fazer uma proposta pra vocês ó... vocês vão ter essa pesquisa só no caderno... tá? só no caderno... escutem bem o que eu vou falá porque... pensem bem... vocês têm o festival... por trás disso tudo... os professores também já estão se envolvendo com o festival... no começo era só professor de Educação Física... e Educação Artística não era?

AA.: sim...

AA.: era...

Prof.: tá... agora... os outros professores começam a se envolver também... porque quem cuida das turmas lá no dia do festival... somos todos nós... quem cuida do que precisa ser feito lá no dia... é toda uma equipe... então a gente também já tá com algumas coisas aí ó... direcionadas lá pro dia do festival... pra quinta né? e pra sexta tá certo? então... como que nós vamos ter tempo... de ler... uma pesquisa que vocês fizeram... corrigir... dar nota... passar pro livro de chamada etc etc... então é muita coisa gente... então eu vou fazê o seguinte... essa pergunta ela serviu de base... pra vocês responderem algumas questões no livro... que precisava ter... conhecimentos sobre... vôlei tá? o texto que vocês leram... ele traz uma coisa que no vôlei não existe... a situação de empate etc etc... tá? só que na verdade... é a moral dessa história... não é se existe empate no vôlei ou não... a moral é se é justo ou injusto dentro de uma determinada situação tá? então nós vamos fazer assim... vocês vão pôr essa pesquisa no caderno... se por acaso alguém pesquisou numa folha separado... pode colá essa folha no caderno... não precisa passá tudo de novo tá? desde que esteja caprichado... coloca lá no caderno de Português tá? tá entendido até aqui?

AA.: sim...

Prof.: quem ainda não fez... pode ter certeza... lá na biblioteca tem o livro sim... tem livro sobre vôlei... copiem daquele que tem ali... não tem problema...

A4: ()

Prof.: é... então vocês vão providenciá... e fazê isso aí no caderno... nós marcamos a próxima... segunda-feira tá? segunda-feira que vem né?

A5: eu tenho que vim hoje aqui na escola?

Prof.: então... é... tem que fazê em outro horário a pesquisa não é? vejam em casa certinho... conversem com os pais ou com alguém que seja responsável por vocês... e façam a pesquisa tá? se vocês têm em casa de repente um livro... ou na própria internet... enfim... alguém que possa emprestar um livro não precisa vir na escola... desde que faça a pesquisa tudo bem... tá?

A4: é escrito ou digitado?

Prof.: é escrito... não é... não é... digitado não tá? tem que sê escrito a mão mesmo a caneta...

A4: mas tem na internet... tem que olha lá e escrevê?

Prof.: é... se vocês pesquisarem na Internet... prestem atenção... quem pesquisá na internet... vai fazê a leitura do que tirou pra vê se tem o que vocês precisam saber pra responder as questões tá?

A5: professora...

Prof.: tá... e daí passa a caneta no caderno... não é pra colá folha da internet lá não tá?

A5: professora...

Prof.: só um pouquinho... você ((Indicando um aluno que está com a mão levantada.))

A6: () tipo assim... a internet né? daí... daí pegá o coisa e imprimir daí você passa ...

Prof.: não... você imprimir e lê... faz a leitura... pesquisa ali mesmo e passa pro caderno... certo?

A6: certo...

Prof.: você... ((Indicando a aluna que havia chamado antes.))

A5: professora... e quem fez ali na biblioteca...

Prof.: dá licença Claudinei... faz favor... escute...

Claudinei: eu tô perguntando sobre o... sobre o...

Prof.: sobre o trabalho... tá... mas espera um pouquinho senão eu não entendo a questão dela lá tá?

A5: tem um livro só lá () por exemplo... eu e a Kátia fomos lá... daí a gente fez junto... só que não tem problema se ficou igual...

Prof.: não... não tem gente... não tem problema... porque é... é às vezes no mesmo livro né? agora uma coisa que nós temos que aprendê... é... eu ainda não trabalhei mais... a fundo isso com vocês... mas quando a gente vai fazê uma pesquisa... a gente primeiro... a primeira coisa que a gente faz quando acha o assunto... é leitura... lê tudo que tem por exemplo sobre o vôlei... tá? lê tudo tá? que que a professora qué? eu não quero tudo que tá lá... eu quero algumas coisas... pra vocês se orientarem...

A7: só o que é principal...

Prof.: é... as coisas principais Fábio... pra vocês se orientarem lá no livro de vocês... ó... eu? ((Respondendo a um aluno que vem procurá-la na porta da sala. Sai alguns minutos. Enquanto isso os alunos conversam muito entre si.))

Prof.: pessoal... pronto... já... já atendemos a porta... agora olha aqui ó... é... ((Alunos continuam conversando.)) pronto?

AA.: pronto...

A5: ()

Prof.: ela tá doente... ela tá com... problema na garganta... ela não tá bem... tá doente...

A8: () no trabalho?

Prof.: não... cada um tem que tê... tem que tê no seu caderno... né? pode até fazê junto mas cada um tem que tê no seu caderno...

A8: e quem fez em folha separada? tem que colá?

Prof.: tem que colá no caderno... se fizer em folha separada... posso continuá? hein? só mais um pouquinho gente... só pra gente se organizá... tá? pronto? Vítor... certo? ó... nós estávamos falando o seguinte... se você vai fazê uma pesquisa... você precisa... você precisa lê... pegá as partes principais como o Fábio falou né? porque... vamos supor que você copie coisas... isso... fica assim... ((Falando para um aluno que senta de lado e faz gracinhas para os colegas.)) aí...

A9: ()

Prof.: já que você quer se fazê de bobo não tem problema... pode fazê... desde que não converse tá? não... pode ficá assim... com a mão quieta... Bruno não não... não mexe com coisa que não precisa... porque senão a gente vai ter que tomá outra atitude... e com você á próxima é só chamando alguém de casa pra gente conversá... tá? e não tem choro não tem nada pra eu voltá atrás... porque eu quero te ajudá e você não qué me ouvir... então nós vamos tê que tomá uma atitude... pessoal... se você copia tudo... vamos supor que seja um tema muito longo né uma pesquisa muito longa... e eu queira só algumas coisinhas... você vai perdê tempo tá? vai copiar coisa desnecessária né? ao mesmo tempo... de repente você... você tem um conhecimento a mais tudo bem... só que aí você lendo... você já... já pegou esse conhecimento tá? então... copia só o necessário... né? depois de uma leitura bem feitinha... você vai ter só o necessário no caderno pra respondê aquelas questõezinhas lá do livro tá? terminando a pesquisa... colando a pesquisa no caderno... ou passando ela pra lá... que que vocês vão fazê? respondê aquelas questões que faltaram né? lá do livro...

A5: qual?

Prof.: aquelas questões todas que envolvem vôlei da da... do texto que a gente corrigiu lá... O grande jogo... tá? que que cê qué Ederson? ((Dirigindo-se a um aluno que levanta a mão.))

Ederson: professora... eu peguei um livro na biblioteca e eu copiei a... pesquisa sobre vôlei... e é um livro muito antigo né... daí eu perguntei pra () o que tinha mudado... daí eu copiei só o que foi mudado...

Prof.: então tá... melhor assim né? tá... outra coisa... a gente vai fazê assim ó... a situação aí da pesquisa de vôlei tá resolvida então... tá? agora... outra coisa... eu vou pedi que os componentes daquele grupo sobre a dramatização... do... do texto... né? aquele da Ritinha dos seus sonhos lá... é aquele né? é...

AA.: é...

Prof.: então... nós vamos fazê assim ó... o pessoal... que está... envolvido com o texto da dramatização... vocês vão dá uma ensaiadinha tá? fala... ((Indicando um aluno que levanta a mão.))

A6: a Paula não veio... () alguém no lugar dela?

Prof.: não... ninguém entra no lugar... ela continua... a parte dela...

A6: a gente deixa a parte dela?

Prof.: claro... vocês vão ensaiá a parte dela vocês pula... simples tá? agora tem um detalhe bem importante que eu quero falá com o pessoal... que vai fazê a dramatização... é... o Lucas Luana... quem mais?

AA.: Ana Paula...

Prof.: Ana Paula... Fernanda...

AA.: o Selmo... Lucas...

Prof.: cadê? Ah tá lá... o Lucas... agora olha gente... eu quero deixá uma coisa bem clara pra vocês... Selmo... é pra você também presta atenção... ó vocês vão sair... vão fazer uma releitura do texto... cada um no seu papel tá? agora gente... trabalhá em equipe... Fábio e... quem mais?

A5: Wellington...

Prof.: Wellington... é? vocês vão trabalhá em grupo significa um respeitá a opinião do outro... eu não quero problemas... não quero ninguém dando de dedo na cara de ninguém entendeu? os personagens quem são? ó... ninguém tá? ninguém manda... nós pedimos... nós orientamos... nós trabalhamos juntos... tá certo?

AA.: sim...

Prof.: se tivé uma reclamação... de um de vocês... aí sim eu vou trocá... eu tiro... aí nós vamos conversá com essa pessoa... porque eu quero só orientá eu não quero prejudicá ninguém... então prá não ser cortado... cada um que se coloque no seu lugar assuma o seu papel tá? respeita a idéia do outro... se o outro tem uma idéia... por que não pensá e acatá a idéia do colega? então ó... tá na mão de vocês... assim que eu encaminhá com a turma o resto da atividade que eu tenho pra eles... eu vou lá conversá um pouquinho com vocês tá? certo? Luana Lucas Selmo... Lucas... Paula... a Ana Paula né? e Fernanda... a Paula não tá hoje mas tudo bem...

A5: () a Fernanda?

A10: ()

Prof.: oi? não... não... vai esperá um pouquinho... tá entendido então? tá... então o pessoal do teatro cada um com seu livro acha um cantinho lá de preferência no sol... e vão dá uma ensaiadinha lá tá? a gente já conversa... quem falta? Lucas... bom... agora gente ó... nesse texto... eu pedi pra você esperá e você não esperou... viu só como é que é? complica não adianta... vocês gostam de... contrariá... esse que é o problema... aí... aí passa a ser falta de educação e de respeito... Jéssica... senta aí e pára de mexer com o Francisco tá? pessoal... esse texto que eles estão ensaiando lá fora... nós temos algumas coisinhas pra trabalhá sobre ele ainda... eu vou pôr no quadro o que é... vocês copiam o que precisa... vou explicá tudo... vocês vão trabalhá agora tá?

A11: hum hum...

Prof.: olha lá caderno de Português a data de hoje... dia vinte e seis... pessoal... a atividade de hoje tá aqui... página cento e onze... lá no finalzinho da página tem a questão número um... referente ao texto ainda... da é... Ritinha dos sonhos dos outros tá? questão número um... na página cento e doze... a número dois vocês vão pulá... porque nós vamos ter que trabalhá ainda a primeira e a pterceira pessoa dentro da narração... certo? e isso não vai se/ ser feito agora... então vocês vão fazê a um da página cento e onze... a número três quatro cinco e seis da página cento e doze tá?

AA.: tá...

Prof.: copiem a pergunta lá no caderno e respondam... só que tem um detalhe... vocês vão ter que fazê uma releitura do texto ou seja ler o texto novamente... por quê? porque a gente trabalhou com ele já há alguns dias... então... a gente recordá a história né? enfim os elementos que a gente precisa pras respostas... tem que dá mais uma lida no texto... tá certo?

AA.: certo...

Prof.: então vamo lá gente cês têm atividade... não atrasem porque vocês podem... não terminá e a gente não consegue fazê avaliação a tempo de vocês... terminarem o bimestre tá?

Fábio: () prova?

Prof.: calma Fábio... não... não é assim... ó... prova é uma avaliação... tudo o que vocês fazem valendo nota também é uma avaliação... o que que é avaliá vocês? é saber até onde vocês conseguem ir tendo esse conhecimento que a gente tá passando tá?

Fábio: a gente vai fazê prova?

Prof.: ó... não Fábio cê tá se confundindo ó... isso aqui é pra avaliá seu conhecimento dentro do texto lido... você vai passá seu conhecimento ali tá? é uma avaliação certo? então vamo lá todo mundo tem atividade vamo trabalhá... e eu vô dá uma olhadinha no grupo lá fora... espero que não tenha problema aqui dentro... tá?

((A professora então sai para acompanhar o grupo que ensaia a dramatização. Nós a acompanhamos.))

Prof.: quem é que ela tá pedindo?

A1: eu...

Prof.: tá... você pode até ajudá mas ainda não... pera lá...

A2: ()

Prof.: é... se o narrador faz parte do texto ou ele só narra tá? na semana que vem nós vamos trabalhar essa questão aí... ou na verdade a gente re/retomá né? primeira e terceira pessoa da narrativa porque eu já trabalhei um pouquinho isso aí com vocês hein? e a Maria do Carmo também tá? vocês já sabem isso aí desde a quarta série... é que vocês não tão lembrados...

A3: o quê?

Prof.: tá? a primeira e a terceira pessoa dentro de um texto narrativo...

A3: ah eu não lembro...

Prof.: quando... quando ... já sim é que vocês não tão lembrados... quando que o personagem faz parte do texto ou não aliás... personagem não o narrador... faz parte do texto ou não... quando que o narrador é personagem né?

A2: professora 9)

Prof.: se eu acho? olha Lucas... a gente podia... é... em outra aula em outro momento assim a gente fazê um debate sobre isso... se a gente começá a falá isso fora do texto agora... a gente... vai tomá outro rumo vai bagunçá tudo tá? vamo vê lá...é... é uma dramatização que nós vamos fazer né? vai lá vamo fazê.. ((Assiste ao ensaio durante alguns minutos, depois retorna à sala de aula.))

Prof.: aí ó... viu como que eu sei que você não tá fazendo o que eu pedi? aí... olha a letra... dá pra continuá assim? cê vai começá tudo de novo... sem uma rasura... e a letra certa tá? você... você não atendeu o que eu pedi... tá se perdendo em desenhinhos e outras coisas... não não nem pensa... empresta aqui um pouquinho ó... cadê o resto do caderno? não diz que acabou porque não... não acabou... cê vai tirá isso aqui... copiá isso aqui com letra bem melhor aqui tudo certinho e continua tá? Edson... cuida porque você tá quase sem nota... e isso reprova... se você acha que é só nota que tem que ser então vamo trabalhá só com nota... tem mais coisa pra gente vê... mas você tá preocupado com a nota só... então tem que melhorá... pera um pouquinho... deixa eu voltá o Lucas... ((Os alunos conversam bastante entre si.))

Prof.: essa conversa é de quem já terminou? não é?

A1: posso i no banheiro?

Prof.: depois... tem... tem gente lá fora já tá? ah...

A5: aqui tem que respondê ou só...

Prof.: é ó... qual é o fato principal do texto que você leu? argumente cada item a seguir... aqui são vários fatos que têm dentro do texto... você vai fazê um comentário sobre cada um deles... pronto tá?

A5: eu tenho que fazê o que eu entendi?

Prof.: é... o... o que que acontece... o que você entendeu... então agora chega...((Dirigindo-se à sala, já que os alunos conversam muito entre si.)) não pode não... vai esperá batê o sinal...

A5: argumente o item a seguir... Ritinha queria escolher sua profissão?

Prof.: é... em cada item desse você tem que comentá... se ela queria... Ritinha queria escolher sua profissão... não tá perguntando nada... é um ponto final aqui ó... não é pergunta...

A5: daí o que que tem que falá?

Prof.: ela queria escolher sua profissão... você vai comentá isso...

A5: ah... se ela queria... o que que ela queria?

Prof.: é... se ela trabalhou isso dentro do texto... como que ela trabalhou isso dentro do texto tá? e assim por diante... ((Mais conversa entre os alunos.))

Prof.: pessoal... ó um recado... presta atenção... olha o recado... Alan... é... eu tô falando pra alguém... quem tá conversando no mínimo vai parar de conversar... é o mínimo de respeito... pronto Andréia? claro que você consegue tá? olha aqui ó... um recadinho... ninguém sai... ((A professora diz no momento em que bate o sinal.)) pode ir sentando... pode ir sentando e espera eu falá... é... se eu resolver passar o recreio inteiro aqui eu passo... é isso que eu não quero... olha a correria ó... é pra sair andando... não é pra sair trombando não que esses dias trombaram com uma criança ali... ela bateu a cabeça e se machucou... tá? é pra sair em ordem...

ANEXO B - Planejamentos anuais

ESCOLA COLÉGIO	DE AQUILO		CURSO		SÉRIE	TURMA	DISCIPLINA	CONCENTRAÇÃO DE MÉDIA					
	MASCULINO		FEMININO					OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO
	MÊS	FEVREIRO	MARÇO	ABRIL	MADO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	
	Nº FOLHA DE AULAS	18	18	19	20	20	13	21	22	18	20	6	
	AULAS DE ENSINO	18	16	17	18	18	13	19	20	16	18	6	
	AULAS DE PROVAS	0	1	1	1	1	0	1	1	1	1	0	
	Nº DE AULAS DE REVISÃO E COMENTÁRIOS	0	1	1	1	1	0	1	1	1	1	0	

4- OBJETIVOS GERAIS DA DISCIPLINA:

- Desenvolver "as capacidades de observação, reflexão, criação, discriminação de valores, julgamento, comunicação e convívio, cooperação, decisão e ação".
- Valorizar e desenvolver habilidades de ouvir, falar, ler interpretar, escrever, criticar e apresentar soluções, tomando como base situações e motivos que envolvam diferentes épocas, lugares e aeres.
- Descobrir e analisar o mundo da realidade, das ideias e das palavras, construindo, entendendo, expressando e/ou modificando seus pontos de vista.
- Despertar o interesse dos alunos em usar a escrita como uma forma de comunicação, de interlocação.
- Desenvolver as habilidades intelectuais de reflexão, interpretação, análise e síntese.
- Fazer o aluno tomar consciência do funcionamento da língua como um sistema de estruturas, tornando explícita a gramática implícita em seu uso da língua.
- Desenvolver o gosto pela leitura, levando o aluno a fazer dela uma forma habitual de fazer.
- Ampliar, através da leitura, o universo vivencial do aluno.
- Internalizar novos recursos de expressão linguística.

PLANEJAMENTO ANO LETIVO 2003-2002

CURSO: FUNDAMENTAL / *COLÉGIO ESTADUAL*
 DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA, LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO.
 PROFESSORES:

Metodologia

Alguns aspectos metodológicos podem ser apontados como essenciais ao se desenvolver a programação de Língua Portuguesa.

O primeiro dele diz respeito ao processo de aprendizagem da língua que ocorre em situações normais de comunicação. É, portanto, a partir da linguagem utilizada pelo aluno que se deve orientar todo o estudo da língua. As atividades de expressão oral devem habilitar o aluno a utilizar as variantes de linguagem que já domina, adequando-as a diferentes situações e leva-lo a aprender a utilizar a variante culta, nas situações que é exigido: a variante culta, padrão, contemporânea, mas não a literária. Isso não significa que não se possa fazer incursões por outras variantes da língua, quando essas sejam necessárias, para maior flexibilidade dentro do ensino e para dar aos alunos maior eficiência comunicativa.

Um segundo aspecto a ser enfatizado refere-se à expressão escrita. O trabalho docente de conduzir o aluno ao registro de suas ideias através da escrita deve decorrer das atividades de expressão oral. A linguagem oral deve se constituir no fundamento a partir do qual o aluno irá desenvolver, gradativamente, suas habilidades de expressão escrita.

A sistematização do estudo da língua deverá decorrer das atividades propostas para o desenvolvimento da expressão oral e escritas. Não se trata de enfatizar os aspectos gramaticais isoladamente, mas de possibilitar ao aluno a compreensão da estrutura da língua pela sua utilização. (A gramática de uma língua, conforme preende a Linguística, é o sistema de regras que especifica a relação associativa entre uma forma fonética ideal e uma interpretação semântica).

"O ensino de língua materna não pode se limitar a um tipo de atividade, técnica ou método. É preciso estabelecer a variedade: não se pode ficar limitado apenas ao treinamento indutivo dos exercícios estruturais que desenvolvem automatismos, internalizando regras; nem se apegar aos procedimentos analítico-reflexivos de ensino da língua que visam apenas a área cognitiva, levando aos entendimentos dos fatos da língua. Não se pode, ainda, ficar limitado ao trabalho sistêmico de respostas previstas, é preciso permitir, na verdade, expressão livre; não se deve banir a falha e a hesitação como quer o behaviorismo; é preciso permitir ao aluno testar suas hipóteses para que ele adquira autonomia de ação dentro da língua". É preciso permitir-lhe flexibilidade de uso adequado da língua, porque cada situação possui toda uma gama de variações estruturais, lexicais com implicações semânticas, a qual permite a efetivação plena da criatividade do aluno. O qual se deve, pois, é estar ciente de que os exercícios e estruturas sozinhos não podem assegurar ao aluno assenhora-se de forma total da língua materna e cujo ensino, fica claro, visa tanto à capacidade de utilização ativa dos mecanismos linguísticos (em termos de codificação e decodificação) quanto a compreensão dos mesmos.

Pergunta-se em que medida os exercícios estruturais anexam-na criatividade do aluno, ter-se-á respostas diferentes conforme o sentido de criatividade que for considerado. Quando se trata da criatividade linguística, observa-se que os exercícios estruturais têm uma grande influência, pois, neste caso, é preciso lembrar que os exercícios estruturais levam a internalização de unidades e regras combinatorias da língua e são estas que regem toda a criatividade linguística que permite ao falante produzir e entender frases que nunca ouviu antes.

Se, todavia, criatividade for considerada como a capacidade de ter novas ideias, de produzir páginas literárias, de trazer à luz novas formas e pensamentos, os exercícios estruturais parecem não

ter qualquer influência. Disso se conclui que os exercícios estruturais, capazes de treinar e internalizar desde mecanismos básicos da língua até mecanismos utilizados na língua literária, se utilizados adequadamente e pelo professor, desenvolverão a competência linguística do aluno, dando-lhe condições de utilizar a língua de maneira adequada e criativa em toda e qualquer situação de comunicação.

Por tudo que ficou dito, os exercícios estruturais são umas técnicas de utilização perfeitamente válidas no ensino de língua materna, desde que se esteja atento a suas limitações e a sua adequada construção e aplicação.

(Metodologia e Prática do Ensino da Língua Portuguesa=
Luiz Carlos Travaglio, Maria Helena Santos Araújo e
Maria Joaquina de Faria Alvim Pinto).

OBJETIVOS

Desenvolvimento de habilidades que permitam a comunicação eficiente e a expressão criadora através de três grandes conjuntos: - leitura e comunicação.

- redação.
- gramática.

- Interpretar, com eficiência mensagens lidas, escritas, ouvidas e vistas;
- Elaborar e transmitir mensagens através de linguagem verbal e ou não-verbal, organizando-as conforme o receptor e objetivo;
- Expressar de forma criativa, idéias, sentimentos e emoções através de recursos linguísticos, sonoros, plásticos corporais;
- Interferir, pelo uso do idioma, suas principais relações sistemáticas;
- Ler expressiva e compreensivamente;
- Utilizar-se, com eficiência de fontes de referência, como dicionários, livros, revistas, periódicos, vídeos, programas de TV...
- Reconhecer o funcionamento da língua (morfossintaxe);
- Grafar corretamente palavras de linguagem oral;
- Possibilitar o acesso à produção cultural da humanidade e a participação plena no mundo letrado em que vivemos;
- Formação de cidadãos que exponham suas idéias com clareza, apresentando opiniões e argumentos pertinentes;
- Interação como elemento transformador do indivíduo e do grupo;
- Necessidade de superar ao desconhecido encarando o erro ou o engano como parte de um processo construtivo;
- Mobilização do aluno para o trabalho em grupo de forma a valorizar as diferentes formas de pensar e produzir;
- Ler expressiva e compreensivamente.

Competências e Habilidades

- ❖ Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.
- ❖ Compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.
- ❖ Dominar a leitura, escrita e as diversas linguagens utilizadas pelo homem.
- ❖ Analisar, sintetizar e interpretar dados, fatos e situações.
- ❖ Compreender seu entorno social e atuar sobre ele.
- ❖ Planejar, trabalhar e decidir em grupo.

- ❖ Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes línguas como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.
- ❖ Localizar, acessar e usar melhor a informação acumulada.
- ❖ Formar regras de uso da língua, a partir de generalizações.
- ❖ Ver o estudo gramatical como um momento de reflexão, debates e questionamento, não tomar esse estudo como absoluto criando-se peio uso da língua em suas diversas modalidades.
- ❖ Considerar a Língua Portuguesa como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais e como representação simbólica de experiências humanas manifestas nas formas de sentir, pensar e agir na vida social.
- ❖ Levar o aluno a observar, perceber e descobrir e refletir sobre o mundo e interagir com seu semelhante através do uso funcional da linguagem;
- ❖ Desenvolver a competência do educando no uso da língua para a solução de problemas cotidianos;
- ❖ Possibilitar o acesso à produção cultural da humanidade e a participação plena no mundo letrado em que vivemos.

AVALIAÇÃO

A avaliação nos dá pistas concretas do caminho que o aluno está fazendo para se apropriar efetivamente das atividades verbais: a fala, a leitura e a escrita.

O aluno será avaliado no avanço de seu próprio processo de apropriação da linguagem sempre em relação ao seu próprio ponto de partida tanto na produção escrita do aluno, quanto nos textos orais. efetuar registros para ter uma referência da evolução do aprendizado do aluno. Ter o aluno como ponto de partida não implica no abandono do mesmo ao seu próprio ritmo. Ao contrário, através do estabelecimento de metas precisas vai-se garantir o cumprimento de um conteúdo mínimo.

- Quanto à leitura, mais do que a pronúncia e a enunciação, o aluno será avaliado pela compreensão crítica do conteúdo. Neste sentido, será objeto de avaliação a sua progressiva capacidade de analisar o texto do outro, quanto a sua clareza, coerência, unidade temática, consistência argumentativa e identificação dos objetivos do texto analisado.
- Problemas de oração: refere-se ao domínio da norma padrão que envolve, basicamente, concordância verbal e nominal, regência verbal e nominal, flexão nominal e verbal, domínio do gráfico, que compreende grafia, pontuação e acentuação.
- Problemas de coesão textual: Refere-se ao domínio da estrutura do texto, tanto no aspecto temático (unidade temática), quanto à articulação entre as frases, os períodos e as três partes construtivas do texto (introdução, desenvolvimento e conclusão)
- Problemas de argumentação: Refere-se à clareza, à coerência e consistência argumentativa que o texto precisa ter para atingir o objetivo ao qual se propõe. Nesse caso esses elementos devem ser avaliados, levando-se em conta o nível de produção do aluno, o interlocutor a que se destina o texto e o objetivo do texto.
- Apresentação formal: uso de parágrafos, letra maiúscula, pontuação, acentuação, etc.
- Observação.
- Coletão de trabalhos dos alunos
- Provas ou testes de respostas abertas e itens objetivos: dissertação (ou ensaio), de testes objetivos, de completar (lacunas), de falso e verdadeiros, de associação, de múltipla escolha.
- Exercícios estruturais: de repetição, substituição, transformação, estruturas dialogais.

5ª série Planejamento do ano todo

1º Bimestre.

LINGUAGEM: ANÁLISE, REFLEXÃO E USO	A PALAVRA ESCRITA E FALADA	PRODUÇÃO DE TEXTO
- A formação da palavra	A palavra e a imagem. Da palavra insaciável - texto. Formação da palavra.	Brincadeira com a palavra escrita. Correspondência.
- Uso do substantivo Nomes comuns e nomes próprios.	Alfabetos, letras e sons. Classificação dos fonemas, vogais, semivogais e consoantes. Sílabas.	Frase-Oração. A frase e a pontuação. Narração oral. Narração em 1ª pessoa. Recriar a partir de texto. Narração em 3ª pessoa.
- Substantivo. Adjetivo. Locuções adjetivas.	O fonema sê O fonema zê Verbos com z.	Produção de frases: a) Adjetivos e locuções adjetivas. b) Período composto. O uso da vírgula. Discurso direto e indireto - Narração com diálogo. Narração em 1ª pessoa. Dramatização.
2º Bimestre		
- Substantivos-classificação. Substantivos uniformes e bifírmes. Substantivos e adjetivos.	As palavras quanto ao número de sílabas. As sílabas tônicas e tônicas. O uso do hífen.	A arte na representação gráfica do texto. Uma página de diário. Completar o texto básico. Comentando sobre os sentimentos.
- Forma popular e culta na linguagem. Exercícios com frases, períodos simples e compostos. Gêneros dos substantivos. Arma. Número dos substantivos.	Acenuação: -de verbos no infinitivo com pronomes oblíquos. -verbos flexionados na 3ª pessoa do singular e do plural. Emprego do e e i nos verbos flexionados. Uso do m na 3ª pessoa no plural.	Leitura e compreensão do contexto. Um final para a história começada. Bilhete. Brincando com a imagem gráfica das palavras.
- Adjetivos Pátrios. Gênero e número dos adjetivos.	Palavras de sentido igual e sentido diferente. Acenuação das palavras proparoxítonas. Plural dos diminutivos em s e z.	Na frase: -Quem? O que? Como? Onde? -O presente e o passado -Períodos simples e compostos. Na pontuação: -Exclamação, reticência e

<p>Pronomes pessoais: -caso reto -caso oblíquo -tratamento.</p>	<p>3º Bimestre</p> <p>Acentuação dos monossílabos. Acentuação dos oxítonos. Uso do ês, ez, esa e eza.</p>	<p>virgula. Na expressão escrita: -terminar a história -história em quadrinhos</p>
<p>Pronomes possessivos.</p>	<p>Acentuação das paroxítonas. Acentuação dos hiatos. Cedilha. Til</p>	<p>Na frase e na pontuação: -uso do hífen. -uso de advérbios. -uso de antónimos. Na expressão criativa: -carta -biografia.</p>
<p>Pronomes possessivos. Pronomes demonstrativos.</p>	<p>O uso do por que, por quê, porque, porquê. Separação silábica dos hiatos e ditongos. Uso do s e z.</p>	<p>Na frase: Uso do pronome oblíquo Discurso direto e indireto Na pontuação: Ponto de exclamação. Na expressão criativa: Descrição oral. Narrar à vista de gravura. Recortar o texto</p>
<p>Verbos. Número e pessoa. Tempo. Modo. Conjugações.</p>	<p>4º Bimestre</p> <p>Acentuação das paroxítonas. Emprego do E e I Emprego do põe e põem. Emprego dos verbos entrar e sair – subir e descer.</p>	
<p>Modo indicativo. Modo subjuntivo. Modo imperativo. Afirmativo e negativo.</p>	<p>Ao e am. Hiatos e ditongos. Acentuação de ditongos abertos e proparoxítonas. Terna. Uso dos verbos haver, fazer e OUVIR.</p>	<p>Criar rimas: criar texto em prosa. Continuar texto em verso A poesia brinca com imagens e palavras.</p>
<p>A frase descritiva. Sujeito e predicado. Preposições, advérbios e numerais em frases narrativas, descritivas e informativas.</p>	<p>Uso de nós – voz, vós – voz. O prefixo in em antónimos.</p>	<p>Na frase: -ampliando -uso de advérbios -número -ação, modo e lugar Na pontuação: o vocativo e a virgula. Na expressão criativa: pegadinha musical -imagem visual -narração em 3ª pessoa</p> <p>Na frase: -ampliando</p>

ANEXO C - Modelo de questionário aplicado aos alunos

QUESTIONÁRIO – ALUNOS

,

SÉRIE: _____

JÁ REPROVOU ALGUMA VEZ? SIM () NÃO ()

SE REPROVOU, QUANTAS VEZES? _____

QUAL É O GRAU DE ESCOLARIDADE DE:

a) SUA MÃE:

PRIMÁRIO COMPLETO () 1º GRAU COMPLETO () 2º GRAU COMPLETO ()
CURSO SUPERIOR () PÓS GRADUAÇÃO ()

b) SEU PAI

PRIMÁRIO COMPLETO () 1º GRAU COMPLETO () 2º GRAU COMPLETO ()
CURSO SUPERIOR () PÓS GRADUAÇÃO ()

O QUE VOCÊ LÊ?

GIBIS () LIVROS INDICADOS PELOS PROFESSORES () JORNAIS ()
REVISTAS INFORMATIVAS (VEJA, ISTO É) () OUTROS: _____
NÃO LÊ ()

O QUE VOCE FAZ NOS MOMENTOS DE LAZER?

LÊ () ASSISTE TV () PASSEIA COM A FAMÍLIA ()
VAI AO CINEMA () VISITA AMIGOS () BRINCA COM AMIGOS ()
OUTROS: _____

QUE PROGRAMAS DE TELEVISÃO ASSISTE?

FLIMES () DESENHOS ANIMADOS () NOVELAS () JORNAIS ()
OUTROS: _____

QUAL O SEU PROGRAMA DE TELEVISÃO FAVORITO?

TEM COMPUTADOR EM CASA? SIM () NÃO ()

EM CASO AFIRMATIVO:

a) ACESSA A INTERNET? SIM () NÃO ()

b) NA INTERNET VOCÊ:

FAZ PESQUISA ESCOLARES () JOGA ()

ENTRA NAS SALAS DE BATE-PAPO () ENTRA EM SITES INFANTIS ()

OUTROS: _____

ANEXO D - Modelo de questionário aplicado às professoras

QUETIONÁRIO PROFESSORES

1. FORMAÇÃO:

Graduação: _____ Ano de conclusão: _____

Pós-graduação: _____ Ano de conclusão: _____

Mestrado: _____ Ano de conclusão: _____

2. HÁ QUANTOS ANOS ATUA NO ENSINO FUNDAMENTAL?

3. LECIONA EM ESCOLA PUBLICA OU PARTICULAR?

4 RELACIONE POR ORDEM DE IMPORTÂNCIA TRÊS OBJETIVOS PARA O ENSINO DA LINGUA POETUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL.

5. NUMA ESCALA DE 0 A 10, QUE IMPORTÂNCIA DÁ EM SUAS AULAS À:

a)Leitura e interpretação de textos: _____

b)Gramática: _____

c)Produção de texto escrito: _____

d)Oralidade: _____

6. CITE EXEMPLOS DE TRABALHOS COM ORALIDADE REALIZADOS EM SUAS AULAS.
